

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

LUCIANA DO CARMO NARCISO

**A POLÍTICA E A CONSTRUÇÃO DE UM DISCURSO MUSEOLÓGICO E
ARQUIVÍSTICO EM CARANGOLA – MG
(1952-2020)**

VIÇOSA – MINAS GERAIS

2020

LUCIANA DO CARMO NARCISO

**A POLÍTICA E A CONSTRUÇÃO DE UM DISCURSO MUSEOLÓGICO E
ARQUIVÍSTICO EM CARANGOLA – MG
(1952-2020)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientador: Gustavo de Souza Oliveira

VIÇOSA – MINAS GERAIS

2020

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

N222p
2020

Narciso, Luciana do Carmo, 1995-

A política e a construção de um discurso museológico e arquivístico em Carangola – MG (1952-2020) / Luciana do Carmo Narciso. – Viçosa, MG, 2020.

250 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui apêndices.

Orientador: Gustavo de Souza Oliveira.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.226-234.

1. Museus - Carangola (MG). 2. Arquivos. 3. Patrimônio cultural. 4. Inventários. I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania. II. Título.

CDD 22. ed. 069.075098151

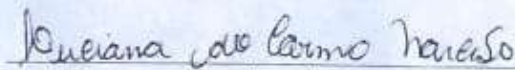
LUCIANA DO CARMO NARCISO

A POLÍTICA E A CONSTRUÇÃO DE UM DISCURSO MUSEOLÓGICO E
ARQUIVÍSTICO EM CARANGOLA-MG
(1952-2020)

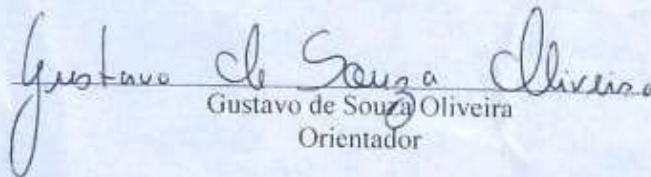
Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 27 de agosto de 2020.

Assentimento:



Luciana do Carmo Narciso
Autora



Gustavo de Souza Oliveira
Orientador

Dedicada à minha vovó Fé – *in memoriam*.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao apoio incondicional da minha família. Aos meus pais, Luciléia e Luís por abraçarem todos os meus projetos, por confiarem em mim e pela amizade. Meus pais são as pessoas mais fortes que conheço e sempre serão minhas maiores referências.

À minha irmã Ana, minha melhor amiga, por acreditar em mim mais do que eu mesma acredito. À minha querida irmã Ana Luiza, que gentilmente me acompanhou diversas vezes em minhas idas ao Museu e ao Arquivo.

Ao meu noivo Luiz Felipe por saber lidar com todas as minhas ausências, por me acolher, por todo o carinho e cuidado. *Sole Nero*, você torna a existência menos angustiante.

Ao meu cunhado Mathews Edwards, pela colaboração, paciência e por se prontificar a atender sempre às minhas necessidades.

Aos meus sogros, Luiz Cláudio e Ednaura, por me acolherem e abraçarem também as minhas pesquisas e todos os meus projetos.

Ao meu orientador, Gustavo Oliveira, pela paciência, por compartilhar tantos ensinamentos e por fazer com que esta jornada tenha sido percorrida da melhor forma possível e principalmente, por ser compreensivo.

Aos meus professores da graduação, principalmente à minha querida Érika Amorim e ao estimado Rafael Castro por incentivarem a continuidade da minha formação, e que através de projetos e Grupos de Estudo fomentaram meu interesse pelo Museu e Arquivo de Carangola.

Às minhas queridas amigas Miriã Ramalho e Abilene de Sá por terem se tornado meu abrigo em Viçosa e por terem feito com que todos os dias fossem únicos. Neste ensejo também agradeço imensamente ao meu querido amigo Thomas Pinheiro por todo apoio e acolhimento.

Às minhas amigas Bruna Batista, Carolina dos Anjos, Anna Martins e ao meu grande amigo Eros Gabriel, pelo suporte emocional, por serem pacientes, compreensivos e sempre me incentivarem.

À minha amiga de mestrado Savilly Buttros por todas as conversas, pelo apoio em períodos difíceis, pelos bons momentos e por ser sempre doce e sensível.

Aos colegas de sala por todas as vezes agradáveis que compartilhamos, em especial ao colega Edinir Damasceno pela presteza ao me auxiliar com as eventuais dúvidas.

Ao meu estimado colega de graduação e ex-funcionário do Museu e Arquivo, José Antônio, por ter contribuído desde o começo com esta dissertação.

Às queridas Livia Murer e Luciana, aos caros Gustavo Vieira e Eduardo Pimentel, agradeço por compartilharem suas experiências com os acervos.

À Secretaria de Cultura de Carangola e demais funcionários.

Aos professores Denílson de Azevedo e Jonas Marçal, membros da banca debatedora da qualificação, por todas as críticas e sugestões que nesta dissertação foram incorporadas. Aos membros da banca de defesa por terem aceito o convite e trazerem considerações enriquecedoras.

Por fim, agradeço a todos que de algum modo contribuíram para a realização desta dissertação e injustamente não os mencionei.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”.
LEGOFF, J.

RESUMO

NARCISO, Luciana do Carmo, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, agosto de 2020. **A política e a construção de um discurso museológico e arquivístico em Carangola – MG (1952-2020)**. Orientador: Gustavo de Souza Oliveira.

Esta dissertação versa sobre a história do Arquivo Histórico-Geográfico Municipal (AHGM), atual Centro de Documentação Histórica, e o Museu Histórico Municipal (MHM). Os capítulos que compõem este trabalho trazem considerações sobre os processos de constituição dos acervos do AHGM e do MHM, por meio da análise dos conteúdos produzidos pelos jornais **Gazeta de Carangola, Folha da Mata e Jornal da Cidade** entre 1952 e 2003. Além dessa documentação, utilizamos as atas do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural de Carangola, entre 1997 e 2020. Este período corresponde ao ano de criação do Conselho e data da conclusão desta dissertação. Buscamos compreender os contextos em que se inseriram o processo de constituição dos acervos e quais eram suas principais demandas e expectativas. Percebemos ao longo da pesquisa que desde a criação do MHM, determinadas narrativas são postas em detrimento de outras, o que acentua as diferenças entre comunidade e acervo, muitas vezes denunciadas através dos jornais como desinteresse. No que concerne ao AHGM, a ausência de uma gestão de arquivos sempre comprometeu seu funcionamento e os espaços designados para o AHGM não conseguiam suportar a demanda que a produção arquivística impõe. Ainda que ao longo da trajetória de ambas as instituições seus diretores tenham buscado melhorias, as transformações administrativas, sejam elas no âmbito municipal ou interna às instituições, provocam cisão entre as práticas anteriores. As discontinuidades e os recomeços marcam significativamente a história do Museu e do Arquivo. Esta dissertação se estende a uma dimensão prática, onde, com intuito de contribuir com a documentação do acervo do MHM, elaboramos o Inventário de cinco coleções do MHM, e, em relação ao AHGM, participamos da recuperação do acervo de sua hemeroteca afetado pela enchente de 2020.

Palavras-chave: Museu. Arquivo. Patrimônio Cultural. Carangola. Inventário.

ABSTRACT

NARCISO, Luciana do Carmo, M.Sc. Univeridade Federal de Viçosa, August, 2020. **Politics and the development of a museological and archivist discourse in Carangola – MG (1952-2020)**. Advisor: Gustavo de Souza Oliveira.

The present dissertation addresses about the trajectory of the Historical-Geographic Municipal Archive (HGMA) and the Historical Municipal Museum (HMM). The chapters composing this dissertation bring considerations about the constitutive procedures of the HGMA and HMM's collection, through the analysis of the content published by the newspapers **Gazeta de Carangola**, **Folha da Mata** and **Jornal da Cidade**, comprehending the period between the years of 1952 and 2003. Beyond this documentation, we utilize the minutes of the Deliberative Council of Historical and Cultural Heritage, between the years 1997 and 2020. This period corresponds to the council's foundation year until the completion date of this research. We seek to understand the contexts in which the process of constituting the collections of the HGMA and HMM and which were their main demands and expectations. We realized throughout the master thesis, that since the foundation of the HMM, certain narratives are affirmed to the detriment of others, and this accentuates the differences between community and collection, often denounced through newspapers as disinterest. As far as HGMA is concerned, the absence of file management has always compromised its functioning. The spaces designated for the HGMA could not withstand the demand that archival production imposes. Even though, throughout the trajectory of both institution, its directors have sought improvements, the administrative transformations, at the municipal or internal level of the institutions, they lead to a split between the previous practices. The discontinuity and the processes of restart mark deeply the Museum and Archive's history. This master thesis extends to a practical dimension, where in order to contribute to the documentation of the MHM's collection, we elaborated the inventory of five MHM's collection categories, and regarding the AHGM, we took part in the recovery work of its newspaper library collection, affected by the flood in 2020

Keywords: Museum. Archive. Cultural Heritage. Carangola. Inventory.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 1 – Rogério Carelli na porta da sede provisória do Museu Histórico Municipal – 1982.. | 21 |
| Figura 2 – Salas de exposições do Museu Histórico Municipal em 1992..... | 25 |
| Figura 3 – Captura de tela do vídeo que mostrava a rua onde o MHM e AHGM estavam localizados – 2020. | 34 |
| Figura 4 – Voluntários limpando o prédio do MHM – 2020. | 35 |
| Figura 5 – Arquivo Histórico Geográfico Municipal acomodado em sua nova instalação à Rua Pedro de Oliveira – 1991..... | 39 |
| Figura 6 – Reorganização do Arquivo Histórico Geográfico Municipal – 2009..... | 43 |
| Figura 7: – Sala do CEDOC-HIS durante pesquisas para a presente dissertação – 2019. | 46 |
| Figura 8 – Acervo afetado e início do trabalho de secagem de jornais – 2020. | 47 |
| Figura 9 – Peças do MHM após a mudança de endereço – 2020..... | 95 |
| Figura 10 – Exemplificação de Número de Registro – 2020. | 104 |
| Figura 11– Exemplificação de Número de Registro designando peças que podem ser dissociadas – 2020. | 104 |

LISTA DE SIGLAS

AHGM – Arquivo Histórico-Geográfico Municipal

CEDOC – Centro de Documentação

CEDOC–HIS – Centro de Documentação Histórica

CONSEMPAHCC – Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural de Carangola

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MHM – Museu Histórico Municipal

MHGCC – Museu Histórico-Geográfico-Científico Carangolense

FAFIE – Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras de Carangola

UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

CONARQ – Conselho Nacional de Arquivos

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

ICOM – Conselho Internacional de Museus

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Reuniões do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural de Carangola e as ocasiões em que o Museu Histórico Municipal esteve em pauta – 1997 a 2020.. 28

Gráfico 2 – Reuniões do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural de Carangola e as ocasiões em que o Arquivo esteve em pauta – 1997 a 2020. 40

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 13 |
| PARTE 1 | 19 |
| CAPÍTULO 1: | 20 |
| MUSEU HISTÓRICO-GEOGRÁFICO CIENTÍFICO DE CARANGOLA E O ARQUIVO HISTÓRICO GEOGRÁFICO MUNICIPAL: O <i>LOCUS</i> ENTRE LUGARES E GESTÕES | 20 |
| 1.1 – O MUSEU HISTÓRICO-GEOGRÁFICO CIENTÍFICO DE CARANGOLA | 20 |
| 1.2 – ARQUIVO HISTÓRICO GEOGRÁFICO MUNICIPAL..... | 37 |
| CAPÍTULO 2 | 50 |
| A CONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA MUSEALIZADA E ARQUIVÍSTICA CARANGOLENSE | 50 |
| 2.1 – O PASSADO, A MEMÓRIA E O MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL | 51 |
| 2.2 – MEMÓRIA ARQUIVÍSTICA DE CARANGOLA: O ARQUIVO HISTÓRICO- GEOGRÁFICO MUNICIPAL..... | 77 |
| CONSIDERAÇÕES | 89 |
| PARTE 2: PRODUTO | 92 |
| CAPÍTULO 3 | 93 |
| DOCUMENTAÇÃO DE ACERVO MUSEOLÓGICO: UM INVENTÁRIO DE COLEÇÕES DO MHM | 93 |
| 3.1 – COMPREENDENDO O PROCESSO DE MUSEALIZAÇÃO DOS OBJETOS | 97 |
| 3.2 – A DOCUMENTAÇÃO DOS ACERVOS MUSEOLÓGICOS E SUAS DIRETRIZES: O PROCESSO DE INVENTÁRIO DE COLEÇÕES DO MHM | 101 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 107 |
| INVENTÁRIO DAS COLEÇÕES DE FERROS DE PASSAR, MÁQUINAS DE CONTABILIDADE, MÁQUINAS DE COSTURA, MÁQUINAS DE ESCREVER E PORCELANAS DO MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL..... | 110 |
| REFERÊNCIAS..... | 218 |
| APÊNDICE..... | 235 |

INTRODUÇÃO

Carangola é um município do Estado de Minas Gerais que integra a mesorregião da Zona da Mata e a microrregião de Muriaé, situadas a leste do Estado. Até o século XVIII, O Arraial Novo, atualmente conhecido como Carangola, pertencia à Vila do Ribeirão do Carmo, atual Mariana. A expansão da até então Vila de Santa Luzia do Carangola – nomenclatura adquirida após ser reconhecida como distrito em 1881 – teve início com sua emancipação em 1882 e com o estabelecimento da Estrada de Ferro Leopoldina no ano de 1887.

Tendo a agricultura como atividade econômica preponderante, a inserção do cultivo do café em 1848 corroborou para seu desenvolvimento. A atividade aos poucos tornou-se mais recorrente que a exploração auríferas. Paulo Mercadante¹ discorre que uma interpretação convencional levar-nos-ia a considerar o aumento do fluxo demográfico unicamente como fruto da expansão cafeeira e seu declínio como movimento inverso da mesma. O autor esclarece que devemos considerar os fatores geográficos e naturais favoráveis à agricultura que marcam a história do município e se constitui como principal atividade econômica.

O crescimento econômico da Carangola esteve marcado pela história da ferrovia, uma vez que o desenvolvimento da cultura cafeeira trouxe consigo novas demandas tanto da forma de produzir, como também das formas de transportar o que era produzido. As (re)configurações sociais, políticas e econômicas sofridas por Carangola, sobretudo, a partir deste contexto, deixaram vestígios impressos na paisagem, nas produções documentais, nas formas de comunicação e também nas manifestações da cultura material e imaterial. Incontáveis são os testemunhos que evocam o passado de Carangola. Para reuni-los contamos com o apoio de instituições como bibliotecas, museus e arquivos.

Nesta dissertação discorreremos sobre o Arquivo Histórico-Geográfico Municipal (AHGM) e o Museu Histórico-Geográfico Científico Carangolense (MHGCC), criados no final da década de 1950. Naturalmente, estas instituições traziam em sua gênese a importância de perpetuar e preservar a memória carangolense expressa através de seus documentos, objetos e narrativas. Ao lidarmos com os acervos do MHGCC e do AHGM colocamos diversas temporalidades e experiências da cidade em discussão. O cerne desta pesquisa consiste na relação entre a memória

¹MERCADANTE, Paulo. **Crônica de uma Comunidade Cafeeira**: Carangola: O Vale e o Rio. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990.

e a constituição dos acervos do Museu e Arquivo, analisadas a partir dos conteúdos das notícias vinculados por jornais de Carangola, Minas Gerais.

Conceber a imprensa enquanto fonte histórica, de acordo com Lucas Vieira² em referência à Robert Darton, é uma operação em via de mão dupla, pois se por um lado constitui a memória de uma época, por outro também se coloca como agente histórico e não só como um de seus acontecimentos. Há pouco tempo estudos que utilizam a imprensa como fonte passaram a ser presentes nas investigações históricas. Isto se deve ao fato de que por um longo período os periódicos foram considerados apenas como um “reprodutor de um discurso ideológico dominante”³, concepção que desconsiderava sua relevância enquanto meio de comunicação que serve como testemunho de acontecimentos cotidianos.

A imprensa Carangolense emergiu em um período em que a cidade regozijava de grande prestígio regional devido ao fluxo de sua economia agropastoril. “A elite reclamou um jornal, que não seria o único, pois, constituído o poder, se articulavam governo e oposição.”⁴ Em 1883, era impresso o primeiro volume do jornal **O Carangola** e, em 1884, **O Americano**. Outros jornais surgiram após a proclamação da República, período em que a cidade se encontrava numa fase de expansão cafeeira e implantação da ferrovia. Esse contínuo crescimento da cidade trouxe consigo, em 1890, os jornais **A Lavoura**, **O Radical**, **A Opinião**, **O Tentamem**. Em 1892, **O Rebate**. Dois anos à frente era editado **O Monitor Mineiro** e, em 1897, **Gazeta da Matta**. Faz-se pertinente ressaltarmos que os jornalistas eram comumente médicos, advogados e professores, conforme nos informa Paulo Mercadante⁵.

No acervo da hemeroteca do Arquivo, encontram-se exemplares de periódicos publicados entre 1883 e 2003. Nesta dissertação utilizaremos os jornais **Gazeta de Carangola** fundado em 1917, existente até hoje como razão social do **Jornal do Vale**; o jornal **Folha da Mata** criado em 1950, que saiu de circulação em 2013; a primeira geração⁶ do **Jornal da Cidade** criado em 1992; e **O Liberal**, criado em 1959 e circulou por apenas este ano.

²VIEIRA, Lucas Schuab. **A Imprensa como Fonte para a Pesquisa em História: Teoria e Método**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/vieira-lucas-2013-imprensafonte-pesquisa.pdf>. Acesso em: 17 de agosto de 2019

³ABREU; Alzira Alves de et al. **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos 50**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.7.

⁴Cf. MERCADANTE, Paulo. **Op. cit.** p.13, p.15.

⁵**Ibid.**

⁶A página *online* do **Jornal da Cidade** se intitula “a segunda geração”, sendo portanto, a primeira referente às edições impressas.

A seleção desses jornais se deve ao fato de só termos encontrado neles ocorrências relacionadas ao AHGM e ao MHGCC. Foram analisados jornais do período compreendido entre 1952 e 2003. O recorte do ano inicial se justifica dado a primeira exposição de antiguidades em Carangola, e 2003 por ser o último ano em que constam registros de jornais na hemeroteca do AHGM. Entre jornais com publicações semanais, mensais e quinzenais, e as vezes em um mesmo período, por exemplo, no mesmo semestre com publicações mensais, o jornal publicava semanalmente ou quinzenalmente, estimamos ter consultado entre 3.000 e 3.500 exemplares. O quadro contido no APÊNDICE – A, demonstra a relação dos jornais pesquisados e os títulos de suas matérias que se vinculam com o tema analisado.

Acrescentamos às nossas fontes, atas de reuniões do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural de Carangola (CONSEMPAHCC) criado em 1997. Nos APÊNDICE – B e APÊNDICE – C, apresentamos tabelas com as atas pesquisadas, discriminando-as por número, data da reunião, resumo e destacamos as menções ao Museu e Arquivo. Além das vezes em que o MHGCC e AHGM estiveram em pauta, examinamos a partir das atas do CONSEMPAHCC, os processos de reconhecimento dos patrimônios de Carangola.

O reconhecimento de um bem enquanto patrimônio no Brasil pode ser feito a nível nacional tendo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como uma das autarquias responsáveis pela tutela e divulgação do Patrimônio Cultural Brasileiro. A nível estadual, no Estado de Minas Gerais existe o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA). Além destas esferas, o reconhecimento do patrimônio também pode ser efetivado a nível municipal. É válido esclarecermos ainda que a chancela dos patrimônios podem ter feitas por diversos órgãos, os que aqui foram mencionados são os principais.

Em Carangola existem 18 bens tombados através de decretos municipais. São eles o imóvel Escola Estadual Melo Viana; o imóvel do Fórum de Justiça Dr Xenofonte Mercadante; o imóvel Igreja de São Manuel do Boi; o imóvel da Estação Ferroviária; o imóvel da Estação Rodoviária Wingston Mendes de Souza; o Coreto de Alvorada; a Praça Coronel Maximiano; o Pontilhão de Ferro; o Cruzeiro; a fachada do prédio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Carangola – atual Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG); o Sítio Arqueológico do Distrito de Ponte Alta; o prédio da Escola Regina Pacis; a Imagem de São Geraldo; Igreja Matriz de Santa Luzia; Igreja Nossa Senhora do Rosário; Igreja do Sagrado Coração de Jesus; Estádio

Municipal Roseny Soares; Residência da Família Eisenlohr Andrade; prédio da Sociedade Beneficente Lyra 21 de Abril; e, o Acervo de Pinturas do Carangola Tênis Clube.

O Museu Histórico Municipal e o Arquivo Histórico não são tombados e, portanto, não são formalmente reconhecidos como patrimônio em nenhum dos âmbitos anteriormente apontados, a discussão em relação ao tombamento de seus acervos se delonga há mais de 30 anos. Iniciamos a pesquisa com a hipótese de que o não tombamento dos acervos do Museu e do Arquivo está relacionado não somente com os impactos das discontinuidades políticas provocadas por novos pleitos a cada quatro anos, mas também pelos impactados da inconstância administrativa do Museu e Arquivo.

Nossos objetivos consistiram em (a) identificar nos jornais que circula(va)m em Carangola matérias que abordem o Arquivo e o Museu de Carangola; (b) analisar as abordagens relacionadas ao MHM e ao AHGM e como traziam discussões sobre memória, cultura e patrimônio; (c) discorrer sobre as matérias que versam sobre o Arquivo e o Museu, ponderando sobre a construção do conteúdo veiculado; (d) compreender o processo de aquisição dos bens que compõem os acervos e os critérios adotados; (e) realizar reflexões práticas a partir das análises, visando contribuir com a preservação e difusão deste bem.

Quanto aos métodos e técnicas de pesquisa, nossas discussões foram propostas sob uma abordagem qualitativa apoiada na análise de conteúdo. De acordo com Laurence Bardin⁷, a análise de conteúdo diz respeito ao conjunto de técnicas de análise das comunicações, empregadas *a priori* nos Estados Unidos no século XX. Para a autora, esta técnica visa lograr através de procedimentos metódicos e objetivos de “descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.”⁸ Esta técnica consiste na análise de discursos e conteúdos de mensagens que se apoiam nas premissas da comunicação, tratando-se da busca pela análise crítica dos sentidos manifestos – ou não – nas comunicações.⁹

Em relação à estrutura da dissertação, nos dois primeiros capítulos nos debruçamos em análises sobre a constituição dos acervos do Museu e do Arquivo através de jornais, fotografias e atas, além de tecermos considerações teóricas relacionadas as abordagens da museologia e arquivologia e como suas (re)configurações afetaram – ou, se afetaram – os acervos. O terceiro

⁷BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977.

⁸**Ibid.**, p.16.

⁹SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª.ed. São Paulo: Cortez, 2007.p.121

capítulo corresponde à dimensão prática deste trabalho, no qual abordamos o “produto da dissertação”.

No primeiro capítulo intitulado *Museu Histórico-Geográfico Científico de Carangola e o Arquivo Histórico Geográfico Municipal: o Locus entre lugares e gestões*, apresentamos as instituições e o trajeto por elas percorrido, além de analisamos os espaços físicos que o Museu e o Arquivo estiveram condicionados, como são dirigidos e quais ações foram propostas para preservação e difusão de seu acervo. Este capítulo divide-se em *Museu Histórico-Geográfico-Científico de Carangola e Arquivo Histórico-Geográfico Municipal*.

O segundo capítulo recebe o nome de *A Constituição da Memória Musealizada e Arquivística Carangolense e suas relações com o passado*. Neste item discorreremos sobre o processo de constituição dos acervos e a maneira com que se relacionam com a memória e o passado. Dividimos estas discussões em duas partes e em ambas analisamos publicações dos jornais **Gazeta de Carangola**, **Folha da Mata** e **Jornal da Cidade**. A primeira parte se chama *O Passado, a Memória e o Museu Histórico Municipal*, e a segunda parte recebe o nome de *Memória Arquivística de Carangola: o Arquivo Histórico-Geográfico Municipal*. Ao final deste capítulo trazemos o item *Considerações..*

O terceiro capítulo recebe o nome de *Documentação de acervo museológico: um inventário das peças do MHM*. Dividimos este capítulo em três subitens: o primeiro é denominado *Compreendendo o processo de musealização dos objetos*, neste tópico apresentamos o percurso percorrido pelos objetos até que se tornem objetos musealizados. O segundo item que intitula-se *A Documentação dos acervos museológicos e suas Diretrizes: processo de Inventário de coleções do MHM*, onde discutimos questões técnicas normativas e apresentamos a maneira que elaboramos o inventário. No terceiro item abordamos a dimensão prática desta dissertação através do Inventário de cinco coleções do Museu: 1) Ferros de Passar; 2) Máquinas de Contabilidade; 3) Máquinas de Costura; 4) Máquinas de Escrever; e, 5) Porcelanas. Estas coleções compõem as categorias: Arte Sacra, Arqueologia, Mobiliário, Imagem e Som, Utensílios Domésticos, Ferramentas, Vestuário, Pinacoteca, Diversas, História Natural e Fotografias. Nossa proposta abrange apenas estas categorias por conta do curto tempo que tivemos para a conclusão desta dissertação e das dificuldades de acesso após os estragos decorrentes das fortes chuvas de janeiro de 2020.

A seleção das coleções inventariadas se deu a partir da observação das coleções que encontravam-se dispersas em razão da transferência do Museu para um novo endereço. As peças encontravam-se depositadas na sede provisória de forma desorganizada, o que comprometia a integridade do acervo. Organizamos todo o acervo que encontrava-se na sede provisória do Museu, no entanto, documentá-lo em sua totalidade não seria possível. Apesar de termos selecionado apenas estas coleções, higienizamos e acomodamos todos os objetos que lá se encontravam.

É recomendado que as instituições museológicas mantenham um inventário atualizado de seu acervo e o último levantamento fora realizado em 2000. Em razão da enchente de 2020, a necessidade de um novo inventário se acentuou devido a importância de mensurarmos os danos e as perdas ocasionadas não só pela enchente, mas com as reconfigurações do Museu ao longo dos anos – em razão dos espaços físicos e dos novos objetos adquiridos ou perdidos.

Em relação Arquivo, compreendemos que a dimensão prática desta dissertação o contemplou no curso de nossas ações para a recuperação do acervo de sua hemeroteca. Após higienizarmos e secarmos os jornais, organizamo-los de acordo com o ano de suas publicações e o nome do jornal, acomodando-os em pacotes plásticos, que apesar de não ser o recomendado, era o recurso disponível.

PARTE 1

CAPÍTULO 1:

MUSEU HISTÓRICO-GEOGRÁFICO CIENTÍFICO DE CARANGOLA E O ARQUIVO HISTÓRICO GEOGRÁFICO MUNICIPAL: O *LOCUS* ENTRE LUGARES E GESTÕES

*Por mim, meu Carangola, foram lidas
aquelas fantasias estupendas
do livro mitológico trazidas
pra me levar para o país das lendas.
Pesaram-se minhas pálpebras caídas
e num sono tranquilo, sem contendas,
percebi em meu sonho que o deus Midas
te dava toques de ouro, como prendas.
Britanio Salerno¹⁰*

Neste primeiro capítulo apresentaremos o histórico acerca da trajetória percorrida pelo Museu Histórico-Geográfico de Carangola (MHGCC) e Arquivo Histórico Geográfico Municipal (AHGM). Nos propomos a analisar as políticas para a gestão das instituições adotadas pelo poder público municipal. Para isto, analisaremos Decretos, Leis municipais e Atas de reuniões do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural de Carangola.

1.1 – O MUSEU HISTÓRICO-GEOGRÁFICO CIENTÍFICO DE CARANGOLA

O MHGCC e o AHGM são produtos do projeto apresentado à prefeitura no dia 14 de maio de 1959, durante a gestão do prefeito José Carlos de Souza (1959 a 1963). O MHGCC foi inaugurado provisoriamente durante a 16ª XVI Exposição Agropecuária de Carangola. Sua primeira sede encontrava-se sob as escadas da arquibancada do Estádio Municipal 7 de janeiro – atualmente o estádio se chama Estádio Roseny Soares. Neste período o MHGCC não era aberto ao público. Segundo informações obtidas no Museu, quando o MHGCC foi desativado em 1968, o acervo foi transferido para o prédio da prefeitura e essa mudança acarretou no extravio de peças, uma vez que tanto os funcionários da prefeitura, como os membros dos times de futebol tinham amplo acesso ao acervo.

¹⁰ SALERNO, Britânio. Meu acordar feliz. In: _____. **O Berço**. Carangola, 1982, p.14.

Durante a gestão de João Ubaldo (1971 a 1973), o MHGCC foi instalado no fundo da Biblioteca Municipal. As poucas peças remanescentes do acervo anterior foram expostas em vitrines. No entanto, na mesma gestão desativou-se o MHGCC novamente.

Em meados da década de 1970, vários projetos a fim de retomar as atividades do MHGCC e do AHGM foram propostos e difundidos através dos jornais da cidade. Estes movimentos intensificaram-se por conta da proximidade de 1882, ano em que se comemoraria o centenário da emancipação política Carangola. O prefeito Adinar Monteiro de Paula (1973 a 1981) nomeou através do ato 685 de 01 de março de 1981, o professor Rogério Carelli para organizar e dirigir o MHGCC,¹¹ exercendo o cargo de 1981 a 1991.

Sendo reinaugurado em 6 de janeiro de 1982, sob a administração do prefeito Alceu Moyzes Mattos, o MHGCC foi provisoriamente instalado à Rua Pedro de Oliveira, em uma sala onde funcionava a oficina de reparação da antiga companhia de luz que atendia o município, a Cia. Brasileira de *Transways* (fotografia abaixo). Em entrevista à **Gazeta de Carangola**, Rogério Carelli¹² garantiu que o AHGM seria anexado ao MHGCC, uma vez que ainda encontrava-se desativado.

Figura 1 – Rogério Carelli na porta da sede provisória do Museu Histórico Municipal – 1982.



Fonte: Página do Facebook do Museu Histórico Municipal.

¹¹MUSEU reabre em precárias condições. **Gazeta de Carangola**. Carangola. 1 a 15 maio 1987, p.5.

¹²MUSEU será registrado este ano. **Gazeta de Carangola**. Carangola. 10 abr. 1982, p.4.

O jornal **Gazeta de Carangola** publicou através do artigo *Museu será registrado este ano*¹³ que, em 1982, o Museu seria registrado e reconhecido junto ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o SPHAN. Apesar disso, até a conclusão desta dissertação, o Museu não foi registrado no atual IPHAN. A única peça do MHGCC que possui algum tipo de proteção é a Imagem de São Geraldo, uma escultura barroca, proveniente da Itália. A peça é tombada a nível municipal pelo decreto 4.129/2007 de 20 de março de 2007.

Em 1983, a Resolução nº02/83 aprovou o Regimento Interno do Museu, que trazia consigo preceitos para sua regência administrativa e econômica. O Regimento Interno (RI), estabelece como denominação genérica do Museu Histórico-Geográfico Científico de Carangola o termo “Museu Histórico Municipal”, além de designar o Museu como órgão cultural e didático. Como funções específicas, previa que a entidade em questão deveria catalogar, acolher e conservar objetivos das mais variadas origens, ademais, promover exposições e zelar pelo patrimônio municipal. Para além do exposto, o Museu Histórico Municipal poderia criar um laboratório para restauro das peças de seu acervo, uma oficina e um gabinete fotográfico, além de manter convênio com entidades estatais, federais e exteriores.

Ainda em 1983, através da homologação da Lei nº 2005, estabeleceu-se a separação entre o Museu e o Arquivo, vinculando-os à Secretaria de Educação. A Lei também impôs a necessidade da formação em nível Superior em Museologia ou História para exercer o cargo de Diretor do Museu.

As transformações sofridas pelo MHGCC, doravante chamado de MHM (Museu Histórico Municipal), se inserem a partir dos anos 1970 em um contexto de significativas transformações nas perspectivas museológicas. A Mesa redonda de Santiago do Chile em 1972 realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) para discutir o papel do museu na América-Latina, consolidou a concepção de Museu Integral com vistas a oferecer à comunidade experiências museológicas relacionadas a seu meio e cultura, onde os “museus devem intensificar seus esforços na recuperação do patrimônio cultural, para fazê-lo desempenhar um papel social.¹⁴” O papel social dos museus seria profundamente influenciado por sua relação com a educação. Como eco tardio – ou não –

¹³Cf. MUSEU, será. **Op. cit.**, p.21, p.8.

¹⁴ICOM (Conselho Internacional de Museus). **Declaração de Santiago**. Mesa Redonda de Santiago do Chile, 1972.

destas novas perspectivas, em 1983 o MHM fora vinculado ao Departamento de Educação de Carangola.

Em abril de 1987, o AHGM e o MHM novamente foram fechados e reabertos um mês depois. A **Gazeta de Carangola** denunciava através da publicação *Museu reabre com acervo em precárias condições*, que:

O Museu Histórico Municipal de Carangola, com acervo valioso, reabriu na semana passada depois de permanecer fechado durante todo o mês de Abril. O museu com sede provisória na Rua Pedro de Oliveira, no centro da cidade, estava abandonado pela Prefeitura. As peças históricas foram encontradas pela nova funcionária, Angela Maria Maia, em condições precárias de conservação.¹⁵

A sala destinada ao MHM não comportava mais uma doação sequer, tampouco oferecia a possibilidade de criação de novas seções. O acervo geográfico que era composto por poucas peças seria ampliado após essa transferência, acrescentando a ele mapas antigos da região. Quanto ao acervo científico, exemplares de minérios da região e animais empalhados seriam agregados a eles.

Argumentava-se através da **Gazeta de Carangola** que o MHM tinha como principal característica ser um museu regional, contemplando os municípios de Carangola, Espera Feliz, Tombos, Pedra Dourada, São Francisco do Glória, Caiana, Caparaó, Divino e Faria Lemos. Devido à falta de espaço, não era possível comportar objetos que atendessem às expectativas para o MHM, que objetivava encontrar um local mais apropriado para registrar, preservar e divulgar a memória da região.

Em 1991, foi sancionada a Lei nº 2.545 que subordinava o MHM e o AHGM ao gabinete do prefeito e estabelecia que a administração do Museu deveria ser uma administração mista. A Lei previa também que deveriam ser elaborados relatórios sobre as atividades do Museu e que os mesmos deveriam ser encaminhados à prefeitura. A título de esclarecimento, ressaltamos que não tivemos acesso aos relatórios em questão. Durante as pesquisas para a elaboração desta dissertação o MHM não estava em atividade, encontrar quaisquer documentos que não estivessem sistematicamente organizados era uma tarefa árdua e nesta empreitada não logramos êxito.

¹⁵ Cf. MUSEU reabre. **Op. cit.** p.21.

No ano de 1991, o MHM e o AHGM novamente foram fechados para reforma visando sua ampliação. A **Folha da Mata** trazia que,

Os documentos e utensílios da história carangolense estão armazenados, ou melhor, jogados, no Almoxarifado da Prefeitura e no Promasp¹⁶ do Triângulo, expostos à poeira e aos insertos, inclusive roedores. Tal fato vem preocupando a todos e o clamor é unânime: torna-se necessário que a obra da reforma do Museu seja concluída o mais breve possível, para que a história do povo de Carangola seja preservada condignamente.¹⁷

Em relação à reforma, foi esclarecido que o atraso se devia a construção da parte anexa da Loja Maçônica Passos do Mestre – em 1986, a prefeitura doou o segundo andar do prédio do MHM para a construção da sede da Loja – o jornal ainda se manifestou afirmando que independente das justificativas, ao menos os documentos e os objetos relacionados à história do município deveriam estar guardados de forma adequada para que não se deteriorassem mais¹⁸. Os problemas causados pela fragmentação do acervo, conforme apontados acima, nos remete aos primeiros anos de atividade do Museu. Em sua primeira desativação, várias peças foram perdidas por não estarem acomodadas em lugares adequados. Somando-se à ação dos agentes de degradação naturais dos objetos, a ação do homem acelera o processo devido à exposição do acervo a riscos que poderiam ser evitados.

E tendo o “clamor unânime” enquanto retórica da publicação, em dezembro do mesmo ano, a **Gazeta de Carangola** prestava esclarecimentos quanto às obras no MHM assegurando que estariam em fase de acabamento¹⁹. Ainda que não seja possível afirmar que a narrativa do jornal influenciou diretamente a realidade levando ao aceleração das obras, podemos inferir que a narrativa não transmitia uma imagem positiva sobre a administração da prefeitura, que em 1991 tinha o MHM vinculado a ela.

Deste modo, através da **Gazeta de Carangola** era difundido que, “depois de um longo período de inatividade motivado por falta de instalações adequadas, o Arquivo Histórico e o Museu Municipal, finalmente terão acomodações adequadas²⁰”. A conclusão das obras estava prevista para janeiro de 1992. Nesse ano, o MHM e o AHGM foram reinaugurados, tendo sido

¹⁶ Programa Municipal de Assistência e Integração Profissional.

¹⁷A HISTÓRIA se perdendo. **Folha da Mata**. Carangola. 26 maio 1991, p.5.

¹⁸**Ibid.**

¹⁹OBRAS do Museu em fase final de acabamento. **Gazeta de Carangola**. Carangola, 15 nov. a 15 dez. 1991, p.3.

²⁰Cf. MUSEU reabre. **Op. cit.** p.21.

Rogério Carelli exonerado do cargo de diretor do MHM, Jayro Motta assumiu a função em 1993, com mandato de quatro anos.²¹

A partir deste período, os diretores designados para o MHM assumiriam também a direção do AHGM, “pelo fato do Regimento Interno prever rendimentos e salários apenas para o Cargo de Diretor do Arquivo.”²² Por conta desta medida, a fusão das gestões do AHGM com o MHM que deveriam ser completares, por vezes se anulam. Raramente um museólogo ou um historiador conseguirá desempenhar o mesmo papel que um arquivista, e o contrário também ocorre. São instituições com fins específicos que demandam diretores e/ou responsáveis com formações específicas.

Figura 2 – Salas de exposições do Museu Histórico Municipal em 1992.



Fonte: Acervo fotográfico digitalizado do Arquivo Histórico Municipal

Na imagem anterior, observa-se a parte interna do MHM em 1992. Apesar de sua transferência para uma sede maior, percebemos que os objetos ainda estavam acomodados em

²¹Cf. OBRAS do. **Op. cit.** p.24.

²²PIMENTEL, Eduardo Francisco. **Museu municipal: memória, história e identidade - O Museu Municipal de Carangola - MG.** Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2016, p.179.

salas estreitas. Os objetos não estavam expostos, estavam postos sem uma narrativa coesa que justificasse sua disposição.

Uma nova fase da gestão do MHM teve início em 1994, durante o mandato do Prefeito Sebastião Carrara (1993 à 1996), sendo Niza Delácio Drummond de Albuquerque nomeada como nova diretora. O **Jornal da Cidade** publicava em *Museu Municipal sob nova direção* que motivações políticas envolveram a escolha de direção do MHM. Segundo o mesmo, a demissão do antigo diretor – Jayro Motta – estava em discussão desde que Sebastião Carrara assumiu a prefeitura. O ex-diretor do Museu relatou ao jornal que sua demissão foi fruto de um ato político, haja vista que Jayro e Sebastião Carrara tinham divergências partidárias. Ao final, Jayro Motta informou ao jornal que deixava a direção “com a consciência de que cumpri bem meu dever e com competência”²³.

Após assumir a diretoria em 15 de abril de 1994, Niza Albuquerque fechou as portas para pequenos reparos e modificações, reabrindo-as em 17 de junho do mesmo ano. Em seu discurso na reinauguração do MHM, a então diretora discorria sobre a importância de a comunidade se envolver mais ativamente com seu patrimônio e, ainda trouxe reflexões sobre o papel do MHM, na medida em que “não basta um museu mostrar os objetos das coleções. Tem que constituir fonte de pesquisa para os pesquisadores do assunto”²⁴.

Para Sebastião Carrara, prefeito da cidade, o MHM “representava vivamente a história do povo carangolense.”²⁵ Em seu discurso de inauguração, o prefeito ressaltou ainda que:

Evidentemente não queremos que o museu seja tão somente um depósito de coisas antigas, mas que seja uma casa de estudos e pesquisas, onde se criam crianças que hoje estão começando a frequentar as escolas, possam aqui vir para já crescerem sabendo a história de Carangola, através do que aqui encontram. Queremos que o Museu se transforme em uma fonte de pesquisa.²⁶

Ao longo das décadas de 1980 e 1992, a gestão do MHM esteve inserida em um contexto onde novas transformações no que tange à museologia estavam sendo discutidas. A Nova Museologia ensejada pela Declaração de Quebec em 1984, reverberou em diretrizes no sentido de uma prática museológica não mais voltadas para coleções e propostas direcionadas para um público específico, com ênfase no caráter educacional dos museus. Posteriormente, em 1992

²³MUSEU Municipal sob nova direção. **Jornal da Cidade**. Carangola, p. 1-9. 16 abr. 1994

²⁴DISCURSO de Niza Albuquerque em 17/06/94, na íntegra. **Jornal da Cidade**. Carangola, p. 1-9. 1 jun. 1994. Grifo Nosso.

²⁵DISCURSO de Carrara em 17/06/94 na íntegra. **Jornal da Cidade**. Carangola, p. 1-9. 1 a 30 jun. 1994. Grifo Nosso.

²⁶**Ibid.**

ocorria o Seminário *A Missão dos Museus na América Latina Hoje*, que elaborou a Declaração de Caracas onde discutia-se que:

A função museológica é, fundamentalmente, um processo de comunicação que explica e orienta as actividades específicas do Museu, tais como a colecção, conservação e exibição do património cultural e natural. Isto significa que os museus não são somente fontes de informação ou instrumentos de educação, mas espaços e meios de comunicação que servem ao estabelecimento da interacção da comunidade com o processo e com os produtos culturais.²⁷

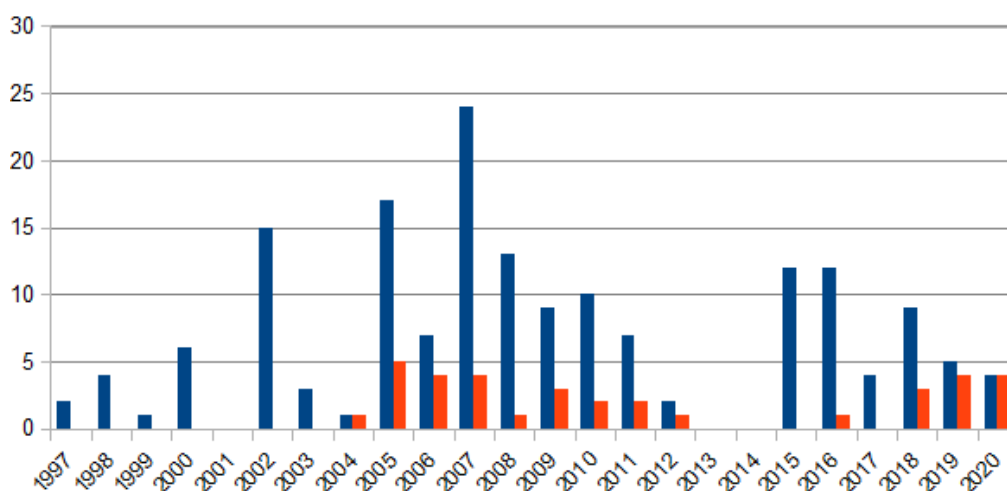
Ambos os fragmentos dos discursos do prefeito e da diretora do MHM versam sobre uma concepção de museus limitante, via-se o MHM apenas como um suporte do Ensino, da História e da Pesquisa. As experiências que o museu evoca são múltiplas, as propostas trazias pelos novos contornos da museologia objetivavam uma prática onde o museu não fosse apenas um museu integral, mas que integrasse a vida da comunidade em seus diversos contextos.

A gestão de Niza Albuquerque fora interrompida com sua exoneração em 1996, antes do fim do mandato. O professor de Geografia e História Belarmino Aarão assumiu provisoriamente a direção do MHM, desenvolvendo exposições temporárias.

Somaremos às nossas reflexões acerca da trajetória do MHM, as atas do Conselho Deliberativo do Patrimônio Histórico e Cultural de Carangola (CONSDemPAHCC). Estas fontes serão acrescidas neste momento, pois o CONSDemPAHCC foi criado em 1997. A seguir apresentamos um gráfico com as reuniões do Conselho e as ocasiões em que o MHM foi assunto das discussões.

²⁷ICOM (Conselho Internacional de Museus). **Declaração de Caracas**. Caracas, 1992.

Gráfico 1 – Reuniões do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural de Carangola e as ocasiões em que o Museu Histórico Municipal esteve em pauta – 1997 a 2020.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir das Atas do CONSDemPAHCC.

A criação do CONSDemPAHCC pode ser compreendida como um ganho para o patrimônio cultural municipal. Contudo, ao analisarmos o gráfico fica evidente a inconstância das reuniões. Em 1997, o Conselho se reuniu duas vezes, quatro vezes em 1998, uma vez em 1999, seis vezes em 2000 e em nenhuma dessas reuniões o MHM esteve em pauta. Nesse período, as novas eleições reformularam a administração municipal e a direção do MHM. Na gestão do Prefeito Roberto Alves (1997 a 2000), criou-se a Secretária de Cultura, Turismo e Esporte, tendo sido a professora Helen Queiroz nomeada como diretora da Secretaria, do MHM e do AHGM. Todavia, dada a escassez de verba, pessoal e infraestrutura, Helen pediu exoneração em 1998. O professor Eduardo Pimentel assumiu a direção e durante sua gestão buscou inventariar e registrar as peças existentes, além de promover exposições. No entanto, devido aos cortes no orçamento da prefeitura, a Secretaria de Cultura, Turismo e Esporte foi extinta em 1999 e o então diretor foi exonerado.

Neste mesmo contexto, houve em Carangola uma efervescência patrimonial. Em 2000 foram tombados 11 entre os 18 bens registrados que existem atualmente. Na primeira reunião do CONSDemPAHCC em 1997, “firmou a necessidade de se fazer um relatório dos imóveis e

demais bens que podem ser considerações de valor histórico”²⁸. Inaugurava-se nesta reunião as deliberações que culminariam no tombamento de vários bens carangolenses. No entanto, ao final deste processo nenhum bem do MHM foi tombado. Não teriam os bens do MHM valor histórico? A necessidade de tomar novos bens suplantou a necessidade de reconhecer os bens já existentes.

As chuvas torrenciais de 2002 culminaram no desabamento do barranco que se encontrava na parte detrás do MHM, atingindo a maior parte de seu acervo, ocasionando em perdas irreparáveis. Mesmo em face desta situação, ao longo dos quatorze encontros de 2002, os danos causados pelas chuvas, a falta de um diretor no MHM desde 2001 e seu funcionamento em horários irregulares não o colocaram em discussão. Neste período, as portas do MHM novamente foram fechadas para reformas e o AHGM separou-se outra vez do MHM.

Em 2003, ano em que nenhuma reunião do CONSDemPAHCC deliberou sobre o MHM, era lançada a Política Nacional de Museus (PNM), cujos objetivos consistiam principalmente em democratizar as instituições museológicas. A PNM orienta-se pelos seguintes preceitos: estabelecer e consolidar políticas patrimoniais com objetivo de democratizar os bens culturais; valorizar o patrimônio sob tutela de museus; fomentar o desenvolvimento de processos educacionais embasados no respeito às diferenças culturais; reconhecer e garantir o direito da comunidade participar dos processos de registro e proteção junto aos os profissionais; incentivar os museus – estaduais, regionais ou locais – participarem da PNM; além de valorizar o patrimônio indígena e afrodescendente respeitando suas especificidades.

Durante a gestão do prefeito Fernando de Souza Costa, em 2004, as atividades da Secretaria de Cultura, Turismo e Esporte foram retomadas e o MHM foi novamente aberto, neste ano Eduardo Pimentel retornou à direção do Museu. Neste mesmo contexto, o CONSDemPAHCC discutiu a criação de um projeto para transformar a antiga Estação Ferroviária em uma Loja de Artesanatos, Museu Ferroviário, Arquivo Público e Biblioteca Pública.²⁹ É peculiar percebermos a possibilidade de criação de um novo museu quando não eram expedidos os devidos cuidados para o museu já existente. Somente em 2005 o CONSDemPAHCC propôs a integração do Museu Histórico Municipal e do Arquivo Histórico

²⁸CONSELHO DELIBERATIVO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE CARANGOLA, Carangola. Ata da reunião realizada no dia 13 de maio de 2004. Livro 1.p.38.

²⁹CONSELHO DELIBERATIVO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE CARANGOLA, Carangola. Ata da reunião realizada no dia 13 de maio de 2004. Livro 1.p.38.

ao projeto “Corredor Cultural” – projeto que objetivava tornar a Estação Ferroviária, conhecida como “Estação Velha”, em um centro cultural.

Das dezessete reuniões do CONSEMPAHCC, em 2005, cinco delas tiveram o Museu Histórico Municipal como parte da pauta. Na ata número 5³⁰, os conselheiros elucidavam a necessidade de cadastrar os bens do Museu e durante a sétima³¹ reunião de 2005, Carelli apresentou o registro enumerado das peças do Museu para facilitar a catalogação. Nesta mesma reunião, a Secretária de Cultura informou que o Museu, Arquivo e Biblioteca seriam informatizados a fim de auxiliar a catalogação. O que nos chamou atenção para todos os processos de inventário e registros iniciados anteriormente.

Em 1983, Carelli propôs uma organização das peças expostas, onde enumerou o acervo que estava em exposição, além de ter sugerido siglas para a catalogação do acervo e em 1998, Eduardo Pimentel recomeçou este processo. As fichas que temos hoje sobre as peças inventariadas, no entanto, não possuem maiores informações do que o nome, a categoria em que se enquadra, e quando muito, o doador e a época. Ademais, todas as fichas são manuscritas. Os únicos registros em meios digitais são os que produzimos para esta dissertação. As discontinuidades que marcam o MHM não são apenas de ordem administrativa, os novos diretores não dão sequência às atividades antigas. Tudo está em constante recomeço.

Pudemos perceber também nessa reunião uma irregularidade por parte de um conselheiro, onde fora pedido “licença para retirar do museu alguns instrumentos que pertenciam aos índios, do Sítio Arqueológico, para fotografar; o que foi aprovado de imediato pelos conselheiros e pela Secretária de Cultura”.³² O Regimento Interno do MHM traz no capítulo terceiro que:

Art.8º - Sob nenhuma hipótese ou pretexto, as/ peças e objetos que compõem Museu podem ser retiradas, trocadas ou modificadas, assim como emprestadas, dadas em doação ou por compromisso, sendo que dos registros destes, haverá cópia autêntica no Serviço do Patrimônio da Prefeitura, que fará um levantamento, sempre que necessário.³³

³⁰CONSELHO DELIBERATIVO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE CARANGOLA, Carangola. Ata da reunião realizada no dia 25 de maio de 2005. Livro 1, p.42.

³¹CONSELHO DELIBERATIVO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE CARANGOLA, Carangola. Ata da reunião realizada no dia 15 de maio de 2005. Livro 1, p.43.

³²CONSELHO DELIBERATIVO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE CARANGOLA, Carangola. Ata da reunião realizada no dia 8 de junho de 2005. Livro 1, p.44.

³³Regimento Interno do Museu Histórico-Geográfico-Científico, 1983.p.9.

Pimentel disserta que “o presente Regimento Interno vigora por lei até hoje, porém não é seguido praticamente em quase nenhum de seus itens.³⁴” Isto elucida tanto necessidade do cumprimento de suas disposições, do contrário, qual seria a necessidade de manter um RI que não é praticado? Como também a necessidade de reformulação do RI, uma vez que o mesmo fora elaborado em meados dos anos 1980, caso exista uma nova compreensão do que pode sair ou não do MHM e quais as ressalvas que existem em relação ao empréstimo, ou novas perspectivas para a gestão do MHM de modo geral.

Em 2006 o MHM não precisava somente de sólidas políticas internas, como também necessitava de um espaço adequado para instalar-se. O CONSDEMPAHCC discutia em duas entre seis reuniões deste ano, a importância da organização e da manutenção do espaço do Museu para que novamente pudesse ser aberto, uma vez que desde 2005 estava em questão a negociação de um comodato para uso da sede da antiga empresa Barbosa & Marques.

No decorrer desse processo, o CONSDEMPAHCC se reuniu vinte e quatro vezes em 2007 e em apenas duas destas discutiram a situação do Museu. Em ambas as reuniões, os conselheiros abordam a necessidade de profissionais capacitados para gerir o Museu Histórico Municipal e Arquivo Histórico Municipal, já que Eduardo Pimentel, responsável pelo Arquivo fora afastado no ano anterior. Faz-se relevante mencionarmos que Eduardo possui mestrado em Museologia e Patrimônio, pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, concluído em 2016. O que possivelmente justifica o fato de termos um profissional da museologia dirigindo o AHGM, é que em Lei é previsto remuneração apenas para o cargo de diretor do Arquivo.

Objetivando propiciar ao MHM, ao AHGM e à Biblioteca Municipal uma sede adequada, o contrato de comodato foi assinado pelo então prefeito Dr. Fernando de Souza Costa em 2007. No entanto, o contrato trazia como prioridade a criação do “Memorial Barbosa & Marques” e em segundo plano, a acomodação do Museu Histórico Municipal, Arquivo Histórico Municipal, Biblioteca Pública, além de uma sala com fins administrativos. Consta nas cláusulas do contrato que seu uso é intransferível, é proibida quaisquer descaracterizações no prédio, além de ser de inteira responsabilidade do comodatário a manutenção e conservação do edifício. O contrato é válido por 20 vinte anos a partir de sua assinatura em 26 de janeiro de 2007.

A área disponível para disposição do acervo do MHM, AHGM e Biblioteca Pública consistia em 647,70 m², espaço físico quase três vezes maior que a antiga sede (294,97 m²) e

³⁴Cf. PIMENTEL, Eduardo. **Op. cit.** p.25.

aproximadamente treze vezes maior que a primeira (52,25 m²). Entretanto, em 2008 a situação do prédio Barbosa & Marques era preocupante porque, segundo o CONSDENPAHCC, o edifício não atendia as necessidades para instalar os acervos. A reforma iniciou em março de 2008 e finalizou em novembro de 2009. A demora nas obras se justificam pelas fortes chuvas de 2008 que atrasaram a execução do projeto.

As atividades do MHM foram retomadas em 2010, tendo como diretora Maria Cristina Andrade Salerno. Ao longo de suas atividades, a diretora apresentava ao CONSDENPAHCC um parecer sobre suas ações, ressaltando sua participação em vários eventos, narrando ainda suas empreitadas na busca por visitantes. Neste contexto de recém-criação do Instituto Brasileiro de Museus, órgão responsável pela Política Nacional de Museus, é interessante percebermos ações que buscassem fomentar a interação das pessoas com os bens musealizados.

Em razão da nova configuração política de Carangola, todos os funcionários da Secretaria de Cultura foram exonerados, tendo o professor Randolpho Radsack Correa assumido a direção do MHM e do AHGM entre 2011 e 2012. Durante este período, Radsack promoveu uma série de exposições, visitas guiadas, recomeçou o processo de inventário do AHGM, além de ter criado o *site* e o *twitter* (existentes até os dias atuais) do MHM.

Com os novos pleitos municipais, a direção novamente se transformou. Após Luiz Cesar Soares Ricardo assumir a prefeitura, nenhum outro diretor para o MHM fora nomeado. Os responsáveis pelo MHM eram um fiscal de posturas, um auxiliar administrativo e uma auxiliar de serviços gerais. Mesmo diante disto, o CONSDENPAHCC não se reuniu nenhuma vez em 2013 e 2014. A ausência de preocupações tanto em relação ao MHM quanto com o CONSDENPAHCC elucidam o preterimento de setores culturais no início desta gestão, o que levou o MHM a fechar novamente as portas em 2016.

Apesar disto, entre 2014 e 2016, fiz parte de projetos de extensão desenvolvidos pela Universidade do Estado de Minas Gerais no MHM e AHGM, cujos objetivos consistiam em aproximar a comunidade escolar e o meio acadêmico do Museu e Arquivo da cidade. Os projetos foram realizados em dois momentos: no primeiro eram feitas oficinas nas salas de aula, e o segundo momento a proposta era a realização de visitas guiadas ao Museu. Deste modo, “o projeto possibilitou pensar o Ensino de História a partir das relações que os indivíduos têm com os lugares de memória, ao mesmo tempo em que problematizava e difundia a visita crítica e

participativa ao museu.³⁵ No entanto, apenas em 2015 foi possível realizar a visita, que ocorreu com o auxílio do fiscal de posturas que respondia pelo MHM. Em 2014 não aconteceu por conta do curto prazo em que desenvolvemos as atividades e em 2016 por conta da interdição do Museu. Ao longo dessa experiência vivenciamos a necessidade de políticas voltadas para o MHM e AHGM e os limites impostos pela ausência de gestão dos acervos.

Assim, até o ano de 2016, o MHM manteve suas atividades, contudo, interrompida por uma denúncia anônima junto ao Ministério Público. Entre as doze reuniões do CONSDENPAHCC em 2016, apenas uma trouxe considerações sobre o MHM. Na ata da 107ª reunião, os conselheiros debatiam sobre a necessidade de fazerem adaptações, sobretudo, elaborando um projeto elétrico. Tivemos acesso à ata da Reunião no Ministério Público realizada no dia 1 de janeiro de 2016, onde era enfatizado que nenhuma das medidas necessárias para a reativação do Museu foram tomadas. Para o regresso das atividades do Museu seria necessário recuperar sua estrutura; designar um corpo técnico consistente com a demanda do Museu; disponibilizar agentes administrativos para realizar atividades no museu; e, readequar o projeto de modernização.

Mesmo diante do quadro em questão, o Museu não foi assunto em nenhuma das quatro reuniões de 2017, voltando à pauta apenas em março de 2018. Os conselheiros propuseram a revitalização do MHM através de sua remoção para a Estação Ferroviária depois que fosse realizada uma reforma no prédio. Contudo, nenhuma medida foi tomada e a situação do Museu se tornou precária em 2018. Entre as nove reuniões realizadas pelo CONSDENPAHCC, quatro foram para discutir a situação do Museu que ainda aguardava a visitação do corpo de bombeiros. Os conselheiros discutiam possibilidades para que o MHM retornasse, firmando parcerias com a UEMG, tendo sido realizada uma visita técnica dos alunos do curso de Turismo. Diversas foram as parcerias e as tentativas de parcerias que o MHM propôs a diversas universidades ao longo dos anos. No entanto, as inconstâncias das atividades e diretorias do MHM não permitirem que as ações tenham continuidade.

Em 2019, a situação do Museu continuou caótica. Novamente foram iniciadas reformas e como o forro de todo o telhado foi removido, as peças ficaram sujas e danificadas em decorrência da presença de morcegos. A ação dos cupins afetava os objetos e as goteiras eram

³⁵AMORIM, Érika Oliveira; NARCISO, Luciana do Carmo; PAULA, Thaise Oliveira. A Universidade, o Museu e a Escola: o Ensino de História e o viés extensionista. *História e Ensino*, Londrina, v. 25, n. 1, p. 373-389, jul. 2019

uma constante, dificultando a preservação do acervo. Neste período fora designado para a direção do MHM Gustavo Vieira, Turismólogo e funcionário efetivo da Prefeitura Municipal.

Segundo informações da administração do MHM, ainda que não tenha chegado ao fim do contrato de Comodato, os responsáveis pelo edifício Barbosa & Marques colocaram o prédio à venda. Dado a complexidade das mudanças que precisam ser feitas para que o MHM seja reativado e a proximidade do fim do contrato, o CONSDENPAHCC apontou e analisou possíveis lugares para transferir o acervo. Cogitou-se a Rodoviária de Carangola e a transferência a parte superior do prédio do Banco do Brasil. Apesar de todas as ponderações do CONSDENPAHCC, nada foi feito. Os acervos continuaram expostos à umidade, aos fungos, à ação de insetos e outros animais que viviam/começaram a viver na sede do MHM e do AHGM.

Em 2020, o MHM, diversas cidades sofreram com as fortes chuvas que atingiram Minas Gerais. Em Carangola as consequências foram alagamentos, enchentes, deslizamento de terra e desabamentos. A enchente atingiu o maior nível da história da cidade. Como o prédio do MHM localizava-se muito próximo ao Rio Carangola, o acervo foi afetado pelas águas que atingiram sua sede. A seguir veremos uma fotografia da fachada do MHM, atrás das árvores, durante as cheias do Rio Carangola.

Figura 3 – Captura de tela do vídeo que mostrava a rua onde o MHM e AHGM estavam localizados – 2020.



Fonte: Página do *facebook* de Eduardo Pimentel. Acesso em 25 jan 2020.

Uma semana após o ocorrido (28/01), iniciamos o trabalho de recuperação do acervo. A ação contou com a participação de cerca de 15 voluntários. No primeiro dia, nos concentramos na limpeza das peças do Museu, onde limpamos máquinas datilográficas, telefones, diversas peças em porcelana e metal, além de termos feito um trabalho de recuperação de fotografias originais, que ficaram presas sob um baú em madeira maciça que oferecia risco para os voluntários, uma vez que sua moldura de vidro havia sido quebrada. Para orientar as atividades, contamos com a ajuda de Livia Murer, funcionária do Museu da República, Rio de Janeiro, que se encontrava em licença-maternidade na cidade de Carangola.

Figura 4 – Voluntários limpando o prédio do MHM – 2020.



Fonte: Acervo Pessoal de Eduardo Pimentel

Na fotografia acima podemos ver parte das peças em meio a sujeira e os voluntários limpando a lama deixada pela enchente. Por conta deste ocorrido o MHM novamente fora transferido. Atualmente (2020) encontra-se à Rua Coronel Olímpio Machado, nº 141 e não está aberto ao público. O novo prédio funciona como um depósito de peças e documentos que

deveriam estar em manutenção, de acordo com as recomendações dos funcionários do Arquivo Público Mineiro em visita para prestar auxílio e orientações ao MHM e AHGM.

As principais ações adotadas para a recuperação do acervo foram a higienização das peças – haja vista que no primeiro momento logo após a enchente retiramos a lama mais espessa – e organizamos os objetos que estavam amontoadas no novo prédio do MHM – buscamos agrupar os objetos de acordo com sua coleção. Neste momento, as diligências para este projeto foram conduzidas em razão desta dissertação e por uma professora de História da cidade, contratada para restaurar os objetos e documentos. Contudo, ainda que estivéssemos seguindo as recomendações do IBRAM, o único curso que fizemos fora o de Conservação Preventiva para Acervos Museológicos, desenvolvido pelo IBRAM em 2019. Não somos profissionais adequados para desenvolver o trabalho, é necessário um restaurador para atender o MHM neste momento. Ainda assim, se não tivéssemos agido, os danos aos bens do MHM seriam maiores, conforme ressaltado pelos funcionários do Arquivo Público Mineiro.

Ao longo dessas análises percebemos que, se em um primeiro momento temos avanços em relação à estrutura física do Museu Histórico Municipal dado suas novas instalações, posteriormente, o MHM sofre com o descaso público com os acervos; suas atividades inconstantes; suas gestões demasiadamente efêmeras e conduzidas por questões políticas nos mostram que há apenas um movimento que visa a manutenção e promoção do MHM como meio de memória de Carangola, porque se apoiar nessas questões ainda é interessante para a manutenção de um discurso com viés de validação da exaltação cultural da cidade. Novamente sem uma sede própria, o MHM anseia por políticas que garantam aos acervos segurança, gestões sólidas e atividades que aproximem e envolvam não só a comunidade escolar e acadêmica, mas a comunidade de modo geral em suas atividades.

1.2 – ARQUIVO HISTÓRICO GEOGRÁFICO MUNICIPAL

Assim como o MHM, desde sua criação em 1959, o Arquivo Histórico Geográfico Municipal abrigou-se em diversos lugares em Carangola. A primeira sede do AHGM foi o pátio da Prefeitura Municipal. Enquanto esteve no pátio, o AHGM não era aberto ao público. Entre 1971 e 1973, o AHGM fora desativado e alocado em uma sala da Biblioteca Pública Municipal.

Esperava-se que o AHGM adquirisse sede própria em 1982, em ocasião da comemoração do primeiro centenário de Carangola. Neste ano, o AHGM seria anexado ao Museu, uma vez que ainda encontrava-se desativado em uma sala da Biblioteca Pública Municipal, conforme dito por Rogério Carelli³⁶ em entrevista ao jornal **Gazeta de Carangola**. Contudo, o AHGM não fez parte da agenda de reinaugurações de 1982. Para efeitos legais, Rogério Carelli respondia tanto pelo Museu, quanto pelo Arquivo.

Em 1983 fora aprovado pela resolução nº02/83 o Regimento Interno do Arquivo. Objetivava-se com a criação do AHGM organizar a memória de Carangola contida em documentos com mais de 30 anos, ou seja, trata-se de um arquivo permanente ou histórico. Conforme veremos a seguir, os objetivos do AHGM giram em torno de manter a coesão do acervo baseada, sobretudo, em uma delimitação geográfica. Assim, o AHGM deveria:

- a) Recolher, catalogar e conservar todos os documentos oficiais ou não, com mais de trinta (30) anos de existência, de entidades públicas ou particulares e, como tais, considerados dignos de preservação, para constituição de acervo documental Histórico para o Município;
- b) Manter uma seção, reprodução gráfica e multiplicação, com o fim de extrair do seu acervo, cópias autênticas e fiéis, para o uso de entidades ou pessoas físicas, mediante cobrança de uma taxa;
- c) Adotar na classificação e Arquivamento dos documentos, livros e originais, as regras e métodos aprovados pelo Arquivo Nacional;
- d) Manter com entidades congêneras, em nível estadual, nacional e estrangeiros, intercâmbio de informações no sentido de aprimorar o acervo, suas técnicas e métodos de trabalho;
- e) Recolher, organizar e dirigir a publicação dos ANAIS da Câmara Municipal de Carangola, editando-os com regularidades, de acordo com as dotações/que receber desta, para este fim.³⁷

Ainda entre as atribuições do AHGM estava manter uma Biblioteca com ênfase em História e Geografia nacional, estadual e regional; realizar exposições; estimular a doação de

³⁶Cf. MUSEU será. **Op. cit.** p.21.

³⁷Regimento Interno do Museu Histórico-Geográfico-Científico, 1983, p.5.

livros de entidades cíveis municipais e regionais; emitir certidões fidedignas dos documentos solicitados; além de manter atas de instituições em atividades ou extintas.

A proposta do AHGM de recolher, catalogar e conservar todos os documentos, sejam eles oficiais ou não, acentua o dilema que envolve o AHGM desde sua criação: as concepções equívocas de arquivo. Mesmo que as perspectivas para o AHGM vislumbrassem uma gestão arquivística, por vezes o AHGM funcionou como depósito de documentos que trazem vestígios sobre a existência do passado de Carangola. Outra questão pertinente a ressaltarmos é que a produção arquivística cresce de forma exponencial e a capacidade de armazenamento pelo AHGM já não conseguia suportar essa demanda em seus anos iniciais, assim como as salas do MHM não comportavam as peças de seu acervo. Acumular os documentos sem uma gestão adequada reduz as informações dos acervos a apenas dados.

O AHGM foi novamente aberto em 1987 com seu acervo comprometido, e apesar da “ação de insetos, todos os livros chegaram aos nossos dias.”³⁸ Sendo novamente fechado e aberto em 1991, em razão da ampliação das salas para o MHM e o AHGM, a **Gazeta de Carangola** esclarecia que, o “quanto ao Arquivo Histórico, que terá o melhor tratamento arquivístico do momento, pretende ser regional, recolhendo todas as informações, papéis e documentos da região.”³⁹ Neste período, Jayro Motta dirigia AHGM.

A seguir veremos uma colagem com fotografias da nova sala do AHGM, onde fica notável que o espaço ainda era pequeno. Mesmo que os documentos estejam organizados, podemos ver uma série de documentos aglomerados em cima das prateleiras e ainda, papéis fora de pastas adequadas. Deste modo, percebemos que embora as expectativas para o Arquivo fossem grandiosas, existiam limites impostos pelo espaço físico e pela ausência de políticas de gestão arquivística.

³⁸Cf. MUSEU será. **Op. cit.** p.21.

³⁹Cf. OBRAS do Museu. **Op. cit.** p.24..

Figura 5 – Arquivo Histórico Geográfico Municipal acomodado em sua nova instalação à Rua Pedro de Oliveira – 1991.



Fonte: Acervo Fotográfico digitalizado do Arquivo Histórico Municipal

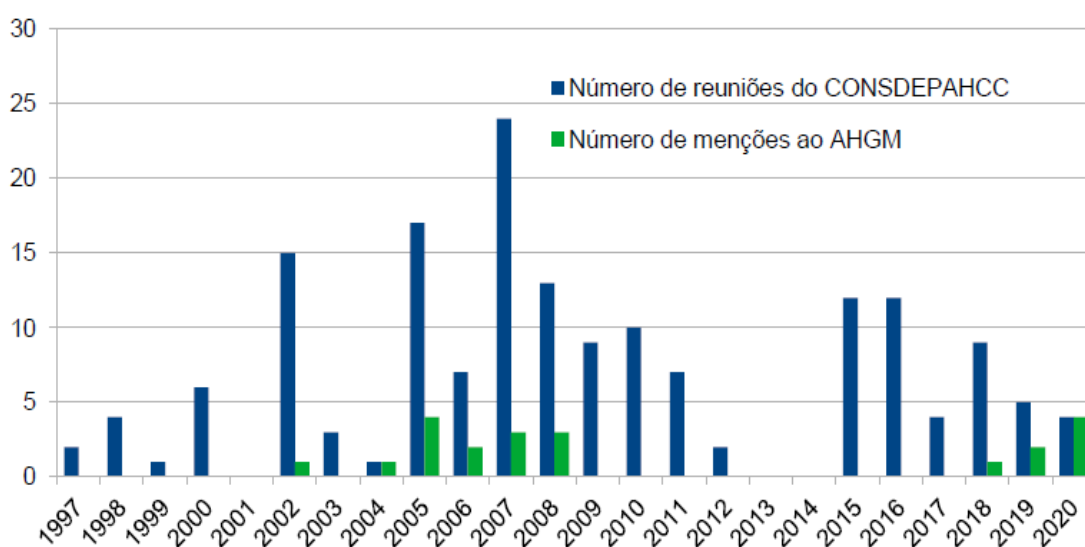
Em 1994, após uma breve pausa em suas atividades, o AHGM foi novamente aberto, tendo como novo foco, sua inclinação para a pesquisa. Heloísa Bellotto⁴⁰ disserta que os arquivos permanentes são voltados para a pesquisa, pois constituem objetos da história. Contudo, esses documentos serão apenas registros até que a pesquisa revista-os de análises críticas para que se constituam como informação e não apenas dados. O arquivista é responsável pela identificação, descrição e resumo e indexação do acervo, o historiador seleciona, interpreta e explica esses dados. Nunca houve um arquivista responsável pelo AHGM, a função de Diretor do Arquivo sempre fora ocupada por historiadores e/ou museólogos. Conforme já mencionado, somente para o cargo de Diretor do Arquivo é prevista remuneração, no entanto, suas demandas

⁴⁰BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **O papel instrumental dos arquivos e as qualidades profissionais do arquivista.** *Ágora: Revista do Curso de Arquivologia da UFSC, Florianópolis*, v. 22, n. 44, 2012

sempre são preteridas em função do MHM, que por sua vez é preterido em função de outras instituições de Carangola.

Para que possamos prosseguir com nossa apresentação da história do AHGM, acrescentaremos atas de reuniões do CONSDemPAHCC. Abaixo trazemos um gráfico com uma relação do número de reuniões e as vezes que o AHGM esteve em pauta.

Gráfico 2 – Reuniões do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural de Carangola e as ocasiões em que o Arquivo esteve em pauta – 1997 a 2020.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir das Atas do CONSDemPAHCC.

Percebemos até aqui que as atividades do AHGM, assim como as do MHM, sempre estiveram sujeitas às novas roupagens que a política carangolense trazia consigo ao longo dos anos, e nem sempre as novas configurações implicaram em ganhos para o Arquivo ou o Museu. A criação do CONSDemPAHCC não traz significativas mudanças, muito embora os conselheiros tenham elucubrações acerca de questões pertinentes, conforme veremos adiante. No entanto, assim como o MHM e o AHGM, o CONSDemPAHCC está sujeito a recomposições marcadas por interesses políticos. Percebemos nas Atas que em determinados anos o CONSDemPAHCC se reúne apenas para apresentar novos membros e nada é discutido.

Quanto aos lugares em que o AHGM já esteve, Pimentel⁴¹ traz em sua dissertação que as fortes chuvas de 2002 comprometeram parte do acervo, pois houve um grande desmoronamento de terras do barranco da parte detrás do prédio em que o Arquivo se encontrava na Rua Pedro de Oliveira. O autor ressalta ainda que entre 2001 e 2005 o AHGM fora transferido uma série de vezes: primeiro para uma sala no Sindicato dos Produtores Rurais de Carangola (Praça. Rotary), em segundo lugar para o prédio da antiga agência do Instituto Brasileiro do Café (Avenida Machado de Assis), e, em terceiro lugar para salas da antiga FAFILE, atual Universidade do Estado Minas Gerais (Praça dos Estudantes).

Na oitava reunião do CONSDEMPAHCC, em 28 de junho de 2005, os conselheiros discutiam a transferência do AHGM para o “prédio novo” da FAFILE, que viria a ser a sua sede até dezembro de 2007, quando novamente fora transferido por conta das goteiras do telhado que comprometiam seu acervo. Assim, houve a desativação temporária do AHGM e logo que as reformas fossem concluídas, suas atividades seriam retomadas. O AHGM foi transferido para o prédio Barbosa & Marques em 2008, antes que o MHM lá fosse instalado.

Entre as dezessete reuniões do CONSDEMPAHCC, em 2005, discutiu-se o AHGM em quatro. Nestas reuniões eram tratados os trâmites para sua transferência para o prédio da antiga fábrica Barbosa & Marques, além de sua informatização para facilitar o processo de catalogação. A informatização do AHGM já estava em questão desde 1994, conforme consta no **Jornal da Cidade**, o qual destaca que quando Jayro Motta deixava a direção do AHGM, o acervo encontrava-se “todo montado, organizado e preparado para ser informatizado ⁴² .” É compreensível que as limitações tecnológicas podem retardar o processo de informatização dos acervos, o que gera inquietações é em relação ao longo período para o início do processo de catalogação. Em carta enviada ao prefeito Sebastião Carrara, em 1994, Niza Albuquerque questionava que:

o que mais me preocupou foi receber a direção de um patrimônio cultural do município em condições precárias e sem registro de todo o seu acervo. É de seu conhecimento tudo o que foi feito, a reestruturação geral do prédio e de todo o acervo, incluindo a recuperação de vários objetos e obras de arte. Na ausência de um inventário, que não foi passado e nunca trouxe grandes preocupações de seus dirigentes, nossa primeira preocupação foi iniciar esse trabalho. Achamos de suma importância uma documentação correta, clara e objetiva do acervo de

⁴¹Cf. PIMENTEL, Eduardo. **Op. cit.**p.25.

⁴²Cf. MUSEU Municipal. **Op. cit.** p.26.

exposição e do acervo do arquivo.⁴³

No início dos anos 1980, Carelli propôs a organização do acervo, durante a gestão de Niza Albuquerque o processo novamente fora iniciado e, em 2011, Randolpho Radsack recomeçava esta empreitada. Na queixa de Niza Albuquerque percebe-se o mesmo empecilho para avanços na administração do AHGM que ocorre em relação ao MHM: as descontinuidades na direção de ambas as instituições ocasionadas por novas eleições implicam em significativas perdas para os bens. Se os processos de inventário não tem continuidade, não há como mensurar as perdas e os ganhos dos acervos ou analisarmos como as transformações nas concepções museológicas e arquivísticas marcam estas instituições.

Entre 2001 e 2005, período de vários deslocamentos em um curto espaço temporal, os conselheiros abordavam a necessidade de tomar o acervo do AHGM. Ainda que considere-se o acervo do AHGM como patrimônio municipal, nenhum dos livros, jornais, fotografias ou mapas que compõem o acervo do AHGM são tombados. Muito embora esse revés venha sendo discutido ao longo dos anos, até o presente momento o tombamento não foi realizado.

No decorrer de 2006, as atividades do AHGM encontravam-se restritas em razão do afastamento do responsável pelo arquivo, as consultas estavam sendo

agendadas na Secretaria de Cultura que indica um responsável para abrir o Arquivo e acompanhar os professores e alunos que estão trabalhando em bancos de dados e monografias. Geralmente essas consultas têm sido às sextas feiras no período da tarde, atendendo o horário solicitado pela professora Cristina Boechat da FAFILE.⁴⁴

No ano seguinte, o AHGM esteve na pauta de quatro entre as vinte e quatro reuniões do CONSDEMPAHCC. Em todas as quatro reuniões discutia-se a necessidade de profissionais capacitados para gerir o AHGM e da relevância de sua divulgação do acervo, “que é reconhecido até mesmo internacionalmente a exemplo das consultas feitas por Portugal ao Arquivo Histórico Geográfico Municipal”⁴⁵. O que nos convidou à reflexão é que ao longo de vários anos, entre as reconfigurações do CONSDEMPAHCC e da administração municipal, a necessidade de

⁴³Carta enviada por Niza Albuquerque Drummond ao prefeito de Carangola Sebastião Carrara em 1994. p. 1.

⁴⁴CONSELHO DELIBERATIVO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE CARANGOLA, Carangola. Ata da reunião realizada no dia 29 de nov de 2007. Livro 1.p.53

⁴⁵CONSELHO DELIBERATIVO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE CARANGOLA, Carangola. Ata da reunião realizada no dia 12 de fev de 2007. Livro 1.p.55

profissionais da área para atender o Arquivo é sempre posta em questão e acentua-se a cada ano, todavia, as deliberações em relação a isto, sempre se reduzem a elucubrações.

Assim, o novo destino do AHGM, previsto desde 2005, tornou-se o prédio Barbosa & Marques, cujo espaço era dividido com o Museu Municipal. Entre as treze reuniões do CONSDENPAHCC, três abordaram que o processo de reorganização e instalação do AHGM em seu novo endereço contaria com o auxílio de estagiários e um professor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). No entanto, constatamos a partir das atas e dos registros fotográficos encontrados no Arquivo que a reorganização contou com o apoio apenas dos guardas mirins.⁴⁶

Figura 6 – Reorganização do Arquivo Histórico Geográfico Municipal – 2009.



Fonte: Acervo fotográfico digitalizado do Arquivo Histórico Geográfico Municipal

A fotografia anterior nos oferece uma perspectiva acerca deste processo de organização do acervo. As pessoas utilizando uniformes azuis são guarda mirins e a pessoa varrendo a sala logo atrás das pastas amarelas é um funcionário da prefeitura.

Devido aos cortes orçamentários ocorridos em 1999, a Prefeitura Municipal extinguiu a Secretaria Municipal de Cultura e tanto o AHGM quanto o MHM sofreram os impactos, pois a

⁴⁶Criada em 1981, a Guarda Mirim de Carangola foi uma instituição filantrópica que junto ao comércio local, oferecia aos jovens com idade entre 16 e 20 anos oportunidades de trabalho.

responsável pelas instituições nesse momento era somente uma auxiliar de serviços gerais. A Secretaria Municipal de Cultura foi reativada em 2001, no entanto, o AHGM e o MHM ficaram sem diretor.

Entre 2004 e 2008, Eduardo Pimentel assumiu novamente a diretoria do Arquivo, tendo sido substituído por Maria Cristina Andrade Salerno. Em 2011, o professor Randolpho Radsack fora nomeado para a direção. Neste período, o Arquivo foi reinaugurado e renomeado como Centro de Documentação Histórica (CEDOC-HIS).

De acordo Viviane Tessitore,⁴⁷ os Centros de Documentação (CEDOC) são entidades híbridas, pois trazem consigo aspectos relacionados a museus, arquivos e bibliotecas. Devido a este hibridismo, os CEDOC não possuem uma metodologia específica para o tratamento de seu acervo. A autora aborda que as características dos CEDOC são:

possuir documentos arquivísticos, bibliográficos e/ou museológicos, constituindo conjuntos orgânicos (fundos de arquivo) ou reunidos artificialmente, sob a forma de coleções, em torno de seu conteúdo; ser um órgão colecionador e/ou referenciador; ter acervo constituído por documentos únicos ou múltiplos, produzidos por diversas fontes geradoras; possuir como finalidade o oferecimento da informação cultural, científica ou social especializada; realizar o processamento técnico de seu acervo, segundo a natureza do material que custodia.⁴⁸

Ainda de acordo com Tessitore, os documentos que compõe os CEDOC podem ser adquiridos através de trocas, compras ou doações e se tratam de uma coleção específica sobre a atividade humana. Atualmente, predominam nos CEDOC a arquivística, uma vez que os arquivos são produções cotidianas de pessoas e entidades que nos oferecem a possibilidade de consultar a atividade de diversos grupos sociais. Assim, os CEDOC consistem em “depositários de documentos únicos por natureza, os quais, em poder de seus detentores originais, eram, normalmente, pouco ou nada acessíveis e não contavam com outro local que os reunisse e tratasse adequadamente.”⁴⁹

Mesmo diante das novas possibilidades para o Arquivo enquanto CEDOC-HIS, entre 2011 e 2017, o AHGM não esteve em pauta em nenhuma das cinquenta e sete reuniões do

⁴⁷TESSITORE, Viviane. **Como implantar centros de documentação**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2003, volume 9. (Projeto como fazer). p.14.

⁴⁸**Ibid.**, p.14.

⁴⁹**Ibid.**, p.15.

CONSDEMPAHCC. Se retornarmos ao gráfico, veremos que neste período o Conselho se reuniu poucas vezes, chegando a nem reunir-se em 2013 e 2014. Se temos um órgão responsável por deliberações acerca do patrimônio municipal que não se reúne frequentemente e que, no entanto, é frequentemente recomposto, fica evidente que novos critérios precisam ser adotados para nomeações. A gestão patrimonial de Carangola carece de profissionais que compreendam as necessidades dos bens e que coloque em questão a dimensão prática de suas decisões, tirando-as do papel.

O AHGM, doravante denominado CEDOC-HIS, só reapareceu nas discussões do CONSDEMPAHCC em uma entre as nove reuniões de 2018, onde um conselheiro questiona novamente a ausência de um profissional responsável pela gestão do Arquivo. Nesta reunião, um dos conselheiros queixava-se de não existir no MHM “uma gestão de arquivo: arquivo corrente, intermediário e permanente, os documentos que lá sem [sic] encontra, se trata de um Centro de Documentações Diversas”⁵⁰. Assim como nas reivindicações anteriores, nenhum responsável foi designado até a conclusão desta dissertação.

Interditado desde 2016, em 2019 equipe de estudantes da UEMG em parceria com a Associação de Amigos do Museu de Carangola esteve no CEDOC-HIS organizando exemplares da **Gazeta de Carangola** e da **Gazeta do Carangola**. Na mesma ocasião, algumas peças do MHM foram envolvidas por TNT com intuito de proteger os objetos da ação de animais que viviam no Museu. No ano seguinte, essa ação viria a proteger os bens de grandes danos. Ademais, nenhuma outra medida fora tomada. O Arquivo precisava, aliás, sempre precisou, de atividades que promovessem a conservação, restauro e gestão documental. Vimos no decorrer das considerações sobre o Arquivo e o MHM em diversos recortes de jornais, que a constante exposição dos acervos a vários riscos os comprometem desde 1960.

Desde sua interdição, algumas reformas foram realizadas em 2018, conforme pudemos ver anteriormente em nossas discussões sobre o MHM, mas essas reformas não foram suficientes para que o CEDOC-HIS e o MHM fossem reabertos. Neste período de interdição o acervo esteve exposto a infiltrações, à ação de insetos e fungos, além de perigos devido à falta de energia, os quais experienciamos. Desde 2017, ano em que iniciamos o levantamento para esta dissertação, as lâmpadas da sala do CEDOC-HIS não funcionavam. José Antônio, fiscal de posturas da

⁵⁰CONSELHO DELIBERATIVO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE CARANGOLA, Carangola. Ata da reunião realizada no dia 9 de outubro de 2008. Livro 1. Folha Anexa.

prefeitura e responsável pelo CEDOC-HIS e MHM, improvisou uma extensão com uma lâmpada e nos advertia inúmeras vezes quanto ao perigo de um curto circuito. Enquanto fazíamos nossas pesquisas, José ficava sempre na porta, caso precisasse retirar a extensão da tomada de forma repentina, evitando danos ao CEDOC-HIS. A fotografia a seguir é um registro pessoal feito em 2019 durante consultas à hemeroteca. Na foto vemos os jornais e o fio da extensão improvisada.

Figura 7 – Sala do CEDOC-HIS durante pesquisas para a presente dissertação – 2019.



Fonte: Acervo pessoal.

Ainda em 2019, os conselheiros cogitavam destinos para o CEDOC-HIS, apontando enquanto possibilidades o prédio da Rodoviária Municipal, o prédio na Rua Pedro de Oliveira em que foi instalado em 1987, ou ainda, a parte superior da agência do Banco do Brasil. No entanto, como o Museu e o Arquivo funcionam no mesmo espaço, as enchentes de janeiro de 2020 afetaram também o acervo do Arquivo. Se retornarmos a fotografia anterior e contarmos três prateleiras a partir do chão, teremos noção do nível que água atingiu o CEDOC-HIS.

As atividades no sentido de recuperar o acervo do Arquivo foram iniciadas após a limpeza das peças do MHM e do prédio. O plano de ação consistia em abrir espaço para lidar com os

documentos do Arquivo. Na colagem a seguir trazemos registros das primeiras intervenções das quais fizemos parte.

Figura 8 – Acervo afetado e início do trabalho de secagem de jornais – 2020.



Fonte: Acervo pessoal de Bethania Vaz, registros compartilhados no *google drive*.

Após limparmos o prédio, iniciamos o processo de higienização dos jornais da parte inferior da estante, uma vez que foram mais afetados. Prosseguimos com sua secagem utilizando papel toalha e secador de cabelo,

A fotografia anterior mostra os jornais afetados, cujas embalagens ficaram cheias de água e o processo de secagem de cada pacote levou quase uma semana. Ao constatar que a secagem por meio do secador seria um procedimento muito demorado e tendo em vista que éramos apenas três, dispusemos os jornais sobre papel pardo em uma outra sala do prédio. Cabe ressaltar, no entanto, que os recursos utilizados foram de caráter emergencial, portanto, não eram

necessariamente os meios mais recomendados. Para recuperar os documentos do Arquivo, todo o material utilizado neste processo foi fruto de inúmeras doações.

No dia 11 de fevereiro de 2020, em resposta ao ofício enviado ao IBRAM solicitando ajuda para auxiliar tanto o processo de recuperação dos documentos do Arquivo, como também dos objetos do Museu atingidos pela enchente, foram enviados três funcionários do Arquivo Público Mineiro, sendo eles o arquivista Thiago Vitral, a museóloga Pollyanna Machado e a historiadora Diana. A equipe visitou o prédio afetado para avaliarem os danos e o que poderia ser feito.

No decorrer da visita os técnicos elogiaram o trabalho desenvolvido pelos voluntários e funcionários, cujos esforços em empreender uma força tarefa foram eficazes pois evitaram danos maiores ao acervo. Ao longo do dia os servidores do Arquivo Público Mineiro fizeram orientações em relação ao manuseio dos papéis, conscientizaram sobre os cuidados necessários para não nos contaminarmos, além de terem deixado materiais para auxiliarem nesse processo de recuperação. O segundo momento da visita fora realizado no novo prédio do Museu e Arquivo, com a ajuda da equipe alocamos na parte superior do prédio parte dos livros de contabilidade do Banco do Brasil.

O trabalho de secagem dos jornais acabou desorganizando-os, pois ao abrir os pacotes para tirar a água e transferi-los para o novo prédio os retiraram de sua ordem cronológica. Tendo-os como fonte desta dissertação, nos propomos a organizar os jornais secos separando-os por ano, ainda não conseguimos organizá-los de acordo com os meses, pois é uma tarefa que demanda recursos que no momento não estão disponíveis – como por exemplo, invólucros adequados. Nesta empreitada dedicamo-nos por volta de um mês e meio, todos os dias desde as 8h às 17h.

Além dos danos provocados pelas enchentes, a falta de funcionários no Arquivo para realização periódica de atividades que visem conservar o acervo agravaram a situação. Por exemplo, os registros dos Livros do Banco do Brasil foram apagados pela água, mas já estavam comprometidos por fungos. Quanto ao acervo documental do Arquivo, houve danos nas três últimas prateleiras de todas as estantes. Transferimos o acervo molhado para o prédio novo, onde começaram atividades de sua recuperação. Mesmo que a equipe do Arquivo Público Mineiro tenha documentado a importância de contratarem profissionais para a recuperação mais rápida e efetiva do acervo, até então não editais não foram lançados. A Secretaria de Cultura contratou

apenas uma professora de História para recuperar os documentos danificados, no entanto, a mesma relatou a impossibilidade de fazê-lo sozinha.

Ao longo das análises das atas, percebemos não só a inconstância das reuniões e como as relações políticas locais reconfiguram constantemente o corpo do conselho e a gestão do CEDOC-HIS, mas também a forma com que seus constantes deslocamentos agregam a ele novas dimensões físicas, e que ainda assim seu lugar continua sendo um “não-lugar”.

Em relação à nomenclatura dada ao Centro de Documentação Histórica, na prática, o que existe ainda é o AHGM. Nas reuniões do CONSDemPAHCC falou-se em Centro de Documentação Histórica apenas uma vez, sempre refere-se a ele como Arquivo Histórico Municipal. Assim como nos primeiros anos de existência, as práticas do AHGM enquanto CEDOC-HIS são confusas, o que reflete a necessidade de profissionais que compreendam as reais implicações e demandas de um Centro de Documentação e de um Arquivo. Enquanto não houver clareza acerca do que se trata este acervo, para que ele serve e quais profissionais são necessários para geri-los, o Arquivo/Centro de Documentação continuará deteriorando.

CAPÍTULO 2

A CONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA MUSEALIZADA E ARQUIVÍSTICA CARANGOLENSE

Para compreendermos as raízes das práticas museológicas e arquivísticas carangolenses, traçaremos um panorama desde os primeiros esforços para constituir os acervos. Analisaremos as leis de criação destas instituições, quais suas demandas e o que os jornais abordavam em relação a este processo. Tomaremos como fonte as notícias veiculadas por jornais carangolenses entre 1950 e 2003. A escolha deste recorte se deve ao fato de que, tendo sido o MHM e o AHGM/CEDOC-HIS criados em 1959, buscamos compreender através de análises desde o início da década, como surgiu o interesse pela criação de um museu e um arquivo. O ano final, deve-se ao fato de só haver na hemeroteca do CEDOC-HIS periódicos até o ano de 2003. Deste modo, não encontramos nenhuma menção ao AHGM enquanto Centro de Documentação porque nossas fontes não se estendem até 2009, período em que a nova nomenclatura fora adotada. Portanto, chamá-lo-emos de AHGM.

2.1 – O PASSADO, A MEMÓRIA E O MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL

*Tu mostras [Carangola] em tua nítida vitrine,
como jamais pôde mostrar Cellini,
o mais belo aderêço da tua graça.
Brtiânio Salerno⁵¹*

Jörn Rüsen⁵² advoga que existem vários tipos de memória que podem nos auxiliar ao lidarmos com o passado, entre elas a memória comunicativa – relacionada aos aspectos simbólicos que evocam experiências históricas de um sistema político; memória coletiva – segundo o autor, essa memória é exercida com o intuito de promover a coesão de unidades sociais; e, memória cultural – compreendida por Rüsen como eixo da identidade histórica. Assim, a memória e suas diversas manifestações funcionam como ferramentas que propiciam que o passado tenha sentido, pois o reincorpora e o mantém vivo no presente.

Esses três tipos de memória representam diferentes níveis de seleção e institucionalização com patamares correlacionados de permanência e resistência à mudança. Processos históricos de longa duração podem ser interpretados pelo uso de hipóteses de transformação comunicativa nas memórias coletiva, comunicativa e cultural. Toda memória histórica muda no curso do tempo, mas enquanto a memória comunicativa é fluída e depende de circunstâncias correntes e a memória coletiva mostra os primeiros sinais de permanência institucional ou organizacional, a memória cultural torna-se uma instituição com alto grau de permanência.⁵³

Para Michael Pollak⁵⁴, a memória é constituída por acontecimentos, personagens e lugares. Os acontecimentos são divididos entre os que foram vividos pessoalmente e os vividos por tabela – vividos por um grupo ou coletividade, e “se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo”⁵⁵; os personagens são os atores envolvidos no processo; e em relação aos lugares, o autor traz que existem “locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do

⁵¹SALERNO, Britânio. Tu mostras. In: _____. **O Berço**. Carangola, 1982, p.13.

⁵²RÜSEN, J. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 2, n. 2, p. 163-209, 11.

⁵³**Ibid.**, p.167.

⁵⁴POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

⁵⁵**Ibid.**, p.202.

grupo, e por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo”.⁵⁶ Assim, a memória é uma forma de referência do passado que visa manter a coesão interna dos grupos, pois ainda segundo Pollak,

a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, em que se o inclui o território (no caso de Estados), eis as duas funções essenciais da memória comum. Isso significa fornecer um quadro de referências e de pontos de referência.⁵⁷

Para que possamos analisar o passado representado pelos acervos do Museu Histórico-Geográfico Científico Carangolense e do Arquivo Histórico Geográfico Municipal com o intuito de compreendermos como esse *locus* se constitui enquanto guardião da memória municipal, nos apoiaremos na perspectiva da memória coletiva, manifestada segundo Rüsen⁵⁸ quando há um grau maior de seletividade representada acerca do passado, e que é capaz de fazer com que as pessoas se sintam parte de um contexto que se modifica constantemente.

Os esforços no sentido de resgatar e expor objetos relacionados ao passado carangolense tiveram início durante a VIII Exposição Agropecuária no ano de 1952. O jornal **Gazeta de Carangola**, em 1952 através da matéria *Registrou um notável acontecimento a 8ª. Exposição Agro-pecuária e Industrial*, apontou que,

terminados o discursos, a comitiva oficial presente e grandes massa popular, cortaram a fita simbólica para o recinto dos pavilhões, passaram ao exame detido sobre produtos expostos, não só pecuários, agrícolas ou industriais, mas inda outros motivos interessantes como mostruário dos pássaros, os objetos da antiguidade e muitos outros.⁵⁹

Nesta ocasião, o então sargento instrutor do Tiro de Guerra de Carangola, José de Almeida Lima, organizou uma pequena mostra reunindo itens como objetos de porcelana da

⁵⁶Cf. POLLAK, Michael. **Op. cit.** p.51, p.203.

⁵⁷POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro vol.2 nº3, 1989. p.9.

⁵⁸**Ibid.**, p.9.

⁵⁹REGISTROU um notável acontecimento a 8ª Exposição Agro-pecuária e Industrial. **Gazeta de Carangola**. Carangola, p. 1-6. 2 ago. 1952.

antiga Cia. Industrial Carangolense, troncos utilizados para castigar escravos, cartas patentes de oficial da Guarda Nacional e caixas de músicas dos primeiros carangolenses.

Na publicação *Dia 20 de julho – Às 14 horas, Início da 8ª Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Carangola* do jornal **Folha da Mata**, temos um panorama complementar acerca dos objetos expostos. Segundo a notícia, inaugurou-se um *Stand* de Antiguidades para exposição de “autênticas raridades em filatelia, numismática, *bric-a-bracs*, junto a peças de marfim, leques do Império, livros antigos, oferecendo um campo enorme para os entendidos em pintura e gravura antigas.”⁶⁰ A reportagem especifica ainda quais objetos seriam expostos:

5 peças de marfim trabalhado (filigrama) do séc. XVI; 1 ceia de porcelana do séc. XVIII; 1 leque de marfim, 1822; 1 sinete do cons. Antônio R. F. Braga; 1 leque Japonês; 1 camafeu do Papa Pio IX; 1 tela do séc. XVI, (autor desconhecido) – Sta Maria de Ezentochen com menino Jesus (1778-1700); 29 livros (Bíblia de (1778) duas telas do pintor Vienense Rudolph Clemens, representando os índios Purís (1952).⁶¹

Ainda que quantitativamente exígua devido ao pequeno espaço cedido para realizar a exposição de antiguidades, uma vez que o pavilhão Antônio Marques era usado para exposições diversas, percebemos o interesse por representações do passado. De acordo com o jornal **Gazeta de Carangola**, esse esforço foi suficiente para despertar a curiosidade dos expectadores⁶², já que “essa cidade (...) tem em sua história muitos fatos pitorescos não só para serem contados, mas para serem mostrados.”⁶³

No final da década de 50, o Museu Histórico Municipal foi institucionalizado pelo artigo 4º da Lei municipal nº205, de 1959 que previa o seguinte:

Art.4º- Ficará adstrito ao Arquivo, como secção independente, o Museu Histórico-Geográfico-Científico Carangolense, com Diretoria própria, eleita por 4 anos, podendo ser reconduzida.

§Único – Para a manutenção do Museu, poderá a Diretoria em suas disposições estatutárias, incluir a categoria de sócios contribuintes, podendo receber doações e legados de objetos considerados de valor estimado ou histórico.⁶⁴

⁶⁰DIA 20 de julho – Às 14 horas, Início da 8ª Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Carangola. **Folha da Mata**. Carangola, p. 1-8. 17 jul. 1952

⁶¹**Ibid.** p. 7.

⁶²IDEIA para um Museu em Carangola. **Gazeta de Carangola**. Carangola, p. 1-8. 21 fev. 1976.

⁶³Cf. MUSEU reabre. **Op. cit.** p.21.

⁶⁴CAMARA MUNICIPAL DE CARANGOLA (Município). Constituição (1959). **Lei Municipal nº 205**, de 14 de maio de 1959. Carangola.

Ao longo do processo de criação do MHM e do AHGM foram veiculadas através do jornal **Folha da Mata** diversas matérias solicitando e divulgando as doações com o intuito de incentivar novas contribuições, pois era necessária a “colaboração de todos os bons carangolenses com o propósito de aumentar o seu acêrvo cultural.”⁶⁵

Na matéria *Museu Municipal: Uma Campanha Neritória* [sic], do jornal **Folha da Mata**, era anunciado o seguinte convite direcionado aos cidadãos, que estando atentos à necessidade de deixar um legado para a posteridade, poderia contribuir com este projeto:

Já estão sendo articulados os nomes que vão constituir a direção provisória⁶⁶ da novel instituição de caráter educacional da cidade. A idéia do Museu Municipal merece, de todos os Carangolenses que de fato queriam dotar sua terra de um melhoramento, seu sacrificio individual, aguardando a seus organizadores a aumentar o acervo já existente, com novas doações.⁶⁷

A criação de um museu com ênfase em seu caráter educacional pode ter sido fruto das transformações pedagógicas implementadas através do movimento Escola Nova, cujas mudanças na educação ocorriam, sobretudo, no interior das escolas dando ênfase à qualidade de ensino. Maria Margaret Lopes⁶⁸, em referência à Saviani, aborda que este modelo deslocou a preocupação do ambiente político da sociedade para os aspectos técnicos-pedagógicos. O que reforçava, segundo a autora, a educação das elites em detrimento do ensino designado aos setores populares, “aos quais chegaram os ideários escolanovistas, mas não suas condições práticas.”⁶⁹

Essa abordagem centrava-se na relação entre professor e aluno, cuja aprendizagem deveria ocorrer em “ambientes motivadores, com diversidade de materiais didáticos, bibliotecas, que estimulem as aptidões e os interesses pessoais.”⁷⁰ Assim, começou-se a valorizar as potencialidades educacionais dos museus. Contudo, ainda que o escolanovismo tenha transformado as perspectivas de ensino, converteu, em contrapartida, os museus em ferramentas

⁶⁵MUSEU necessita de seu Concurso. **Folha da Mata. Carangola.** 11 jun. 1959. p.1.

⁶⁶A título de esclarecimento, ressaltamos que o idealizador do projeto do Museu Jayro Motta Hosken fora nomeado diretor provisório do museu em 1959.

⁶⁷MUSEU Municipal: Uma Campanha Neritória. **Folha da Mata. Carangola.** 20 fev. 1959.p.1.Grifos Nosso.

⁶⁸LOPES, Maria Margaret. A favor da desescolarização dos museus. **Educação e Sociedade**, vol.40, dez.1991, p.443- 455.

⁶⁹**Ibid.**, p. 2.

⁷⁰**Ibid.**.

de ensino. Houve uma supervalorização do caráter pedagógico das instituições museológicas em detrimento de outras experiências independentes do ambiente escolar. Lopes ainda discorre que neste contexto, “perderam terreno nos museus suas funções de disseminação de conhecimentos para públicos amplos”⁷¹.

Em relação às doações com teor pedagógico feitas ao MHM, o Grupo Escolar Benedito Valadares e o Grupo Escolar Melo Viana enviaram à diretoria do Museu peças variadas⁷². As doações dos grupos escolares colocaram em questão a possibilidade de criação de uma nova seção voltada para objetos escolares. Discorrendo sobre o contexto amplo em que os museus se inseriam no final dos anos 1950, tomemos as premissas de Myrian Sepúlveda⁷³ ao abordar que ainda entre os anos 1950 e 1960 os museus tinham como tendência focar nas coleções e no papel educacional – concepção arduamente criticada na década seguinte por ser concebida como um veículo dos discursos oficiais.

Debates promovidos pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) em 1951 abordavam a pertinência de instituições museológicas promoverem discussões sobre a educação dentro de museus. Segundo o Conselho Internacional de Museus (ICOM), museu define-se como uma instituição sem fins lucrativos, permanente, à disposição da sociedade de seu desenvolvimento “aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.”⁷⁴ Ou seja, o papel educacional não sobrepõe as outras perspectivas acerca dos museus, são complementares.

Dando continuidade a análise do convite feito pelo jornal **Folha da Mata** na publicação *Museu Municipal: Uma Campanha Neritória* [sic], matéria destacada anteriormente, lemos ainda que:

Qualquer um de nós tem sempre algum objeto curioso ao amigo, espécie de reliquia de família, que sempre está destinado a ficar no “fundo da mala” e que, com um pouco de desprendimento, pode ser legado ao patrimônio público, pois o Museu é da cidade, do povo, de todos nós! Objetos em metal, madeira, porcelanas, uma cadeira original, um chalé antigo, o relógio que foi do nosso

⁷¹Cf. LOPES, Maria. **Op. cit.** p. 55, p.3.

⁷²GRUPO Escolar Do Objetos Para o Museu. **Folha da Mata**. Carangola, 6 ago. 1959. p.2

⁷³SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Museus brasileiros e política cultural. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2004, vol.19, n.55, pp.53-72. ISSN 0102-6909. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092004000200004>.

⁷⁴INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. Portugal. **Museu [Definição]**. [20--]. s.d. Disponível em: <Disponível em: <https://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu/>>. Acesso em: 1 jun. 2020.

bisavô, podem ser doados do Museu. Ali com o nome do doador, será exposta a relíquia ao a curiosidade, sendo patrimônio de todos.⁷⁵

Neste trecho podemos inferir sobre uma referência aos Gabinetes de Curiosidades muito comuns na Europa nos séculos XV e XVI, destinados a guardar coleções de objetos curiosos sobre o Novo Mundo descoberto. As coleções objetivavam mostrar o poder econômico de quem as possuía. Assim como as coleções que compunham os Gabinetes de Curiosidades não obedeciam a nenhum critério além de precisar ser um objeto curioso ou uma relíquia, não existiam a princípio delimitações temáticas.

As doações e as promessas de doações para o MHM eram realizadas por instituições públicas, privadas e cidadãos. Observemos ainda que, nesse contexto, os objetos não possuíam delimitação quanto ao recorte temático do acervo, ainda que houvesse categorias pré definidas, uma vez que

Qualquer doação poderia ser feita ao museu que comportava as seguintes secções: numismática, filatelia, taxidermia, história natural, história, geografia, arqueologia, pintura, desenho, bibliografia, arte doméstica, folclore, entre as principais. Citam-se entre outras secções de mobiliário, arte sacra, cerâmica e arte aplicada, todas estas já iniciadas com doações.⁷⁶

Tão vagas eram as delimitações, que

o sr. Lanny Calito, jovem acadêmico e residente durante anos na Bolívia, fez entrega ao vereador Jayro Motta Hosken, de dois interessantes bonecos típicos da Bolívia como sua espontânea contribuição para o Museu Municipal.⁷⁷

Ambos os trechos transcritos anteriormente são de jornais de 1959, sendo o primeiro trecho de uma edição publicada em fevereiro e o segundo uma publicação de agosto. A doação dos bonecos bolivianos nos faz pensar na imagem que as pessoas tinham sobre museu em 1959, além do impacto da matéria publicada meses antes. Os Gabinetes de Curiosidade do século XV e XVI ainda impactavam não somente nas práticas museológicas carangolenses do século XX, como também se refletiam nos discursos jornalísticos que solicitavam doações de quaisquer

⁷⁵Cf. MUSEU Municipal. **Op. cit.**p.54.

⁷⁶Cf. MUSEU NECESSITA. **Op. cit.** p.54. Grifo Nosso.

⁷⁷PARTICULAR também doa objetos. **Folha da Mata**. Carangola. ago. 1959. s/p Grifo Nosso.

objetos, sem elucidar a importância de terem minimamente alguma coesão histórica ou geográfica.

Da mesma forma que percebemos a ausência de critérios que determinassem a tipologia ou os acervos que poderiam ser doados, também vemos que não havia restrições em relação a quem poderia contribuir com esse projeto, uma vez que “qualquer doação poderia ser feita ao museu.”⁷⁸ Entretanto, o discurso vinculado pelo jornal nos parece direcionado a um público específico, conforme vemos em uma edição do jornal **Folha da Mata**:

O Museu está precisando do apoio dos intelectuais carangolenses. Britânico Salérno já fez duas valiosas doações. É necessário que todos concorram (principalmente as famílias tradicionais de Carangola) para o enriquecimento do patrimônio cultural e artístico da nossa terra⁷⁹.

Ainda que, desde o princípio, a elaboração desse acervo tenha buscado, segundo as reportagens mencionadas, agregar a si diversos objetos e narrativas, percebemos a ênfase dada aos artefatos vindos de famílias tradicionais e de intelectuais carangolenses. O destaque dado a uma parcela muito específica da sociedade não consegue suprir a carência de signos capazes de evocar memórias coletivas e (re)significar identidades. Conforme posto por Rösen⁸⁰, os sentidos da memória coletiva se constroem quando as pessoas se sentem parte dela. Se desde o início o discurso é direcionado principalmente a uma classe, posteriormente as formas que ele será reverberado tendem a não atingir a maior parcela da população.

Conforme apontou Le Goff⁸¹, a memória coletiva está presente nas sociedades em desenvolvimento e nas desenvolvidas, presente nas classes dominantes e também nas dominadas, que buscam se promover e perpetuar, além de ser também o principal elemento das identidades individuais e coletivas. A memória coletiva não se limita apenas a uma conquista porque também é instrumento e objeto de poder, uma vez que detém o domínio sobre a recordação e a tradição.

Ainda de acordo com o autor, tanto a memória individual como a coletiva sofrem manipulações provocadas consciente ou inconscientemente. Ademais, o domínio da memória coletiva se torna ferramenta nas disputas pelo poder e pela hegemonia do discurso, uma vez que

⁷⁸Cf. MUSEU NECESSITA. **Op. cit.** p.54.

⁷⁹MUSEU. **Folha da Mata**. Carangola. 1 out. 1959. p.1. Grifo Nosso

⁸⁰Cf. RÜSEN, Jörn. **Op. cit.** p.51.

⁸¹LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão...[et al.]. – 5º ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

as primazias do direito às narrativas da memória também refletem no poder sobre o esquecimento seletivo, servindo este último como forma de evidência da manipulação da memória coletiva.⁸²

Os trechos dos jornais abordados nos possibilitam ponderar a respeito dos objetos que foram solicitados para constituir a memória coletiva de Carangola e como se deu a partir disso a elaboração de uma coleção que tem como objetivo preservar parte do passado. Ainda assim, isso não quer dizer que as evocações feitas a partir dessas memórias conservadas nos permitirão completar ou fortalecer o passado, como nos adverte Maurice Halbwachs⁸³, é que essa é a única maneira de conseguirmos ter acesso a ao passado. Diante disto, como objetos particulares que evocam lembranças singulares podem colaborar para a reconstituição do passado coletivo?

Halbwachs versa que existem duas maneiras de organizar as lembranças: a memória individual e a memória coletiva. Um indivíduo vivencia essas duas memórias, e, em cada um desses nichos ele assume uma postura. Contudo, ainda que em um plano individual a memória recorra a outros depoimentos, a nossa memória não se confunde com a dos outros. Mesmo que a memória coletiva agregue a si memórias individuais, esse movimento não faz com que elas se confundam.

Para nossa memória se apoiar em outras memórias, precisamos preservar um determinado vínculo com as recordações que são comuns a um determinado grupo, ressaltando, assim, a necessidade de uma comunidade afetiva. Reconstruir o passado através de suas reinterpretações, não é necessariamente assegurar que as pessoas se lembrem dele, isto só ocorre se elas estão de algum modo ligado aos fragmentos que se propõem a recordar de um passado comum, o que nos mostra que a memória individual não está isolada, ela se orienta a partir de suportes externos aos sujeitos.

Assim, a memória coletiva se compõe por acontecimentos que marcam um grupo, entretanto, essa memória coletiva não é homogênea, pois é apropriada ou percebida de formas diferentes. A memória coletiva é uma forma de dar continuidade ao passado, ela o mantém vivo através de reconstituições e ressignificações.

⁸² Cf. LE GOFF, Jacques. **Op. cit.**p.57.

⁸³ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

Pensando na relação entre o MHM e a memória coletiva, abordamos a perspectiva de Ulpiano Meneses⁸⁴, que ao analisar o conjunto de reverses em relação à identidade cultural presentes nos museus, aborda essas instituições como auxiliares da comunidade no processo de tomar consciência de sua própria identidade. Nesta concepção, identidade tem a ver com a necessidade de constantes reafirmações. As imagens que os indivíduos têm de si são alienadas ao outro, a construção identitária é baseada em sua validação. Uma vez que as identidades focalizam nas semelhanças, esse processo produz diferenças e, são essas diferenças que alicerçam hierarquizações e classificações.

Meneses discorre que os museus atuam em três esferas: a universal, que se propõe a distanciar-se o máximo possível do viés ideológico. Para o autor, a esfera universal é um sintoma do etnocentrismo; a esfera nacional, pela necessidade de suprir os anseios de um projeto comum acaba por fortalecer e reverberar estereótipos dado sua capacidade de representar o que é corriqueiro (como por exemplo, através de roupas e utensílios domésticos); e, por fim, a esfera do local/regional, onde a busca pela recuperação da unidade identitária pode levar a inclinações ideológicas.

Em um fragmento da matéria *Museu Municipal: Uma Campanha Neritória* [sic] do jornal **Folha da Mata**, era abordada a necessidade de que

o povo compreenda a finalidade de um Museu e coopere com esta iniciativa, destinada a colocar nossa terra na vanguarda com sinônimo de cultura, bom gosto e civilização de um povo⁸⁵[...] o museu é sinônimo de civilização e cultura e uma cidade sem tradição é uma terra que não se preza⁸⁶.

Ainda que compreendamos que esses discursos se alocam num contexto de modernização da cidade no qual o MHM representa um significativo marco no que concerne a práticas culturais, abordamos duas maneiras de estabelecer um paralelo entre culturas. Segundo José Luiz dos Santos⁸⁷, uma tendência é levar em consideração que cada cultura tem suas especificidades, a outra postura tende a hierarquizar práticas singulares. A segunda, por sua vez, não leva em

⁸⁴MENESES, U. (1993). A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). **Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material**,1(1), 207-222. <https://doi.org/10.1590/S0101-47141993000100014>

⁸⁵Cf. MUSEU Municipal. **Op. cit.**p.54. Grifo Nosso.

⁸⁶**Ibid.**

⁸⁷SANTOS, José Luiz. **O que é cultura?** São Paulo: Editora Brasiliense. 2006

consideração que as técnicas e os critérios são singulares e visa impor padrões lineares de evolução cultural, quando o que temos são manifestações culturais dinâmicas.

O que nos vem a partir destes trechos, são às expectativas para este museu e o que ele viria a representar. Inferimos que esperava-se que objetos provenientes de “famílias ilustres” assegurassem ao MHM erudição e distinção. No final da frase destacada do jornal, fala-se em manifestações acerca da civilização de um povo. O povo carangolense civilizado seriam as personalidades ilustres?

Estas ideias de civilização através dos museus eram comuns no século XX, a ênfase em fatos, objetos de personagens excepcionais nos museus e a concepção de história a partir de perspectivas elitistas e noção de que os museus tinham a função de educar o povo os instruindo para a civilização e o progresso, eram eixos que orientavam as práticas do SPHAN.⁸⁸ Pimentel⁸⁹ aborda em sua dissertação que os idealizadores do MHM, Rogério Carelli e Jayro Motta eram profundamente influenciados por estas concepções. A questão é que conceber os museus desta forma esvazia-os de manifestações culturais populares.

Em 1976, dezessete anos após a institucionalização do MHM, o jornal **Gazeta de Carangola**, publicava uma *Ideia para um museu em Carangola*⁹⁰, que trazia considerações com o intuito de conscientizar a comunidade sobre a importância de um museu e sobre a manutenção do acervo já existente, enfatizando ainda a relevância de um acervo fotográfico. No artigo eram lançadas proposições sobre como lidar com fotografias que consistiam na utilização de microfilmagem e tinha como objetivo fomentar nas famílias que deixaram a cidade o desejo de colaborarem fazendo doações. Ainda que este movimento tenha sua importância, porque não buscar também por registros de pessoas que ainda estavam em Carangola?

Em outra seção desta mesma edição, o jornal ainda apresentava o *Projeto do Museu Carangolense*. Contudo, os artigos não tiveram o alcance esperado, a situação do museu continuou inerte e dois meses após sua publicação, a **Gazeta de Carangola** manifestava sua indignação através da matéria *O Museu em que deu?*, conforme veremos abaixo.

⁸⁸JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do museu. In: **CADERNO de diretrizes museológicas**. 1. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006. 2º. Edição.

⁸⁹Cf. PIMENTEL, Eduardo. **Op. cit.**p.25.

⁹⁰Cf. IDEIA para. **Op. cit.** p.53..

O palpitante artigo de Rogério Carelli⁹¹, intitulado <<Projeto do Museu Carangolense>>, publicado em um dos números de março deste jornal, não teve a repercussão que merecia. É um estudo muito bem feito, trata de um assunto muito importante e devia motivar mais as autoridades e o povo para o estudo de uma solução. Carangola não tem nenhum acervo histórico e quanto mais o tempo vai passando mais difícil vai ficando consegui-lo. A única restrição que poderia ser feita ao projeto sugerido seria a da sua exagerada pomposidade, porque uma obra mais modesta talvez seria mais viável. Uma atualização e ampliação do museu fundado e iniciado pelo ex-prefeito João Ubaldo já não seria um bom começo? O que não se compreende é a indiferença das autoridades e da opinião pública em face do brado de alerta lançado pelo Rogério Carelli.⁹²

Diante do trecho mencionado, chamamos a atenção para algumas questões: primeiro em relação às ambiguidades das abordagens dos discursos dos jornais. Em 1987, a **Gazeta de Carangola** publicou *Museu reabre com acervo em precárias condições*. Nesta matéria o jornal trazia que, em 20 de março de 1976, a comunidade teria procurado o jornal para publicar um projeto detalhado para a criação de um museu na cidade. E que é devido a história da cidade que “a comunidade local tenha se movimentado e criado o seu museu histórico.”⁹³ Como o jornal denunciava a “indiferença da opinião pública”, em abril de 1976, (recorte do jornal citado anteriormente) se, supostamente, foi a comunidade quem se organizou, para elaborar e propor o projeto do Museu?

A outra questão consiste na persistente dificuldade de constituir o MHM, onde há mais de uma década de sua criação, construir e promover seu acervo ainda era um problema latente. Isto nos coloca diante de outra vicissitude do discurso: a matéria aborda a inexistência de um acervo histórico, no entanto, vimos nas publicações do jornal **Folha da Mata** uma campanha que alcançou diversas doações no ano de 1959. Se os objetos doados não constituíam um acervo até então, qual o sentido de criar um museu?

Em uma série de quatro artigos, Rogério Carelli escreveu *Sugestões para organização de um Museu em Carangola*. Nos textos foram sugeridos alguns critérios/tipologia para compor o acervo e as seguintes categorias: Móveis – compostos por peças provenientes dos progressos habitantes de Carangola que tiveram relevância social, política e econômica como o Barão e a Baronesa de São Francisco do Glória; Roupas – roupas de festividades culturais como os antigos

⁹¹Rogério Carelli foi um professor, pesquisador e historiador carangolense.

⁹²O MUSEU em que deu? **Gazeta de Carangola**. Carangola. 24 abr. 1976. p.1-4. Grifo Nosso.

⁹³Cf. MUSEU reabre. **Op. cit.** p.21.

congados e carnavais, fardas e uniformes de escolas pioneiras no município; Armas – espadas (tanto utilizadas em cavalhadas, como também utilizadas pela Guarda Nacional) e armas de fogo antigas, sobretudo, forjadas por ferreiros locais; Imagens Religiosas – imagens barrocas remanescentes, oratórios e altares não mais utilizados; Utensílios – objetos em desuso pertencentes aos antigos moradores de Carangola, como pilões, a primeira máquina de escrever, rocas, o primeiro fonógrafo, ferramentas, etc.; Utensílios Indígenas – peça de cerâmicas, armas, artefatos que tenham pertencido aos Índios Coroados; Maquetes – maquetes que reconstituíssem alguns perímetros da cidade no fim do século XIX e início do século XX; Ampliações de fotografias antigas da cidade; Amostras de pedras e minérios dessa região; Animais empalhados – espécimes característicos da fauna carangolense; Pinturas – de artistas locais; Retratos – retratos de figuras de destaque na sociedade carangolense; e, Veículos – locomotivas, carruagens, veículos militares, exemplares de veículos em desuso representados em escala reduzida.

É relevante destacarmos as novas reflexões sobre a constituição desse acervo após um considerável tempo desde sua criação, quando Carelli esclarece a pertinência de um acervo que priorize a história de Carangola, pois:

O museu não é depósito de coisas velhas ou em desuso. O objeto exposto é uma prova material da história. Por isso, os objetos destinados a um Museu em Carangola, teriam que ter alguma relação com a nossa história. Não interessariam outros objetos, por mais valiosos ou curiosos que fossem. Não seria por ser simplesmente antigo, que uma imagem barroca de madeira, vinda de outra cidade, ou um velho pilão vindo de outro Estado, que servirão para formar o acervo. A conotação histórica é imprescindível.⁹⁴

As novas reflexões buscam afastar-se da ideia dos Gabinetes de Curiosidades e da ideia de depósito de coisas. Percebemos também a preocupação com a delimitação geográfica e histórica. Entretanto, mesmo em face dos novos contornos da museologia e da prática historiográfica ao longo dos anos esta matéria, de 1976, abordou os objetos do museu como “prova material da história”, o que retoma a historiografia Positivista difundida no século XIX, na qual os fatos precisavam ser validados oficialmente, o qual pensava no objeto exposto enquanto uma prova material justificasse a existência dos objetos por si só.

Percebemos a mesma inclinação às concepções positivistas em *Museu Histórico e Geográfico de Carangola: Um museu que ensina vida.*, difundido pela **Gazeta de Carangola** em

⁹⁴CARELLI, Rogério. Projeto do Museu Carangolense. **Gazeta de Carangola**. Carangola. 25 e 27 de março, 1976.p.1

1992, onde “o ideal é que as pessoas venham ao museu em busca de conhecimento, para entender um pouco mais de suas origens e costumes e tradições de seu povo; a origem e modo de vida de outros seres que costumava ver e pouco conhece.”⁹⁵ Na perspectiva positivista, segundo Ricardo Marcelo Fonseca⁹⁶, o conhecimento não é uma representação, mas a apresentação das coisas como são. Uma vez que o conhecimento pode apresentar a verdade.

No que tange à conotação histórica, em 1983, a **Gazeta de Carangola** publicava *Por Um Museu Regional*, elucidando as ideias defendidas pela museóloga e professora Ecylla Castanheira Brandão que tinha “uma ideia bastante original no que relaciona a museus populares. Ela acha que deve incentivar a criação de Museus que partam da comunidade, como é o caso do Museu Histórico Carangolense.”⁹⁷ Na mesma publicação é abordado que no Brasil os museus foram incorporados às práticas elitistas. Por conta disto, o museu se tornou reflexo dos hábitos culturais das classes privilegiadas, cujos costumes se originavam das tradições de exposições europeias valorizando objetos valiosos que pertenciam à nobreza, “não se pensava num Museu que contivesse também arte, objetos e costumes do povo, uma fonte inesgotável de riquezas culturais que pudessem contribuir para a elaboração histórica a partir das camadas populares.”⁹⁸ Esta publicação vai na contramão dos conteúdos dos primeiros anos de existência do MHM, uma vez que, como visto, os jornais abordavam uma clara demanda por objetos de intelectuais e famílias tradicionais. Isto nos convida a pensar sobre a que população estes discursos se referem. O que é considerado população quando se nota a ênfase dada a um grupo específico?

A noção de memória que abordamos enquanto operação coletiva dos acontecimentos e que se coloca como referência ao passado para manter a coesão interna dos grupos⁹⁹, enfatiza a pertinência dos rastros serem relacionados especificamente com a memória de Carangola e impõe limites que visam manter também a coesão histórica e identitária. No entanto, ainda que seja válido ressaltar que o museu não é um depósito de coisas velhas e acentuar uma conotação histórica, ao longo do processo de c restringia ao “o que expor” e não ao “para que expor”. Nos jornais salientava-se a necessidade de fazer com que os cidadãos compreendessem a importância

⁹⁵MUSEU Histórico e Geográfico de Carangola: Um museu que ensina vida. **Gazeta de Carangola**. Carangola, p. 6-6. 15 a 31 maio 1992. Grifo Nosso

⁹⁶FONSECA, Ricardo Marcelo. O POSITIVISMO, “HISTORIOGRAFIA POSITIVISTA” E HISTÓRIA DO DIREITO. **Argumenta Journal Law**, Jacarezinho - PR, n. 10, p. 143-166, fev. 2013. ISSN 2317-3882. Disponível em: <<http://seer.uenp.edu.br/index.php/argumenta/article/view/131>>. Acesso em: 20 mar. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.35356/argumenta.v10i10.131>.

⁹⁷BAPTISTA, Rosemary Faria. Por Um Museu Regional. **Gazeta de Carangola**. Carangola, p. 1-1. 04 nov. 1983.

⁹⁸**Ídem**.

⁹⁹Cf. POLLAK, Michael. **Op. cit.**p.51.

de um museu e de sua colaboração com esse projeto, mas, em contrapartida, não encontramos artigos que elucidassem esses motivos e que oferecessem justificativas que não se baseassem em pressupostos “civilizatórios”, ou que não tivesse como objetivo agregar obsessivamente a seu acervo objetos de pessoas que deixaram à cidade.

O jornal **Gazeta de Carangola** no artigo *O Carangola antigo está sumindo* trazia consigo mais uma de suas inquietações em relação ao MHM:

E o tempo vai apagando cada vez mais tudo o que nos liga ao passado – retratos, livros, documentos e até o panorama que o progresso modifica. Será que acabou o culto ao passado? Não será muito tarde quando resolvermos reagir contra esta displicência? Precisamos recuperar o tempo perdido, para salvar o que resta. E o início depende da formação de um estado de espírito, da conscientização de um dever, da mobilização do povo e do poder público, porque o alvo é um bem comum. Precisamos despertar o interesse pelo nosso passado, criando um museu e escrevendo a nossa história. Urge que apareçam vocações de historiadores para tão importante tarefa. Uma das melhores campanhas que poderiam iniciar os nossos clubes de serviços. O Governo Municipal deveria se colocar na dianteira, oferecendo recursos para as pesquisas, aquisição de antiguidades, retratos e documentos, instituição de prêmios e preparando locais adequados para a instalação do museu. É preciso fazer alguma coisa imediatamente, porque o Carangola antigo está sumindo.¹⁰⁰

Nos trechos destacados acima percebemos uma grande preocupação com o desaparecimento do passado. Como afirmou David Lowenthal¹⁰¹, o passado não está ao nosso alcance, mas pode ser acessado através dos indícios materiais deixados por sua existência. Se os vestígios sumissem do MHM, como poderíamos inferir sobre o passado que eles representam? Mas, conforme advoga Marc Bloch, “os exploradores do passado não são homens completamente livres. O passado é seu tirano. Proíbe-lhes conhecer de si qualquer coisa a não ser o que ele mesmo lhes fornece [conscientemente ou não].”¹⁰² Buscar a compreensão de algum evento do passado é uma atividade que sempre estará sujeita a uma ausência, o passado é inalcançável e não é possível congelá-lo: Não se pode dizer tudo, tampouco, manter todos os vestígios que atestem sua existência.

¹⁰⁰O CARANGOLA antigo está sumindo. **Gazeta de Carangola**. Carangola, p. 1-4. 17 jul. 1976. Grifo Nosso

¹⁰¹LOWENTHAL, David. **Como Conhecemos o Passado**. Projeto História, São Paulo, no. 17, nov.1998.

¹⁰²BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p.75.

Em 1999, outro clamor contra o esquecimento foi publicado pelo jornal **Folha da Mata**, desta vez acentuando em *Museu Histórico: Orgulho de Carangola* “o descaso [que] se dá em todos os níveis da administração pública, seja ela federal, estadual ou municipal”¹⁰³, pois:

O Brasil é conhecido mundialmente como um país sem memória. Tal conceito se prende ao descaso que nossas autoridades têm em incentivar a criação ou preservar o que materializa a ligação do presente com o nosso passado histórico, que são os Museus, os Arquivos Públicos, o Patrimônio Arquitetônico, etc.¹⁰⁴

Desde muito antes da criação do Museu existia no Brasil a preocupação com o patrimônio. Em 30 de novembro de 1937, foi criado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN – como órgão subordinado ao Ministério da Educação. O Decreto de criação do SPHAN trazia no seu Art. 1º a definição de patrimônio histórico e artístico nacional como o conjunto de bens imóveis e móveis existentes no Brasil cuja relevância de sua conservação seja um interesse público, seja por sua relação com os grandes fatos da história do Brasil devido ao seu valor excepcional arqueológico, bibliográfico ou artístico¹⁰⁵. Posta a definição de patrimônio, o Decreto também trazia ponderações sobre a preservação dos bens patrimonializados através de seu tombamento e inscrição nos Livros do Tombo, que subdividiam-se em 4 categorias: o Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, o Livro do Tombo Histórico, o Livro do Tombo das Belas Artes, e, o Livro do Tombo das Artes Aplicadas¹⁰⁶. O tombamento é uma ferramenta jurídica que impõe a preservação e conservação de bens materiais (monumentos, estruturas, locais, coisas essencialmente físicas) que atribuem valor histórico-cultural a uma localidade, comunidade, etnia ou povo.

Atualmente a noção de patrimônio tem outras conotações e implica em outros instrumentos de preservação, conservação e salvaguarda. Compreendemos como patrimônio de acordo o art. 216 da Constituição Federal os bens tangíveis ou intangíveis, sejam eles individuais ou conjuntos, que façam referência a memória e a identidade dos mais diversos grupos existentes na sociedade brasileira. Assim, o patrimônio é composto pelas

¹⁰³MUSEU Histórico: Orgulho de Carangola. **Folha da Mata**. Carangola, p. 3-3. jun. 1999.

¹⁰⁴**Ibid**, p.58

¹⁰⁵BRASIL. Constituição (1937). Decreto nº 25, de 30 de novembro de 1937. **Organiza A Proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, Disponível em:http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_no_25_de_30_de_novembro_de_1937.pdf. Acesso em: 29 fev. 2020

¹⁰⁶**Ibid**.

I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.¹⁰⁷

Com a nova abordagem constitucional sobre patrimônio imaterial, o IPHAN contribuiu com pesquisas que reverberaram na publicação do Decreto 3.551, de 04 de agosto de 2000, que “institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial”. O Registro é feito através da inscrição do bem em um (ou mais) dos Livros de Registros, são eles o Livro de Registro dos Saberes; Livro de Registro de Celebrações; Livro de Registro das Formas de Expressão; e Livro de Registro dos Lugares. A inscrição nos livros mencionados resultam na identificação, documentação e divulgação dos bens, além de fomentar o interesse da comunidade na tarefa de preservar tais bens.

No âmbito estadual, em 1971, foi criado o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA/MG) como órgão responsável pela tutela dos bens patrimonializados em Minas Gerais. Das atribuições do IEPHA/MG destaca-se:

I – proceder ao levantamento e tombamento dos bens considerados de excepcional valor histórico, arqueológico, etnográfico, paisagístico, bibliográfico ou artístico existentes no Estado e cuja conservação seja do interesse do público, classificando-os e, se for o caso, promovendo junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) o respectivo processo de tombamento também em esfera federal; [...] IV – promover a catalogação sistemática e a proteção do Arquivo Público Mineiro e de outros arquivos oficiais, eclesiásticos ou particulares, existentes no Estado, cujos acervos interessem ao estudo da história e da arte em Minas Gerais; V – organizar, manter ou orientar a formação e o funcionamento de museus de arte e história, museus regionais ou museus especializados, por si ou em convênio com órgãos do Poder Público, entidades de direito privado ou particulares; [...] VIII – promover a realização de cursos intensivos de formação de pessoal especializado ou cursos de extensão sobre problemas ou aspectos do patrimônio histórico e artístico e normas técnicas aplicáveis ao setor; [...] X – Manter sistema de vigilância permanente para a proteção dos monumentos históricos e artísticos, solicitando, quando necessário, a cooperação dos órgãos policiais do Estado [...]¹⁰⁸

¹⁰⁷BRASIL, Constituição (1988) **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988.

¹⁰⁸BRASIL. Lei nº 5775, de 30 de setembro de 1971. **Autoriza o Poder Executivo a instituir, sob forma de fundação, o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA/MG) e da outras providências.** Belo Horizonte, MG, 30 set. 1971. Seção 5. Disponível em:

O IEPHA/MG elaborou a Lei 12.040, em 1995, que orientava a adoção de políticas municipais específicas para o patrimônio. No que tange as medidas adotadas para a preservação do patrimônio em Carangola, criou-se em 1997 o Conselho Deliberativo Municipal de Patrimônio, que até 1999 não havia lançado nenhuma proposta de tombamento ou outra forma de registro dos bens do Museu e do Arquivo Histórico. Ainda que existisse legalmente desde o final dos anos 30 na esfera federal e início dos anos 70 no âmbito estadual, institutos e diretrizes a serem tomadas em relação aos bens que representem a memória, identidade e cultura, em Carangola, as medidas adotadas para a preservação dos bens só começaram a efetivar-se em 2000, ano em que foram propostos 12 tombamentos de edifícios.

Os objetos concebidos como rastros estão no presente e, por isso, nenhum deles exprime de fato a ausência de passado. Paul Ricoeur¹⁰⁹ argumenta sobre a necessidade de conferir a esses objetos uma dimensão simbólica para que se torne possível fazer referência ao passado a partir deles, já que como coisa-em-si estão postos e representados no presente, e como coisa percebida habita em diversas temporalidades.

Elucidemos a perspectiva de Lowenthal¹¹⁰ de que a principal função da memória não é congelar o passado, mas sim, possibilitar adaptações para que possamos tornar o presente opulento e o manipularmos. Nesse sentido, as lembranças não são representações com um sentido pronto acerca do passado, mas reconstruções. Essas, por sua vez, não são completas, a ausência é uma condição intrínseca aos acervos. Ainda que as narrativas ofereçam a dimensão subjetiva que faltam as coisas-em-si, as palavras não exprimem todas as sensações que envolveram os objetos em determinado contexto, as amarras simbólicas da escrita a impossibilitam captar todos os momentos da vida útil e/ou simbólica das peças.

Pensarmos no MHM e nas inúmeras temporalidades que o envolvem nos coloca diante da necessidade de analisarmos essas representações com uma postura crítica para compreendermos o passado que eles simbolizam, desde o contexto em que os objetos foram angariados, as motivações e os critérios que envolveram esses processos. A dimensão simbólica que as

https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=LEI&num=5775&comp=&ano=1971&aba=js_textoOriginal. Acesso em: 29 fev. 2020.

¹⁰⁹RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

¹¹⁰Cf. LOWENTHAL, David, **Op. cit.** p. 64.

narrativas e interpretações agregam aos objetos faz com que eles não sejam apenas coisas, mas objetos de história que podem minimizar as lacunas, o estranhamento em relação ao passado, e ainda, os conflitos que envolvem as reconstruções. As delimitações acerca “do que lembrar? O que preservar?” são decisões seletivas e conflituosas.

Clifford Geertz destacou que o comportamento do homem é tido como ação simbólica, com “estruturas de significado socialmente estabelecidas”¹¹¹, signos interpretáveis. Assim, concebemos o museu tanto como objeto de narrativas, como também meio de memória e isso nos oferece a possibilidade de pensar no movimento de constituição desse acervo como forma simbólica de dar continuidade ao passado. Decidir sobre o que deve ser lembrado e preservado também implica em decidir o que será relegado. Se apenas uma parte da população participa destas escolhas, automaticamente marginalizam-se outras representações e manifestações.

Dominique Poulot¹¹² concebe os museus como lugares nos quais valores são depositados simbolicamente e que posteriormente podem servir como forma de referenciar o passado. Quanto aos objetos expostos e organizados no museu, Krzysztof Pomian¹¹³ nos diz que estes estão afastados do uso pelos quais foram feitos, mas que são capazes de evocar interpretações por si e sobre si, além de representarem signos das sociedades em que se inserem. Marlene Suano¹¹⁴ considera que os museus são instituições urbanas por excelência, e as diversas experiências na cidade evocam narrativas singulares por estarem inseridas em um contexto politizado e dinâmico.¹¹⁵ Os objetos que constituem o MHM

passam por um critério de seleção <<o mesmo adotado pelos demais museus do Estado e do País>>. Elas podem ser móveis, roupas, armas, objetos religiosos, utensílios de fazendas antigas, utensílios indígenas, pinturas, produtos industriais e instrumentos de música.¹¹⁶

Ainda que os critérios sejam os mesmos de instituições estaduais e federais, reiteramos a necessidade de olharmos para essas instituições, suas exposições e seus acervos de modo crítico,

¹¹¹GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Ltc, 1926. p.23

¹¹²POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI: do monumento aos valores**. 2009.

¹¹³POMIAN, Krzysztof. **Colecção**. Enciclopédia Einaudi. Porto: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

¹¹⁴SUANO, Marlene. O que é Museu. Coleção primeiros passos 182. Brasiliense. 1986, p.10 – 25.

¹¹⁵BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e História. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). **Cidade: História e Desafios**. 2002.

¹¹⁶Cf. MUSEU será. **Op. cit.** p.21., p.8

conforme sugere Meneses¹¹⁷. Sem esse tato, pode ser que as interpretações se seduzam por inebriantes e tendenciosos discursos ideológicos.

O discurso vinculado com o intuito de preservar a identidade local a partir do MHM trazia consigo um nítido enviesamento, o que nos faz refletir sobre seus objetivos. O que era esperado de um acervo que trouxe consigo desde seu início grande ênfase em representações do cotidiano, mas que se apoiavam em representações provenientes de famílias tradicionais com percepções específicas de cultura e objetos que provavelmente só são comuns a esse grupo?

Pimentel discorre sobre a variedade do acervo do MHM alegando que, desde os anos 1950, teve a participação da população doando peças. O que percebemos através do discurso construído através dos periódicos foi a solicitação de doações de “intelectuais” e “famílias tradicionais”. Ademais, em 2000 foi publicado o Guia de Museus Brasileiros, elaborado com intuito de difundir informações acerca do perfil das instituições museológicas, cujas informações foram obtidas a partir da base de dados da Universidade de São Paulo. Neste Guia, em relação ao MHM era abordado que seus objetivos consistiam em “coletar, catalogar e conservar objetos de uso doméstico ou coletivo, de qualquer espécie, considerados curiosos, de históricos, artísticos ou cuja conservação interessa ao conhecimento das gerações futuras.”¹¹⁸ Mesmo que mais de 30 anos tenham se passado desde as primeiras campanhas para constituir o acervo do MHM, percebemos que a ideia de preservar objetos curiosos é uma perspectiva profundamente enraizada nas concepções e práticas museológicas carangolenses.

No que tange às características do acervo, o Guia de Museus Brasileiros abordava que os objetos que compõem o acervo do MHM são provenientes de

personalidades de destaque na cidade, peças de arte sacra, coleções arqueológicas do Vale do Carangola, mobiliário e utensílios de famílias da cidade, obras de arte de artistas locais, espécimes de zoologia e história natural, amostras geológicas.”¹¹⁹

Ainda que novos olhares sejam lançados aos objetos do MHM, o viés elitista deste Museu é acentuado ao longo dos anos. O que não tira do MHM suas potencialidades: é possível olhar para estes objetos e tecer novas narrativas e contra narrativas. É de suma importância termos em

¹¹⁷Cf. MENESES, Ulpiano. **Op. cit.** p.59.

¹¹⁸UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. COMISSÃO DE PATRIMÔNIO CULTURAL. **Guia de museus brasileiros**. São Paulo: Edusp, 2000. 498 p. (Uspiana Brasil 500 Anos). p.126.

¹¹⁹**Ibid.** p.126.

mente que este acervo fora montado por pessoas com uma determinada visão de museus e que os objetos nos oferecem suporte para pensarmos além do que está posto.

Em 1992, a **Gazeta de Carangola** divulgava uma nova campanha de doações através do artigo *Museu Continua Recebendo Doações e Promove Exposições*. Na matéria percebemos outro exemplo da ineficácia dos métodos de registros adotados pelo MHGCC: “quarenta e nove pessoas, das diversas classes sociais, jovens e adultos, fizeram a doação de mais 149 peças para o Museu da Cidade, enriquecendo seu acervo. E as promessas de novas doações são quase que diárias.”¹²⁰ Ainda que as fichas de catalogação existentes tragam lacunas para informar o nome do objeto, o autor, sua procedência, origem, época, o estilo, o modo de aquisição, o nome do doador, sua função, o estado de conservação, suas proporções e valor, até mesmo o número de sua inscrição e as marcas na peça, as fichas incompletas trazem geralmente, somente o nome da peça, o ano de sua aquisição e quando muito, a época e os doadores. Não sabemos se de fato pessoas das diversas classes sociais e faixas etárias realizaram doações, pois estas informações não constam nas fichas.

Não podemos dizer que o acervo não é variado, analisando a relação das peças encontramos objetos diversos. No entanto, as maiores informações que temos sobre o perfil dos doadores são as que Pimentel aborda em sua dissertação, ressaltando a diversidade das classes sociais, pois segundo o mesmo, o acervo é composto de peças doadas por pessoas com nível econômico mais alto e pessoas de origem simples. Como dito, as fichas são incompletas, conseguimos identificar registros que especificassem doações feitas por médicos, clubes, dentistas, advogados, etc. Não encontramos justificas para falta de identificação nas doações feitas por pessoas “comuns”. A falta de delimitação do acervo faz com que haja um grande volume de peças, mas é curioso encontrarmos detalhes sobre doações específicas. Talvez seja apenas um reflexo das reproduções de narrativas elitistas presentes no MHM.

A seletividade em relação ao “o que lembrar?” permeia nosso objeto desde seu preâmbulo. “O que lembrar e reproduzir?” também diz muito sobre “o que esquecer?”, Do que abrir mão?”

Para quem atravessou todas as camadas de configuração e de reconfiguração narrativa desde a constituição da identidade pessoal até a das identidades

¹²⁰MUSEU Continua Recebendo Doações e Promove Exposições. **Gazeta de Carangola**. Carangola, p. 4-4. 1 maio 1992.

comunitárias que estruturam nossos veículos de pertencimento, o perigo maior, no fim do percurso, está no manejo da história autorizada, imposta, celebrada, comemorada – da história oficial.¹²¹

As ferramentas da narrativa podem agir arditamente se quem a domina reveste-a de intimidação, medo, lisonja ou sedução. Ricoeur¹²² esclarece que para tecermos considerações sobre as vicissitudes das narrativas e o viés seletivo da memória, devemos considerar que elas também se compõem pela dinâmica da cumplicidade que envolve agentes semi-passivos e semiativos alimentada por um não-questionar e investigar.

Pimentel discorre que “a população vê e entende o museu como uma instituição distante do seu dia a dia, não se identifica e pouco acrescenta. O papel da comunidade como atores ativos nas decisões e gestão do museu é muito restrito e sem integração”¹²³. Se por um lado nos questionamos sobre a modesta procura da população ao MHM, por outro nos perguntamos como poderíamos esperar que essa participação fosse mais ativa e efetiva se as atividades do MHM são inconstantes, seu acervo é pouco difundido e os objetos que o compõe são majoritariamente provenientes de um grupo?

Os artefatos do MHM em sua maioria têm relação com o passado próspero de Carangola. Esse patrimônio é cercado pela nostalgia de uma cidade que se estagnou. A cultura cafeeira reconfigurou a cidade desde os aspectos arquitetônicos, urbanísticos e se estendeu também aos costumes. O desenvolvimento de Carangola esteve intimamente relacionado com a ferrovia, os trilhos da modernidade traziam consigo novos modos de viver, vestir e de se comportar. Novas fábricas, novos negócios, novas roupas etc. Algumas dessas peças encontram-se no museu, sejam em vestidos de bailes de gala, sejam em livros-caixa da prefeitura, sejam em mobiliários das indústrias, nas caixas registradoras, nos telégrafos, entre outros. As narrativas (re)produzidas a partir do nosso *locus* adquirem relevância se compreendidas como parte de um processo dinâmico e, portanto, sujeito a transformações e, capazes de agregar a si novas análises.

Ao lidarmos com o acervo do Museu colocamos diversas temporalidades e experiências na cidade em discussão uma vez que compreendemos, segundo Francisco Ramos, que museu não diz respeito apenas à análise do passado, está relacionado com a busca pela interpretação desse

¹²¹Cf. RICOEUR, **Op. cit.**, p.67. p.455

¹²² **Ibid.**

¹²³Cf. PIMENTEL, Eduardo. **Op. cit.**p.25.p.209

passado em diversas dimensões temporais¹²⁴. Se estamos buscando compreender o passado e consideramos que ele pode reverberar através dos lugares onde alocamos representações de memória, percebemos que essa continuidade do passado se torna residual aos lugares, como queria Pierre Nora¹²⁵. O autor afirmou que os lugares de memória são, sobretudo, restos e o que é mantido nesses lugares é a expressão da vontade de um grupo. Assim, os lugares de memória podem ser materiais, simbólicos e funcionais, esses três aspectos coexistem, na medida em que é:

[...] material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou.¹²⁶

Esses lugares só se mantêm por estarem sujeitos a transformações, e isso faz com que os lugares de memória se constituam no mesmo espaço, mas não necessariamente ao mesmo tempo. Pollak nos adverte que embora existam lugares de memória relacionados especificamente a alguma memória, pode ser que estes não se apoiem ao mesmo tempo cronológico¹²⁷.

As transformações que envolvem o MHM, seja em uma dimensão simbólica ou no espaço físico que ele ocupa, são resultados de processos históricos e, portanto, tendem a agregar a si uma pequena parte – ou apenas um objeto – das representações dos períodos que marcam a história da cidade.

Por conta do processo de globalização, os locais de memória se refugiam e sofreram uma polarização: de um lado a consciência da ruptura com um passado; e do outro o conflito existente entre o passado morto, com o fato de que este ainda é capaz de evocar uma memória.¹²⁸ Pollak discorre que a evocação esfacelada da memória traz consigo a ideia de memória herdada como projeções e eventos. Segundo o autor, essas projeções podem acontecer em relação a eventos, lugares e personagens, dado as experiências vividas por um determinado indivíduo. Assim, a memória é seletiva ao considerar que nem tudo é de fato memorizado e registrado ou herdada,

¹²⁴RAMOS, Francisco. **A danação do objeto: o museu no ensino de história**, Chapecó: Editora Argos, 2004.

¹²⁵NORA, Pierre; AUN KHOURY, Tradução: Yara. **ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S.l.], v. 10, out. 2012. ISSN 2176-2767. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>>. Acesso em: 22 set. 2018.

¹²⁶**Ibid.**

¹²⁷Cf. POLLAK, Michael. **Op. cit.** p.51.

¹²⁸**Ibid.**

pois não diz respeito somente a vida material do indivíduo em questão. É pertinente salientar ainda que “a memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa”¹²⁹.

Impelimos ao passado e suas representações questões pensadas no momento em que estamos e esperamos que ele responda nossas inquietações. No caso do Museu de Carangola, a empreitada de reconstruir o percurso do acervo nos coloca diante de lacunas abissais, nós não conseguimos reproduzir o passado – até porque não podemos congelar o tempo ou reproduzir com exatidão todas as subjetividades dos contextos – e quase não conseguimos analisar suas representações, uma vez que o MHM encontra-se interditado. Para conseguirmos fazer nossas reflexões recorreremos aos registros de peças, às atas do Conselho Deliberativo de Patrimônio, aos artigos publicados em jornais e às fotografias. Mas estes testemunhos possuem limites: os registros de peças estão incompletos, nem todas as peças possuem descrição e os jornais estão em mau estado de conservação, o que impede a leitura completa de inúmeras páginas. Quanto às fotografias, seu acervo não escapa dos problemas de conservação existentes na instituição, mas, ainda assim, a coleção é rica e numerosa.

O que é preservado ou descartado, exposto ou silenciado são projeções regidas simbolicamente por quem (re)produz a memória. Os anseios do momento embasam a seleção da memória, fenômeno este cabível também à experiência de memória coletiva. Notar-se-á então que, “a memória é um fenômeno construído social e individualmente”¹³⁰.

Se por um lado as matérias dos jornais convidavam os cidadãos a contribuírem com o acervo, possibilitando assim que a memória carangolense reverberasse – o que por si pode ser concebido como uma preocupação com a perda das representações da história do município –, por outro, temos a manifestação do que pode ser interpretado como medo do esquecimento.

Façamos aqui a abordagem do esquecimento não como um antagonista da memória, mas como um de seus mecanismos, conforme Paul Ricoeur¹³¹. Para ele, lembrar é não se esquecer de algo. Ao levantar as questões intrínsecas ao esquecimento o autor aborda um passado que existe, ainda que não mais acessível, mas que pode sempre retornar. O esquecimento é algo natural, mas também pode ser imposto. A partir de novas interpretações, ele pode emergir ou submergir. A perspectiva de uma possível imposição do esquecimento pode ser percebida em uma carta

¹²⁹ Cf. POLLAK, Michael. **Op. cit.** p.51, p.204

¹³⁰ **Ibid.**, p.205.

¹³¹ Cf. RICOEUR, Paul. **Op. cit.** p.67.

enviada por Rogério Carelli a Adinar Monteiro de Paula, prefeito da cidade, na qual destaca-se o receio de um esquecimento a longo prazo, tendo em vista as dificuldades de “convencer o público da necessidade de doação de peças. Este alega o temor, que uma administração desinteressada, possa encerrar as atividades do Museu, e com isso as peças poderiam ter um destino ignorado.”¹³²

Este trecho versa sobre um esquecimento, ou a perda desta memória, impostos por uma eminente negligência. Carelli argumentou ainda que este temor seria suprimido quando o Museu fosse inscrito no Patrimônio Histórico Nacional e sua sede fosse expandida. Outra questão elucidada no trecho é em relação às poucas doações para o MHM. Neste período, a sala onde o MHM encontrava-se estava em condições críticas. Segundo Carelli: “A Prefeitura Municipal chegou a iniciar uma reforma, mas, por motivos ignorados, foi paralisada, estando o prédio atualmente parcialmente sem piso, nem telhado.”¹³³ É possível que talvez esse *status quo* tenha influenciado os temores da população em relação ao destino de suas doações.

Em *A história se perdendo*, publicação da **Folha da Mata**, abordava-se que “Carangola, que já foi uma das mais importantes cidades mineiras, berço de homens ilustres, hoje se vê ameaçada de perder sua história para traças e ferrugens.”¹³⁴ Faz-se pertinente ressaltamos que foram os jornais e seus responsáveis quem disseram que Carangola se sentia ameaçada diante do esquecimento. Não existem publicações entre os periódicos que consultamos que comprovem que as pessoas denunciavam, temos apenas o que os jornais abordam sobre o que as pessoas supostamente fizeram.

Em ata da reunião de uma reunião do CONSDENPAHCC, denominada até então como Conselho do Arquivo Histórico-Geográfico e Museu Municipal – realizada no dia 20 de outubro de 1994, alguns doadores teriam recorrido a um dos conselheiros pedindo que fosse prestado esclarecimento, pois o doador teria alegado que uma das peças “foi adulterada em sua originalidade, quando foi pintada em cor diferente, causando frustração no doador.”¹³⁵ Não encontramos esclarecimento dos conselheiros quanto ao ocorrido em nenhuma das atas analisadas.

¹³²Carta de Rogério Carelli enviada para o prefeito Municipal de Carangola em 1983. p.3. Documento pertencente ao Arquivo Histórico-Geográfico de Carangola.

¹³³**Ibid.** p.3.

¹³⁴Cf. A HISTÓRIA. **Op. cit.** p.24., p.5.

¹³⁵GABINETE DO PREFEITO, Carangola. **Ata da reunião realizada no aos vinte dias de outubro de 1994.**

Ainda em relação à carta escrita por Carelli ao prefeito de Carangola, retomemos ao fragmento que aponta uma sugestão para sanar os supostos temores da população em relação aos objetos do acervo do Museu, lemos o seguinte:

diante da evidência, pelo menos até o momento, que isso não ocorrerá, uma expansão de suas instalações, e a inclusão do seu acervo no Patrimônio Histórico Nacional, grangearia [sic] a confiança necessária, se garantisse a sua perpetuação ¹³⁶.

Deparamo-nos com três questões: a primeira é em relação aos temores da população que os jornais enfatizam. As matérias indicam que alguns professores, jornalistas e famílias estavam preocupados. Nenhuma publicação trouxe as falas de uma pessoa comum preocupada com o destino do Museu. O segundo apontamento é que o Museu não tem uma sede própria até hoje. Atualmente o MHM encontra-se à Rua Coronel Olímpio Machado, nº 141. O prédio fora alugado de caráter emergencial e provisório em razão da enchente que atingiu Carangola em janeiro de 2020. Até o ano alugava o prédio da antiga fábrica de laticínios Barbosa & Marques, através do contrato de comodato assinado em 2007, com validade de 20 anos – contando a partir de 2007 – para a criação do “Memorial Barbosa & Marques”, podendo ainda criar no espaço que fora cedido o MHM; a Biblioteca Municipal “Breno Motta”, Arquivo Histórico Municipal, e, uma sala para administração.

A terceira questão é que nem em uma esfera municipal o acervo é tombado. Em certa medida a problemática de o acervo do MHM não ser tombado e ainda assim ser tratado como patrimônio carangolense ao longo dos anos se justifica parcialmente com o Art.7º do Capítulo Terceiro do Regimento Interno do Museu, o qual estabelece que “o acervo do Museu é patrimônio público e as doações feitas à ele, são consideradas/ “Serviço Relevante prestado ao Município¹³⁷.” Contudo, seria então o medo da perda e do esquecimento trazidos por Carelli, presente desde a institucionalização do Museu, um fato anunciado?

A possibilidade do abandono gerado pelo descaso – que levaria a perda das representações que fazem referência à memória municipal de um período pregresso – impõe a necessidade de proteger a memória guardada no Museu de Carangola como uma forma de

¹³⁶Carta de Rogerio Carelli enviada para o prefeito Municipal de Carangola em 1983. p.3. Documento pertencente ao Arquivo Histórico-Geográfico de Carangola.

¹³⁷Regimento Interno do Museu Histórico-Geográfico-Científico. p.8.

reconhecer as diversas contribuições culturais. No entanto, o que percebemos até então são discursos enviesados em nítido conflito de interesses. A efervescência patrimonial, proveniente desse movimento traz no anverso da necessidade de preservação da memória, o medo do esquecimento. Pollak elucida que os rastros deixados pelo enquadramento da memória constituem museus, bibliotecas e monumentos¹³⁸, mas que sintomaticamente deixam suas fragilidades expostas. Ressaltemos ainda que a condição inexorável de todos os objetos é a fragilidade imposta pela ausência do passado que eles exprimem.

Nesse sentido, ponderamos sobre o caráter seletivo da memória circunscrito sob a função mediadora da narrativa, nos mostra que da mesma forma que é impossível lembrar de tudo, não podemos narrar tudo e é nesse sentido que as formas de abusos da memória se impõem também ao esquecimento.

Os movimentos para tentar preservar o maior número possível de objetos que remetam à história e o passado de Carangola se chocam com inúmeras questões limitantes, dentre elas, destacamos duas: em primeiro lugar, o espaço para seu condicionamento. Ao longo de nossos debates percebemos que, ainda que todos os esforços empreendidos para aumentar o acervo tivessem sucesso, as condições físicas não permitiam que estes objetos tivessem as devidas acomodações e cuidados. Em segundo, a proposição da constituição do acervo limitou-se à determinadas narrativas. O acervo é diverso por conta dos objetos que o compõe, mas é homogêneo em relação ao que é exposto e requisitado.

A seguir, analisemos o processo de constituição do Arquivo Histórico-Geográfico Municipal.

¹³⁸Cf. POLLAK, Michael. **Op. cit.** p.52.

2.2 – MEMÓRIA ARQUIVÍSTICA DE CARANGOLA: O ARQUIVO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO MUNICIPAL

*Eu quero, por teus trinta e seis mil sóis
que te acenderam límpidas manhãs,
antecedidas pelos arrebois
que nunca te trouxeram sombras vãs.
Britânio Salerno¹³⁹*

Os arquivos são, segundo Heloísa Bellotto ¹⁴⁰, um conjunto de ferramentas (re)apropriadas por uma multiplicidade de profissões, ofícios, instituições e áreas do conhecimento, entre elas a historiografia, a ciência, a cidadania, a administração pública e privada, o direito, e mesmo a vivência cotidiana; “são instrumentos nos quais a informação está registrada, para que dela se faça uso.”¹⁴¹

Michel Duchein define os arquivos como

todas las formas materiales que puede assumir un documento, trátase de documentos tradicionales (textos), de representaciones como los mapas e los planos, de documentos fotograficos – incluso películas y microfilmes – documentos sonoros documentos producidos y legibles por máquina (documentos de composición mecánica y automatizada).¹⁴²

Segundo o art. 2º da Lei Federal nº 8.159 de 1991:

Consideram-se arquivos, para os fins desta Lei, os conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos.¹⁴³

Existe no Brasil o Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ), órgão responsável pela tutela de arquivos públicos e privados, além de exercer orientações normativas em relação à

¹³⁹ SALERNO, Britânio. Eu quero. In: _____. **O Berço**. Carangola, 1982, p.15.

¹⁴⁰Cf. BELLOTTO, Heloísa. **Op. cit.**p.39.

¹⁴¹**Ibid.**p.6

¹⁴²DUCHEIN, Michel. Los obstáculos que se oponen al acceso, a la utilización y a la transferencia de la información conservada en los archivos: un estudio del **Ramp**. Paris: Unesco, 1983.

¹⁴³BRASIL. Lei 8.159, de 08 de janeiro de 1991. **Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 09 jan. 1991.

gestão e proteção de documentos. O AHGM está inscrito nesta instituição através do código BR MGAHGC. Define-se como Arquivos Públicos:

os conjuntos de documentos produzidos e recebidos, no exercício de suas atividades, por órgãos públicos de âmbito federal, estadual, do Distrito Federal e municipal em decorrência de suas funções administrativas, legislativas e judiciárias.¹⁴⁴

E ainda, “os conjuntos de documentos produzidos e recebidos por instituições de caráter público, por entidades privadas encarregadas da gestão de serviços públicos no exercício de suas atividades.”¹⁴⁵

Segundo os artigos 7º, 8º, 9º e 10º do capítulo II da Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991¹⁴⁶, os arquivos públicos são compostos tanto de documentos produzidos, como também recebidos por órgãos públicos na esfera federal, estadual, do Distrito Federal ou municipal, dado duas atividades legislativas, administrativas e judiciárias. Esses arquivos podem ser correntes, intermediários e/ou permanentes – estes, por sua vez correspondem aos documentos com valor histórico, informativo ou comprovativo. Esses documentos a serem preservados, são também intransferíveis e irrevogáveis.

Os arquivos são categorizados, de acordo com Heloísa Bellotto¹⁴⁷, como arquivos correntes ou ativos, que são também chamados de arquivos de primeira idade; arquivos intermediários ou temporários ou de segunda idade; e por fim, os arquivos permanentes que correspondem à terceira idade (composta por documentos com idade superior a 30 anos). Existem no AHGM documentos do período compreendido entre 1850 a 1970. Sendo o AHGM um arquivo histórico, portanto, um acervo permanente.

O Arquivo Histórico-Geográfico Municipal foi criado em 1959, pela Lei Municipal nº 205 a mesma que institucionalizou o MHM. Criado como instituição anexa ao Arquivo da Prefeitura, o AHGM deveria recolher e catalogar “todos os documentos fotografias, mapas,

¹⁴⁴ BRASIL. Lei 8.159, de 08 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 09 jan. 1991.

¹⁴⁵ **Idem.**

¹⁴⁶ **Idem.**

¹⁴⁷ **Idem.**

plantas, materiais e hinos de conteúdo histórico-regional, na obtenção das quais o Executivo empregará todos os meios ao seu alcance.”¹⁴⁸

Para dirigir o AHGM, a Lei Municipal nº 205, aborda que a composição da diretoria será orientada por cinco membros – um diretor e quatro conselheiros – nomeados pelo Poder Executivo, preferencialmente sem relação com a gestão municipal e que desenvolvam ou tenham desenvolvido projetos relacionados à história de Carangola. Não havia, no entanto, necessidade ser formado em Arquivologia. O pré-requisito era se interessar pela história local e desenvolver projetos sobre a história local para ser indicado ao cargo de diretor do AHGM.

As atividades do AHGM começam a ser publicadas nos jornais da cidade em 1960. A primeira menção ao novel órgão fora através do jornal **Folha da Mata**, que publicava em *Arquivo da Municipalidade, um modelo!* que:

visitando o Arquivo da municipalidade, pudemos constatar uma ótima organização [sic] que lhe foi dada [...] Novas instalações e um sistema inteiramente racional de arquivamento, colocaram o arquivo público do Município entre os melhores já visitados.¹⁴⁹

E em dezembro de 1960, o jornal **Folha da Mata** veiculava a matéria *Arquivo Histórico necessita Séde Própria*:

Ainda funcionando anexo ao Arquivo Municipal, no pateo [sic] da Municipalidade, o Arquivo Histórico necessita de amplos salões para poder desenvolver suas atividades. Como órgão eminentemente técnico, com enorme correspondência para o exterior, e contando exclusivamente com a boa vontade de seu Diretor, o Arquivo que tem por finalidade instalar o Museu da Cidade, merece uma nova séde. [...] O caso é apelar para a prefeitura mêmso que possui uma organização [sic] modelo e que em pouco tempo não terá lugar para instalar.¹⁵⁰

A sala do prédio da Prefeitura Municipal que se destinava a receber o acervo do arquivo não comportava o volume de material, que consistia em livros como o Livro de Atas para Eleitores Especiais, ocorridas em Tombos em 2 de novembro de 1956, o Livro para Registro de

¹⁴⁸CAMARA MUNICIPAL DE CARANGOLA (Município). Constituição (1959). **Lei Municipal nº 205**, de 14 de maio de 1959. Carangola.

¹⁴⁹ARQUIVO da Municipalidade, um modelo! **Folha da Mata**. Carangola, p. 2. 20 out. 1960.

¹⁵⁰ARQUIVO Histórico necessita Séde Própria. **Folha da Mata**. Carangola, p. 1-1. 22 dez. 1960.

Compra e Venda de Escravos, o primeiro Livro de Atas que contém a ata de fundação do Município de Carangola, em janeiro de 1882.

Na transcrição anterior percebemos que a gestão do AHGM e do Arquivo da Prefeitura se consubstanciavam. Não parecem claras as atribuições de cada uma, talvez pelas próprias condições de alojamento do AHGM junto ao Arquivo da Prefeitura e por ser Jayro Motta o responsável por ambas.

A **Folha da Mata** publicou também em 1960, *Arquivo Histórico*, onde discorria-se “que o grande volume de correspondência diária do Arquivo Histórico Geográfico do município, prevê em breve tempo, ter um do [sic] grandes departamentos técnicos da Municipalidade.”¹⁵¹ Em uma outra edição do mesmo ano, a **Folha da Mata** publicava que “para se ter idéia do que tem sido o trabalho do Arquivo Histórico Geográfico da Municipalidade, basta citar uma pequena parte de sua correspondência internacional com entidades de todo o mundo”¹⁵², e em seguida nomeava 60 instituições do mundo todo, incluindo *Harvard College Library, Harvard University, Museo Nacional de Colombia, Yale University e Museun of South Africa*.

Em 1960, através do jornal **Folha da Mata**, Jayro Motta reforçava a relevância do Arquivo mediante sua abrangência que, para além da comunidade carangolense, envolvia o mundo nesta empreitada:

A frente do Arquivo Histórico Geográfico Municipal, tenho procurado manter intensa correspondências com entidades afins e museus, tanto no Estado, no país e no exterior. E esta correspondência atingiu cerca de 782 ofícios diversos, com entidades nacionais e estrangeiras, o que pode revelar o que tem sido o arquivo na divulgação de nosso nome¹⁵³

Ao longo do levantamento de nossas fontes não encontramos cópias destas correspondências. Fora solicitado inúmeras vezes ao funcionário que trabalhava no Arquivo entre 2018 e 2019, mas não obtivemos resposta. Segundo o funcionário, provavelmente se perderam. Em outros momentos da pesquisa, tivemos contato com Pimentel, ex-diretor do Museu, e perguntamos se durante sua gestão teve acesso a estas correspondências. O ex-diretor esclareceu que sabe que enquanto Jayro Motta esteve à frente do Arquivo enviou inúmeras cartas a várias universidades e museus, mas estavam perdidas, provavelmente entre os papéis do

¹⁵¹ARQUIVO Histórico. **Folha da Mata**. Carangola, p. 2-2. 27 out. 1960.

¹⁵²ARQUIVO Histórico. **Folha da Mata**. Carangola. 10 nov. 1960.

¹⁵³HOSKEN, Jayro Motta. Acêrvo Histórico do Município. **Folha da Mata**. Carangola, p. 1-1. 23 fev. 1960.

Arquivo. Portanto, não é possível saber se houve respostas às cartas, ou se essas cartas realmente existiram.

Até 1976, não houve publicações em relação ao Arquivo nos jornais locais encontrados no AHGM. Nesse ano, o jornal **Gazeta de Carangola** publicou um *Projeto do Museu...*, objetivando dar continuidade às atividades do MHGCC que já neste período eram inconstantes. Em relação ao *Projeto do Museu...*, na seção destinada ao que o acervo do Arquivo deveria conter, era proposto:

PARTITURAS – Coleção de Partituras de músicas compostas em Carangola, usadas em Igrejas, festejos populares ou folclóricos.

FILMES – Todo e qualquer filme sobre Carangola

FOTOGRAFIAS – Neste caso deveria existir 1 retrato ampliado, 1 negativo e 1 “slide”.

MICROFILMES – Microfilmagem de jornais antigos, atas da Câmara Municipal e documentos oriundos de Cartórios e outras repartições.

GRAVAÇÕES – Gravações em fita de cânticos empregados outrora e atualmente, em Tendas espíritas, Escolas de Samba, antigos reisados Congados, Ranchos Carnavalesco desta cidade.¹⁵⁴

A demanda de documentos para compor o acervo do AHGM, de acordo com este projeto, consistia na tentativa de agregar diferentes manifestações culturais expressas e preservadas em diversos dispositivos.

Discussões sobre o AHGM reaparecem nos jornais em 1981, no quarto artigo da série de publicações sobre as *Sugestões para organização de um Museu em Carangola* do jornal **Gazeta de Carangola**, onde Carelli abordava a organização do acervo em uma biblioteca – com ênfase na Zona da Mata mineira; filmes sobre Carangola; fotografias de Carangola; gravações sobre festas, cânticos, discursos de autoridades municipais e cantores locais; microfilmes de jornais antigos, atas, livros do fórum local, publicações e quaisquer documentos que tivessem relevância para a compreensão da história local; e, por fim, partituras musicais sobre músicas compostas em Carangola utilizadas em igrejas, festas populares e bandas.

No mesmo artigo Carelli escreveu:

todo museu da atualidade possui uma seção de Arquivo. No contexto atual, uma organização assim, é dinâmica. Não basta apenas encontrar os objetos da

¹⁵⁴PROJETO do Museu... **Gazeta de Carangola**. Carangola, p. 4-4. 21 fev. 1976.

coleção, tem que contribuir também como fonte de pesquisa para pesquisadores do assunto¹⁵⁵.

A importância de um acervo arquivístico não se traduz apenas por ser comum nos museus da atualidade. Além da atribuição de registrar vestígios, os arquivos são instrumentos de uso. Servem para que as ações executadas por agentes jurídicos, científicos ou administrativos possam ser registradas, conhecidas e verificadas.

Outro debate que o trecho anterior suscita é em relação aos arquivos enquanto “fonte de pesquisa para pesquisadores do assunto”. O arquivo não é só fonte para o historiador e, em grande maioria das vezes, ser objeto de estudo da história não é uma das principais razões pelas quais os arquivos são produzidos.

De acordo com Clarissa Moreira dos Santos Schmidt¹⁵⁶, os arquivos surgem para atender objetivos específicos de contextos históricos específicos. Por exemplo, na antiguidade o que hoje chamamos de arquivo eram os lugares onde se guardavam documentos (geralmente templos e palácios) e esses “arquivos” eram compostos por leis, decretos e atas, que versassem sobre a estrutura administrativa das cidades deste período. Na Idade Média, os arquivos adquirem uma nova função: sob administração eclesiástica, as atividades eram voltadas para a gestão de títulos e propriedades da igreja e instituições públicas e particulares. Com a queda do Império Romano, a produção documental deu lugar à oralidade. Os arquivos em sua forma documental somente recuperaram sua importância no fim da Idade Média, contexto onde a monarquia se valia destes documentos escritos para comprovar suas posses.

Deste modo, o arquivo é constituído por documentos com diversas origens, “desde uma tabuleta assíria ou um relatório impresso da empresa até as provas-objetos de um processo judiciário”¹⁵⁷. São documentos produzidos por entidades particulares ou públicas, que surgem por desígnios funcionais, legais e administrativos, que “tratam, sobretudo, de provar, de testemunhar alguma coisa”¹⁵⁸.

¹⁵⁵CARELLI, Rogério. Sugestões para organização de um Museu em Carangola: (4º e último de uma série). **Gazeta de Carangola**. Carangola, p. 1-1. 14 fev. 1981. Grifo nosso.

¹⁵⁶SCHMIDT, Clarissa Moreira dos Santos. **Arquivologia e a construção do seu objeto científico**: concepções, trajetórias, contextualizações. 2012. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/T.27.2012.tde-02072013-170328. Acesso em: 2020-07-28.

¹⁵⁷Cf. BELLOTTO, Heloisa. **Op. cit.** p.39, p.36.

¹⁵⁸**Ibid.**,p.37.

Os documentos que compõem o AHGM são frutos de doações. Desde 1960, Jayro Motta apontava o envolvimento das pessoas e instituições neste projeto. O ex-diretor escrevia na **Folha da Mata** que “cada dia, novas satisfações tenho eu, com o número de pessoas que fazem doações de documentos, livros, manuscritos e fotografia referentes ao passado de nossa terra.¹⁵⁹” No decorrer de nossas pesquisas, constatamos o interesse demonstrado pelo ex-diretor Jayro Motta em coletar a documentação do Fórum de Justiça Dr Xenofonte Mercadante desde 1882.

Devido aos problemas de preservação dos processos por conta da falta de espaço e o alto custo da incineração, conforme Jayro Motta argumenta, e levando em consideração os interesses pelos processos manifestados pelos Museus públicos ou entidades com o mesmo intuito, a resolução Nº 252/1993, publicada em 27 de maio de 1993, autorizava a transferência de processos judiciais que estivessem encerrados ou arquivados para Museus Públicos ou instituições com o mesmo fim.

Nessa circunstância, o juiz Hélio Walter de Araújo, Diretor do Fórum encaminhou um ofício ao então diretor do Museu Municipal de Carangola, Jayro Motta Hosken, discorrendo sobre a resolução, e elucidando, no entanto, que para viabilizar essa transferência, era necessário que fosse enviado um relatório contendo aspectos descritivos do local onde ficarão os autos arquivados, sua área, condições de segurança, etc. Em resposta, Jayro Hosken encaminhou ao Fórum Dr. Xenofonte Mercadante, um ofício especificando a possível área destinada ao acervo em questão, além de elucidar o interesse pelos autos. Como resultado, a transferência do material ficou estipulada para agosto do mesmo ano.

Em agosto O **Jornal da Cidade** divulgava a matéria *Arquivo Histórico receberá documentação do Fórum*, destacando que “a iniciativa é da maior importância, pois abre aos historiadores e pesquisadores um material até então inacessível, da maior importância e do maior interesse para compor a estrutura histórica de nossa região.”¹⁶⁰ Destaquemos a partir deste trecho que a oportunidade acessar os documentos não se restringe apenas aos historiadores e pesquisadores, se estende também às pessoas sem vínculo acadêmico que visitam os acervos. Ao final da matéria, convidava-se aos Cartórios Municipais a seguirem o exemplo do Fórum, realizando doações dos livros que tinham em sua custódia, pois o Arquivo Histórico era então um lugar seguro.

¹⁵⁹Cf. HOSKEN, Jayro. **Op. cit.** p.80.

¹⁶⁰ARQUIVO Histórico receberá documentação Fórum. **Jornal da Cidade**. Carangola. 15 a 30 jun. 1993. Grifo Nosso

Outras doações para o acervo do Arquivo publicada pelo o jornal **Folha da Mata** em 1961 na matéria *Acervo Histórico do Município*, foram as contribuições de Rogério Carelli e José Campomizzi Filho. Na ocasião Carelli doou

uma enorme quantidade de fotos antigas; recolhemos os livros que se encontravam em poder do colégio Carangolense e os do antigo Instituto Propedêutico, referente aos Tiros de Guerra. Aos poucos vamos restaurando o monumento histórico de nossa terra, dispersado por uma horda de vândalos e inconsequentes que por ele passou, e se não fosse a recuperação feita na administração Valdemar Soares, pouco ou nada restaria do pouco que possuímos hoje.¹⁶¹

Para Nora¹⁶², a constante busca por estes vestígios tangíveis é marcada pelo contínuo medo do esquecimento. Assim, o arquivo emerge como uma forma de guardar, assegurar, registrar rastros, cuja natureza não é dinâmica, dada a lógica de “congelamento” e acumulação do arquivo. Tendo em vista o recorte anterior, inferimos que subjaz à criação do AHGM a demanda imposta pela produção arquivística oriunda da contemporaneidade. Onde, em um combate contra o esquecimento, essa memória se torna essencialmente arquivística, em condições sob as quais:

o sentimento de um desaparecimento rápido e definitivo combina-se à preocupação com o exato significado do presente e com a incerteza do futuro, para dar ao mais modesto dos vestígios, ao mais humilde testemunho a dignidade virtual do memorável¹⁶³

Nora¹⁶⁴ discorre que nunca houve uma época em que se produzisse voluntariamente tamanho volume arquivístico. A forte presença dessa lógica de arquivo não se deve somente à nossa produção constante de informação ou a crescente capacidade tecnológica e de armazenamento que possuímos, mas também se dá por uma relação quase religiosa com o vestígio, um culto à evidência, ao rastro, ao que resta.

No fragmento a seguir sobre relação as doações de Campomizzi, constatamos a mesma necessidade de reconstruir a história para que o esquecimento seja suplantado:

¹⁶¹ Cf. HOSKEN, Jayro. **Op. cit.** p.80.

¹⁶² Cf. NORA, Pierre. **Op. cit.** p.72.

¹⁶³ **Ibid.**

¹⁶⁴ **Ibid.**

Uma das grandes ofertas feitas ao Arquivo Histórico partiu de um ilustre ubaense, considerado uns dos maiores pesquisadores [sic] de nossa história regional, membro do Instituto Histórico Geográfico Mineiro, êste tréfego, simpático, amigo, que é José Campomizzi Filho. Com aquêles seu jeitão espantado, conheci-o no meu gabinete na prefeitura e por detrás daqueles largos bigodes, procurando esconder a sua irradiante simpatia, revelou-me o interêsse em fazer doação de um documento histórico. E, de fato, deparei dias depois com a importante procuração de autoria de um dos fundadores de Carangola [...] doações como esta, caro Campomizzi, valem todo o sacrificio e tôda luta para recompor esta colcha de retalhos que é a história de Carangola. Com tão poucas tradições respeitadas, mas felizmente engatilhando para ser um grande acervo histórico desta região.¹⁶⁵

“A luta para recompor esta colcha de retalhos” através de documentos, neste caso, um documento feito por um dos “criadores de Carangola”, elucida a inclinação à concepção de documentos como única fonte de verdade, característico do Positivismo. No século XIX, as funções e o início das organizações dos Arquivos sofreram profunda influência do Positivismo e do Historicismo, neste contexto, a arquivística era concebida enquanto ciência auxiliar da História.

O trecho destacado parece se apoiar na concepção de que através da verdade conferida aos documentos o passado será conhecido em sua totalidade, desprezando o fato de que o passado já passou e que não é possível reconstruí-lo integralmente. Henry Rousso¹⁶⁶ aborda os arquivos como consequências inevitáveis e naturais da impossibilidade de congelar o passado. Uma falta cujo trabalho do historiador é perfazê-la, conhecê-la, debruçar-se sobre ela e explicar de modo compreensível a fim de que se diminua o sentimento de estranhamento com o passado. Esse afastamento do passado pode ser pensado de acordo com David Lowenthal¹⁶⁷, na medida em que o passado é um país estrangeiro e nós não podemos reconstruí-lo, apenas reinterpretá-lo.

Conforme nos esclarece Jacques Le Goff, os documentos não surgem por si. São criados para atender às necessidades institucionais e sua ausência ou permanência nos acervos estão condicionadas ao contexto em que são (re)produzidos.¹⁶⁸ Le Goff ainda advoga que “o

¹⁶⁵ Cf. HOSKEN, Jayro. **Op. cit.** p.80. Grifo Nosso.

¹⁶⁶ ROUSSO, Henry. **O arquivo ou o indício de uma falta** (trad. Dora Rocha). Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 85-92, 1996.

¹⁶⁷ Cf. LOWENTHAL, David, **Op. cit.** p. 64.

¹⁶⁸ Cf. LE GOFF, Jacques. **Op. cit.** p.57, p. 456.

documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder.”¹⁶⁹

Os documentos são essenciais na busca pela compreensão do passado. Todavia, devemos nos atentar quanto ao risco de sua fetichização: eles não constituem a história por si só. A mudança de paradigmas das fontes documentais com ênfase numa perspectiva positivista – que privilegia os fatos em detrimento dos sujeitos – dá lugar às novas possibilidades de analisar os documentos de forma crítica e de levarmos em consideração outras fontes para além das oficiais.¹⁷⁰

Bellotto aborda como documentos o afluxo de elementos gráficos, fônicos, plásticos e iconográficos pelos quais os sujeitos simbolizam suas questões, sendo eles “o livro, o artigo de revista ou jornal, o relatório, o processo, o dossiê, a carta, a legislação, a estampa, a tela, a escultura, a fotografia, o filme, o disco, (...) o objeto utilitário, etc.”¹⁷¹ Deste modo, arquivos, centros de documentação, museus e bibliotecas têm como objetivo recolher, tratar, transferir e difundir informações. São instituições que auxiliam a difusão científica, social, cultural e tecnológica dos acervos, oferecendo respaldo a testemunhos jurídicos e/ou históricos. É válido ressaltamos que cada órgão tem uma especificidade resultante da própria forma que o documento foi criado.

Em relação aos trechos da **Folha da Mata**, destacados anteriormente, é válido esclarecermos que Carelli não era um arquivista. Ao longo da análise de todas as matérias publicadas por ele nos jornais de Carangola, percebemos uma grande influência teórico-metodológica do Positivismo em suas abordagens. Como por exemplo, quando fala-se dos acervos enquanto prova material da história e que somente através de documentos é possível recompor o passado. Portanto, tanto sua concepção de arquivo, como a compreensão sobre as fontes era de antiquários.

Ao longo dos anos, o AHGM prosseguiu recolhendo documentos históricos, iconográficos e publicações relacionadas ao Município e à região. Em 1994, o **Jornal da Cidade** lançava o Boletim Informativo *Conheça e prestigie o museu de sua cidade*, que solicitava doações de

¹⁶⁹Cf. LE GOFF, Jacques. **Op. cit.** p.57, p. 456.

¹⁷⁰CARR, Eduard H. **O que é História.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

¹⁷¹BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Arquivos permanentes. Tratamento documental.** Rio de Janeiro: FGV, 2004. p.35.

documentos oficiais ou não, com mais de 50 (cinquenta) anos de existência, oriundos de entidades públicas, de pessoas físicas e jurídicas, considerados dignos de preservação. Obras de arte, móveis, roupas, peças e objetos de valor histórico. Documentos originais sobre a História e Geografia do município e da região.¹⁷²

Segundo a Resolução 16 de 25 de agosto de 2016, o valor histórico é atribuído aos “processos e demais documentos que representem um acontecimento, fato ou situação relevante para a história do Tribunal e da sociedade, bem assim os de grande repercussão nos meios de comunicação.¹⁷³” Todavia, o que seriam documentos considerados dignos de preservação? Vimos no o AHGM uma grande variedade de fotografias, diplomas universitários, diários, anuários, entre outros, doados por pessoas físicas. No entanto, são pessoas como advogados, políticos, famílias populares da cidade. Apenas os documentos jurídicos trazem documentos relacionados a pessoas de todas as classes sociais.

Assim, nos questionamos sobre a abrangência dos arquivos com intuito de preservar a memória e nos deparamos com o viés seletivo do arquivo. Rousso questionando se a vontade de memória expressa nele [arquivo] é a vontade expressa pelo conteúdo arquivado ou pelo arquivista, que detém o poder de seleção, restrição de acesso ao arquivo e de destruição controlada, ainda que sob um critério cronológico ou útil, o arquivista realiza em seu ofício um trabalho ativo de enquadramento de memória, construído sobre o material produzido pela história, enuncia que:

existe um abismo entre o que o autor de um documento pôde ou quis dizer, a realidade que esse documento exprime e a interpretação que os historiadores que se sucederão em sua leitura farão mais tarde (...) O trabalho do historiador é por definição uma operação seletiva, que depende do que foi efetivamente conservado, depende da sua capacidade pessoal e se inscreve num contexto particular¹⁷⁴

Ao discorrer sobre o enquadramento dos vestígios de passado em instituições como bibliotecas e museus, Pollak aborda a seletividade dos documentos que são preservados. Todo

¹⁷²CONHEÇA e prestigie o museu de sua cidade. **Jornal da Cidade**. Carangola. 1 a 30 jun. 1994.p.9. Grifo Nosso.

¹⁷³ Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. **Resolução 16** de 25 de agosto de 2016. Poder Judiciário da União. Disponível em: <<https://www.tjdft.jus.br/publicacoes/publicacoes-oficiais/resolucoes-do-pleno/2016/resolucao-16-de-25-08-2016>> Acesso em: 16 dez. 2019

¹⁷⁴Cf. ROUSSO, Henry, **Op. cit.** p. 85, p. 458.

enquadramento que envolve memória coletiva tem limites, uma vez que a memória coletiva não se constrói isoladamente, para se justificar, a memória em questão precisa ter sentido para uma comunidade. Para ampliar nossas considerações, façamos uma alusão a Le Goff¹⁷⁵, onde o que perdura como memória coletiva não são apenas os documentos ou monumentos são também os ecos da percepção das instituições que os produziram e dos contextos em que estavam inseridos.

Mediante o exposto, concebemos o AHGM como um *locus* em contínua construção, tanto em relação ao acervo e suas novas aquisições, como também pelas interpretações que ele suscita. Os arquivos são produtos de uma época, produzidos para atender as necessidades do momento em que estão sendo propostos. O AHGM reúne testemunhos de diversas épocas e nos oferece a possibilidade de analisarmos o que foi deixado, no entanto, devemos nos dotar de discernimento para compreendermos que os rastros que estamos analisando foram selecionados e produzidos com um determinado objetivo inerente ao contexto em que foi criado.

¹⁷⁵Cf. LE GOFF, Jacques. **Op. cit.** p.57.

CONSIDERAÇÕES

Ao longo dos capítulos anteriores apresentamos um histórico do Museu e Arquivo, apontando suas transformações ao longo do tempo – provenientes tanto das novas gestões quanto dos limites e possibilidades trazidas através de suas novas abordagens e endereços.

Acentuaram-se ao longo das primeiras análises os limites que as noções de Museu e Arquivo impõem sobre a memória e as reinterpretações do passado. Em relação ao MHM, percebemos que os objetos tendem a perpetuar legados familiares, possivelmente em razão da ideia de museu que era veiculada. Isto, por sua vez, reitera as premissas de Le Goff¹⁷⁶, de que a memória coletiva evoca questões de poder. Quem detém o domínio da narrativa, detém o discurso sobre a memória a ser reverberada e, neste sentido, a memória coletiva é apropriada e percebida de formas diferentes.

Quanto ao AHGM, percebemos que através dos jornais, é conferida aos documentos uma capacidade evocativa que se baseia, sobretudo, na acumulação do maior número possível de documentos. Os arquivos possuem a necessidade de uma gestão documental constante, para que seus acervos não se tornem apenas acúmulos de papéis que abordam quase tudo, mas não conseguem oferecer suporte para análises de quase nada. Inicialmente esperava-se que o AHGM trouxesse registros sobre Carangola e os distritos próximos, mas para tornar-se uma ferramenta eficaz, é necessário que sejam primordialmente conservados. Ao longo dos anos a deterioração do acervo consome do Arquivo suas potencialidades.

A construção desta dissertação esteve marcada por debates que, por mais que as décadas passassem e novas perspectivas acerca da prática museológica e arquivística fossem propostas, o MHM e o AHGM foram condicionados a políticas municipais limitantes. Ainda que os diretores tenham buscado agregar às instituições novos modos de pensar, preservar, organizar e divulgar os acervos, grande parte das discussões e projetos não alcançam uma dimensão prática. Conforme frisado inúmeras vezes ao longo de nossas análises, as discontinuidades marcam profundamente o Museu e o Arquivo, que atualmente é denominado Centro de Documentação Histórica.

Embora várias nomenclaturas também sejam adotadas em relação ao Museu – em alguns casos lemos Museu da Cidade, Museu Carangolense, Museu Histórico Carangolense, Museu

¹⁷⁶Cf. LE GOFF, Jacques. **Op. cit.**p.57.

Histórico de Carangola, e o brasão traz Museu Municipal de Carangola –, legalmente, Museu Histórico-Geográfico Municipal nunca deixou de ser o seu nome. A utilização do termo Museu Histórico Municipal (MHM) nesta dissertação é conduzida pelas diretrizes do Regimento Interno de 1983, que nunca fora alterado e, portanto, é o que vigora. Ademais, as mudanças em seu nome não dão a ele novas abordagens, ou reformulam suas atividades. No caso do Arquivo, no primeiro capítulo damos ênfase à mudança de sua nomenclatura porque as funções e acervos dos Centros de Documentação se diferem dos Arquivos Históricos. Os arquivos, museus, bibliotecas e centros de documentação são instituições de memória que, embora tenham pontos convergentes, possuem especificidades.

Ao incorporarmos as atas do CONSDEMPAHCC às nossas considerações, percebemos que grande parte dos projetos e propostas não saem da teoria. Ao longo do tempo, inúmeras parcerias com universidades como a Universidade Federal de Viçosa, Universidade Federal de Juiz de Fora e Universidade do Estado de Minas Gerais foram firmadas em relação ao MHM. Enquanto as parcerias estavam ativas, o MHM apresentou avanços. Quando se dissolviam, o MHM retornava à inércia. Embora diversas outras parcerias tenham sido propostas, principalmente dentro de Carangola, como em 2020 em razão das enchentes, onde fora solicitado ao Tiro de Guerra apoio para a limpeza do MHM e ajuda com a mudança; e, para a Prefeitura Municipal ceder funcionários que estavam contribuindo com a limpeza e restauração dos acervos, não obtivemos respostas. As parcerias efetivas foram entre os alunos do curso de Ciências Biológicas da Universidade do Estado de Minas Gerais, que foram à antiga sede para oferecer apoio em relação ao setor de taxidermia e com o Arquivo Público Mineiro, que enviou funcionários de três áreas distintas – Arquivologia, Museologia e História – para auxiliar e nortear as atividades que estavam sendo desenvolvidas. As colaborações da Secretaria de Cultura de Carangola partiram, inúmeras vezes, de doações particulares.

A preservação e conservação dos acervos se daria de forma eficaz, ou talvez menos lesada, caso as instituições fossem tombadas pois existiriam parâmetros a serem seguidos, como por exemplo, a atualização dos registros sobre os bens musealizados e arquivados nestes órgãos. Poderíamos ao menos dimensionar os danos ou os ganhos do Arquivo e Museu. As rupturas abruptas, intensas e constantes na Direção de ambas as instituições fragmentam as ações em prol da preservação dos bens.

Deparamo-nos com as discontinuidades de uma série de projetos, como por exemplo, a documentação dos acervos. Devido aos constantes recomeços nos processos de inventário e catalogação, não temos até hoje uma documentação integral dos acervos. Não temos registros que versem sobre quais e como eram as peças que estavam no MHM em sua inauguração dos anos 60, ou quais peças foram perdidas quando o mesmo fechou em 1968. Não existem registros que descrevam os documentos do Arquivo enquanto esteve instalado na Prefeitura Municipal ou registros de controle sobre a situação dos documentos enquanto eram realocados entre 2001 e 2005.

Visando contribuir com a carente documentação do acervo do Museu, no próximo capítulo apresentamos o “produto” desta dissertação.

PARTE 2: PRODUTO

CAPÍTULO 3

DOCUMENTAÇÃO DE ACERVO MUSEOLÓGICO: UM INVENTÁRIO DE COLEÇÕES DO MHM

A palavra museu surgiu a partir do termo grego *mouseion*, que significa Templo das Musas. De acordo com a mitologia grega, as Musas eram filhas de Mnemosine (deusa da memória) e Zeus. As Musas possuíam o domínio da memória, uma fértil imaginação e através de suas danças, canções e narrativas, abrandavam as angústias e pesares dos homens.¹⁷⁷ O *mouseion* da Grécia Antiga era uma combinação de Templo com instituição de pesquisa, por ser um local reservado às ciências e às artes em suas diversas formas de manifestação.

Para Marlene Suano¹⁷⁸, o termo museu associado ao Templo das Musas diz mais a respeito do deleite dos deuses em detrimento do dos homens. Diferente, por exemplo, do *mouseion* da Alexandria, no Egito do século II a.C., onde esses espaços eram utilizados para discussões relacionadas ao saber enciclopédico, abordando, deste modo, assuntos relacionados à filosofia, religião, astronomia, zoologia, entre outras áreas de conhecimento.

Leticia Julião¹⁷⁹, elucida que durante a Idade Média, pouco falava-se sobre museus. O termo reapareceu em meados do século XV, contexto em que o colecionismo se difundiu na Europa. De acordo com a autora, “nesse período, o homem vivia uma verdadeira revolução do olhar, resultado do espírito científico e humanista do Renascimento e da expansão marítima, que revelou à Europa um novo mundo.”¹⁸⁰ As coleções focadas em objetos peculiares deram origem aos Gabinetes de Curiosidade, que por sua vez aprimoraram-se ao longo do tempo, voltando-se para a pesquisa e deixando de suprir apenas uma demanda curiosa. Estes Gabinetes não eram abertos ao público, estando somente à disposição de seus proprietários ou de quem estes autorizassem, tornando-se abertos ao público somente no século XVIII. Assim, as coleções constituídas entre os séculos XV e XVIII deram origem aos museus.

De acordo com Françoise Choay, quando as coleções foram incorporadas ao patrimônio nacional, o tesouro fora devolvido ao povo. Para lidar com estes bens, seus responsáveis concebiam-no como herança, que “integradas aos bens patrimoniais sob o efeito da

¹⁷⁷SUANO, Marlene. **O que é Museu**. Coleção Primeiros Passos. Brasiliense. 1986.

¹⁷⁸**Ibid.**

¹⁷⁹Cf. JULIÃO, Leticia. **Op. cit.**p.60.

¹⁸⁰**Ibid.**p.18.

nacionalização, estas se metamorfosearam em valores de troca, em bens materiais que, sob pena de prejuízo financeiro, será preciso preservar e manter¹⁸¹»

Assim, para preservar o patrimônio nacionalizado neste contexto de Revolução Francesa, era preciso propor um método para inventariar as coleções e estabelecer parâmetros para sua gestão. Fora criada neste período a comissão “dos Monumentos”. Choay discorre que primeiramente esta comissão deveria tombar os diversos bens recuperados e posteriormente, executar o que a autora denomina como conservação preventiva. Deste modo, os bens de natureza móvel deveriam ser postos em locais abertos ao público, denominados a partir de então como museus. “A intenção era instruir a nação, difundir o civismo e a história, instalando museus em todo o território francês.”¹⁸²

No Brasil, os primeiros museus surgiram no século XIX, a partir dos esforços de D. João VI, que criou em 1818 o Museu Real, “cujo acervo inicial se compunha de uma pequena coleção de história natural doada pelo monarca.”¹⁸³ Por quase um século as atividades que o Museu Real não tiveram grandes expressões, adquirindo somente no século XIX caráter científico. Em meados de 1800, Leticia Julião¹⁸⁴ aponta que foram criados os museus do Exército, em 1864; o museu da Marinha em 1868; o museu Paranaense em 1876; e o museu do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia em 1894 e ainda, dois museus etnográficos, o Paraense Emílio Goeldi e o Paulista – Museu do Ipiranga – em 1894.

Para a autora supracitada, no século XIX, consolidaram-se duas concepções museológicas no mundo, a primeira apoiada na exaltação da história e cultura nacional, como o museu do Louvre, e a segunda, era a perspectiva de um museu com caráter científico, como o Museu Botânico no Brasil. Os museus baseados no conhecimento enciclopédico vigoravam no Brasil até o início do século XX e, “embora a temática nacional não constituísse o cerne desses museus, tais instituições não deixaram de contribuir para construções simbólicas da nação brasileira, através de coleções que celebravam a riqueza e exuberância da fauna e da flora dos trópicos.”¹⁸⁵

Assim, tendo as constantes transformações sofridas pelas perspectivas museológicas – conforme discutido nos capítulos anteriores – atualmente, os museus destinam-se à pesquisa, à

¹⁸¹CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

¹⁸²Cf. JULIÃO, Leticia. *Op. cit.* p.60.

¹⁸³*Ibid.* p. 19.

¹⁸⁴*Ibid.*

¹⁸⁵ *Ibid.*, p. 20

preservação e a comunicação entre objetos e público. A preservação dos bens musealizados depende diretamente de sua documentação. Sem isto, a coleta, aquisição, armazenamento, restauro, conservação, pesquisa e a exposição não são eficazes¹⁸⁶.

Neste capítulo, nos propomos a compreender como se dá o processo de documentação dos acervos, para que em seguida, façamos o Inventário de algumas coleções do MHM. Para os fins desta dissertação, selecionamos cinco categorias: Ferros de Passar Roupas, Máquinas de Costura, Máquinas de Contabilidade, Máquinas de Escrever e Porcelanas. Elencamos estas coleções por conta da situação de desordem em que se encontravam após sua nova mudança de endereço, conforme vemos na fotografia a seguir.

Figura 9 – Peças do MHM após a mudança de endereço – 2020.



Fonte: Acervo Pessoal

¹⁸⁶CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação Museológica. In: **CADERNO de diretrizes museológicas**. 1. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006. 2º. Edição.

Desde o início do processo de higienização das peças ainda na antiga sede atingida pela enchente, as peças que selecionamos apresentavam maior estado de vulnerabilidade. Portanto, selecionamo-las e nos dedicamos à sua documentação. Na fotografia anterior, percebemos que entre todas as peças que se encontravam em situação similar, máquinas, ferros e porcelanas estavam dispostas no chão, sem quaisquer proteções. Nossa primeira medida fora organizar todas as peças e colocá-las em locais adequados.

3.1 – COMPREENDENDO O PROCESSO DE MUSEALIZAÇÃO DOS OBJETOS

Maria Inez Cândido discorre que o museu é um espaço voltado para a (re)produção do conhecimento, tendo como suporte a cultura material. Para além de suas exposições, é pertinente que tomemos conhecimento de suas ações internas e que questionemos suas posturas em relação à construção de sua identidade. A função basilar dos museus consiste em preservar, investigar e fomentar a comunicação de seus acervos.

Em sentido amplo, o ato de preservar inclui a coleta, aquisição, o acondicionamento e a conservação desses bens; a missão de comunicar se realiza por meio das exposições, publicações, projetos educativos e culturais; e o exercício de investigar permeia todas as atividades de um museu, fundamentando-as cientificamente.¹⁸⁷

Para a autora, considerando que os objetos são veículos de informação, o principal desafio dos museus consiste em estabelecer a comunicação entre os objetos e as informações relacionadas a ele, pois é este movimento que o define enquanto documento. Preservar os documentos e os objetos é primordial no processo de comunicação entre o acervo e a sociedade.

Para que um objeto se torne musealizado, é necessário que ele se enquadre nas demandas das instituições para que seja incorporado ao acervo dos museus. Os objetos podem ser adquiridos através de vários processos, sendo eles: coleta – consiste na transferência do objeto de seu local de origem para os museus a fim de que sejam preservados e estudados; compra – aquisição de bens mediante a remuneração; doação – quando instituições ou pessoas físicas oferecem bens para o museu de modo gratuito; legado – quando em testamento alguém destina seus bens ao museu; permuta – troca permanente de objetos entre instituições não remunerada; transferência – quando uma instituição transfere para a outra os direitos de posse e propriedades dos bens gratuitamente; produção interna – objetos produzidos nos próprios museus; e ainda, através da guarda temporária ou cessão – empréstimo feito pelas instituições às pessoas jurídicas, sem fins lucrativos, pode ou não ser cobrado; comodato – empréstimo por tempo determinado e fiel depositário – imposto através da determinação de um juiz.¹⁸⁸

¹⁸⁷Cf. CÂNDIDO, Maria Inez. **Op. cit.** p.95, p.32 .

¹⁸⁸MUSEUS, Instituto Brasileiro de. **Documentação de Acervo Museológico**: entrada do objeto. Brasil: 2019. Disponível em: https://mooc.escolavirtual.gov.br/pluginfile.php/6160498/mod_resource/content/6/IBRAM_DocumentacaoMuseologica_M1.pdf. Acesso em: 10 jun. 2020.

Quando se tornam musealizados, os objetos percorrem um trajeto até que sejam expostos. Seu primeiro destino é a documentação, onde “o objeto deve entrar em carga de patrimônio: receber o número de identificação, passando a compor o inventário da instituição.¹⁸⁹” Posteriormente, os objetos são dirigidos para a reserva técnica. Neste espaço ficam os objetos que não estão expostos, é neste local que ocorre sua higienização e desenvolvem-se ações com intuito de preservar sua longevidade.

Em seguida, os objetos seguem para os Laboratórios de Restauração, onde são realizadas intervenções a fim de restaurá-los. Por fim, caso os objetos correspondam à narrativa dos museus, são expostos. “Uma exposição se realiza no encontro entre sujeito (visitante) e objeto (conjunto expositivo), ou, numa concepção mais abrangente e atual, entre a sociedade e seu patrimônio.¹⁹⁰”

Após a musealização do objeto, sua história de vida tem continuidade. Nesta nova configuração, os objetos estão sujeitos a transformações em razão das novas abordagens dadas a eles a partir de pesquisas e exposições, o que requer constante atualização de suas informações. Mas no que consiste a Documentação Museológica? Segundo Cândido,

a documentação de acervos museológicos é procedimento essencial dentro de um museu, representando o conjunto de informações sobre os objetos por meio da palavra (documentação textual) e da imagem (documentação iconográfica). Trata-se, ao mesmo tempo, de um sistema de recuperação de informação capaz de transformar acervos em fontes de pesquisa científica e/ou em agentes de transmissão de conhecimento, o que exige a aplicação de conceitos e técnicas próprios, além de algumas convenções, visando à padronização de conteúdos e linguagens.¹⁹¹

Helena Dodd Ferrez¹⁹² compreende a Documentação Museológica como forma de fazer com que as coleções dos museus deixem de ser apenas dados, constituindo-se enquanto fontes de pesquisa científica por ser um suporte para difusão do conhecimento.

¹⁸⁹MUSEUS, Instituto Brasileiro de. **Op. cit.** p.57, p.13

¹⁹⁰MUSEUS, Instituto Brasileiro de. **Para Fazer uma Exposição:** o que é uma exposição. Brasil: Online, 2019. Disponível em:

https://mooc.escolavirtual.gov.br/pluginfile.php/6161003/mod_resource/content/5/IBRAM_Exposicao_M1.pdf.

Acesso em: 6 jun. 2020. p.3

¹⁹¹Cf. CÂNDIDO, Maria Inez. **Op. cit.** p.95, p.34

¹⁹²FERREZ, H. D. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: **FÓRUM NORDESTINO DE MUSEU**, 4., Recife. Trabalhos apresentados... Recife: IBPC/Fundação Joaquim Nabuco, 1991.

No Brasil, a Documentação dos acervos está prevista pela Constituição Federal de 1988, em seu art. 216 o qual expõe que: “§ 1º – O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação¹⁹³.”

A obrigatoriedade na elaboração de inventários de acervos museológicos passou a vigorar com a criação do Estatuto de Museu através da Lei n. 11.904 de 2009¹⁹⁴. O artigo 39 aponta que o museu sempre deve documentar os bens que possui em seu acervo, esse registro deve estar de acordo com o inventário nacional dos bens culturais. Além disto, todos os bens contidos no inventário possuem proteção legal que lhes asseguram segurança e difusão de sua existência. Com o mesmo sentido, é trazido no artigo 40 que os inventários dos museus são considerados patrimônios arquivísticos de interesse nacional, todos os museus têm a obrigatoriedade de manter estes registros em suas dependências.

Os objetos do Museu Histórico Municipal (MHM) foram em sua maioria adquiridos através de doações, apenas parte do acervo da pinacoteca fora comprado. Embora, desde 2009, seja obrigatório que os museus elaborem inventários, o último levantamento das peças do MHM fora realizado no ano 2000. Na ocasião, elaborou-se um inventário sumário¹⁹⁵ sobre as peças. Outras formas de documentação do acervo do MHM que existem são as a fichas catalográficas.

Nestas fichas existem lacunas a serem preenchidas com as seguintes informações: Seção, categoria, procedência, origem, época, estilo, modo de aquisição, doador, função, número de ordem, número de catálogo, localização, estado de conservação, valor, dimensões (altura, largura, diâmetro e peso), bibliografia, inscrições, marcas. E no verso, descrição do objeto, observações e existe um espaço para a colagem da fotografia do objeto. Ainda que estes campos estejam muito bem delimitados, não estão preenchidos nas fichas. As únicas informações que existem são em relação à seção, à categoria, o nome do objeto e quando muito, informações sobre a procedência e o nome dos doadores. Em nenhuma das fichas existem informações sobre as dimensões e fotografias dos objetos.

¹⁹³ Cf. BRASIL. **Op. cit.** p.56.

¹⁹⁴ BRASIL. Estatuto de Museus. **Lei 11.904**, de 14 de janeiro de 2009a. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/legislacao/lei-11-904-de-14-de-janeiro-de-2009/>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

¹⁹⁵ O Inventário Sumário é um instrumento de pesquisa, cuja finalidade consiste em descrever as unidades de arquivamento.

Em face do *deficit* de informações concretas sobre as coleções do MHM, no próximo item deste capítulo apresentaremos as diretrizes para a proposição de inventários e discutiremos como desenvolvemos o Inventário de seus objetos.

3.2 – A DOCUMENTAÇÃO DOS ACERVOS MUSEOLÓGICOS E SUAS DIRETRIZES: O PROCESSO DE INVENTÁRIO DE COLEÇÕES DO MHM

O início de debates acerca de questões técnicas internas aos museus se deu a partir de 1926, através da criação da Oficina Internacional de Museus, que em 1946 fora substituída pelo ICOM. Em meados do século XIX, foram criadas nos Estados Unidos e Alemanha associações de museus, órgãos que discutiam normas e padronização das diretrizes para a constituição de inventários, guias e catálogos.¹⁹⁶

Ao longo do tempo, este tema era discutido em diversos encontros internacionais, como *A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios*, que culminou na Declaração de Caracas. Nesta Declaração era abordada a necessidade de que entre as atribuições museológicas estivesse a documentação, pois compreende-se que ela é mediadora do processo de intercâmbio e difusão do conhecimento. Assim, a Documentação Museológica está voltada para o reconhecimento dos acervos enquanto veículos de informação “e está focada na busca, reunião, organização, preservação e disponibilização de todas as informações, sobre quaisquer suportes, que digam respeito a esses mesmos acervos.”¹⁹⁷

Atualmente no Brasil, a Resolução Normativa Nº 2, de 29 de agosto de 2014 estabelece as diretrizes para elaboração de documentos sobre os acervos arquivísticos, museológicos e bibliográficos. A Resolução aborda os seguintes elementos para a identificação e descrição de bens museológicos:

- a) número de registro – informação obrigatória do registro individual definido pelo museu para identificação e controle do objeto dentro do acervo; b) outros números – informação facultativa de numerações anteriores atribuídas ao objeto, tais como números antigos e números patrimoniais; c) situação – informação obrigatória da situação em que se encontra o objeto, o seu status dentro do acervo do museu, com a marcação das opções: 1– localizado; 2 – não localizado; 3 – excluído; d) denominação – informação obrigatória do nome que identifica o objeto; e) título – informação facultativa da denominação dada ao objeto atribuído pelo autor, curador ou pelo profissional da documentação; f) autor -: informação obrigatória do nome do autor do objeto (individual ou coletivo); g) classificação – informação facultativa da classificação do objeto segundo o "Thesaurus para Acervos Museológicos ou outros vocabulários controlados; h) resumo descritivo – informação obrigatória do resumo da descrição textual do objeto, apresentando as características que o identifique

¹⁹⁶Cf. MUSEUS, Instituto Brasileiro. **Op. cit.** p. 99.

¹⁹⁷**Ibid.**, p.18

inequivocamente e sua função original; i) dimensões – informação obrigatória das dimensões físicas do objeto, considerando-se as medidas bidimensionais (altura x largura); tridimensionais (altura x largura x profundidade); circulares (diâmetro x espessura) e peso; j) material / técnica – informação obrigatória dos materiais do suporte que compõem o objeto, hierarquizando sempre a sua maior área confeccionada/manufaturada e a técnica empregada na sua manufatura; k) estado de conservação – informação obrigatória do estado de conservação em que se encontra o objeto na data da inserção das informações; l) local de produção – informação facultativa da indicação geográfica do local onde o objeto foi confeccionado; m) data de produção – informação facultativa da data ou período de confecção/produção/manufatura do objeto; n) condições de reprodução – informação obrigatória com a descrição das condições de reprodução do objeto, indicando se há alguma restrição que possa impedir a reprodução/divulgação da imagem do objeto nos meios ou ferramentas de divulgação; o) mídias relacionadas – informação facultativa acerca da inserção de arquivos de imagem, sons, vídeos e/ou textuais relacionados ao objeto.¹⁹⁸

Um inventário consiste em uma ferramenta para o controle administrativo do acervo, neste caso, o acervo museológico. É chamado de inventário o levantamento individual e completo dos bens que compõem os acervos. Para elaborarmos nosso material, adotamos as normas obrigatórias e apenas a informação facultativa acerca de outros números de identificação das peças. Acreditamos que manter essa informação pode contribuir com futuros levantamentos sobre o histórico das peças. Não acrescentamos as outras informações facultativas por dois motivos: o primeiro é que não as encontramos nas peças e o segundo é que na situação em que o MHM encontra-se, obter as informações através de pesquisas não é possível, uma vez que a enchente danificou parte desta documentação.

Os campos para identificação dos objetos que adotamos foram: número de registro, outros números, situação, denominação, autor, resumo descritivo, dimensões, material/técnica, estado de conservação e condições de reprodução. Além destas informações, trazemos fotos dos objetos para facilitar sua localização.

A primeira etapa do processo de inventariar as peças fora a criação do número de registro. Os números de registros servem para identificar as peças nos acervos. Renata Cardozo Padilha, discorre que o registro é

¹⁹⁸BRASIL, Ministério da Cultura. **Resolução Normativa nº 2, de 29 de agosto de 2014**. Estabelece os elementos de descrição das informações sobre o acervo museológico, bibliográfico e arquivístico que devem ser declarados no Inventário Nacional dos Bens Culturais Musealizados, em consonância com o Decreto nº 8.124, de 17 de outubro de 2013. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 1º set. 2014. Seção 1, p. 14.

indispensável para a autenticidade e segurança do objeto museológico, bem como para a recuperação imediata das suas informações documentais. Para tanto, deve-se considerar o número de registro e o tipo de marcação em cada objeto adquirido pelo museu: essas ações precisam ser cuidadosamente pensadas antes de ser aplicadas nas peças.¹⁹⁹

A autora aponta ainda que criar o número de registro é uma tarefa que requer o estabelecimento de nomenclaturas e/ou numerações que torne o acesso à informação inteligível. Ainda que existam diretrizes e recomendações que visem padronizar este processo, cada museu adota a prática mais eficaz para si. Os códigos de registros podem ser numéricos – utilizam apenas números e pode ser dividido em duas partes, cada uma delas representando numerações diferentes. Neste sistema discrimina-se a numeração sequencial e o ano de aquisição do objeto – ou alfanuméricos – utilizando letras e números, estes podem ser bipartidos apontando a sigla da coleção e a numeração sequencial; ou, tripartidos, trazendo a sigla do museu, a sigla da coleção e a numeração sequencial. É pertinente ressaltarmos que independente das codificações adotadas, todos os itens são separados pelo símbolo divisor “.”

Adotamos a forma alfanumérica como codificação dos objetos, pois acreditamos que esta seja facilmente compreendida. Assim, o primeiro símbolo é a sigla do Museu Histórico Municipal (MHM), em seguida trazemos a sigla das coleções da seguinte maneira: FERDEPAS – Ferros de Passar; MAQCONT – Máquinas de contabilidade; MAQCOST – Máquinas de costura; MAQESC – Máquinas de escrever e, PRCL – Porcelanas). Depois das siglas, trazemos o número sequencial. A seguir trazemos um exemplo do número que criamos

¹⁹⁹PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação museológica e gestão de acervo**. FCC Edições, 2014.p. 41

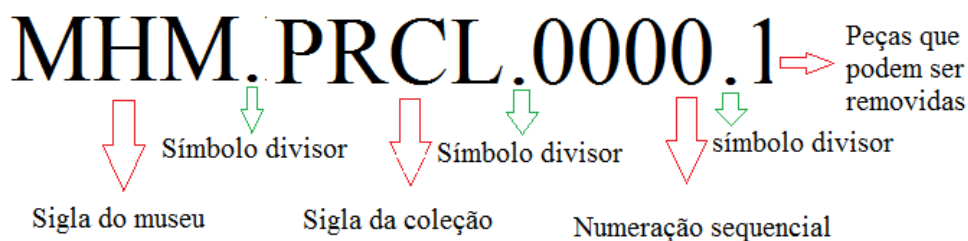
Figura 10 – Exemplificação de Número de Registro – 2020.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Em caso de objetos que possuem peças que podem ser retiradas, Padilha recomenda que se utilize números ou letras. Por exemplo: na coleção de porcelanas do MHM existem bules. Neste caso, a numeração deve discriminar o bule e sua tampa. Para o bule deve-se adotar: MHM.PRCL.0001.1 ou MHM.PRCL.0001.a, e para a tampa: MHM.PRCL.0001.2 ou MHM.PRCL.0002.b. Para designar os objetos soltos que compõem as peças, utilizamos números, conforme vemos na figura a seguir:

Figura 11– Exemplificação de Número de Registro designando peças que podem ser dissociadas – 2020.



Fonte: Elaborado pelos autores.

A próxima etapa após a criação do Número de Registro é sua inscrição nos objetos. Para cada tipo de objeto existe uma forma específica de inscrição. Em todos os casos, recomenda-se que estas marcações sejam feitas de modo que não danifiquem os objetos. Padilha²⁰⁰ sugere que seja aplicada uma camada de proteção entre o objeto e o registro. Segundo a autora, as principais formas de marcação são a realizada no próprio objeto, inicialmente o local deve ser limpo, posteriormente deve-se aplicar neste local um revestimento de verniz em seguida registrá-lo utilizando caneta nanquim na cor preta ou branca e ao final, outra camada de verniz deve ser aplicada. A autora esclarece que no caso de objetos de papel, deve ser utilizado lápis B2 macio.

Outra forma de identificar os objetos através do Número de Registro é a marcação vinculada ao objeto. Neste caso, devem ser utilizadas etiquetas de papel neutro e pano feitos de algodão ou linho, estas etiquetas podem ser anexadas ao objeto ou ao seu suporte. A autora esclarece que é comum que os museus adotem ainda a vinculação destes números aos objetos através do anexo de barbantes.

Elaboramos etiquetas de papel neutro e passamos através de sua margem superior direita um cordão de barbante que fora anexado às peças, e, ainda que esta não seja a forma mais recomendada de marcação nos objetos pelo risco de dissociação destas com as peças, optamos por ela. Como os objetos encontram-se em situação delicada e por conta de uma série de empecilhos ocasionados primeiro pela enchente e depois pela pandemia do COVID-19, achamos mais seguro para as peças utilizarmos esta opção de marcação, pelo menos por hora.

Ademais, no campo “situação” utilizamos o número 1 para as peças localizadas e 2 para as peças cujas estruturas encontradas sugerem a existência de partes que não foram encontradas. A “denominação” corresponde ao nome do objeto. Em relação ao domínio “autor”, abordamos os fabricantes das peças – quando não encontrados preenchemos como “Desconhecido”. Em “resumo descritivo” trouxemos informações que auxiliam a identificação das peças em detalhes que podem não ter sido captados nas fotografias.

No que tange às dimensões, nos objetos tridimensionais abordamos sua altura, largura e profundidade. Quanto aos objetos circulares, apontamos seu diâmetro, espessura e peso.

Quanto ao “material/técnica”, apresentamos os materiais que identificamos na estrutura dos objetos. Em “estado de conservação” utilizamos “Bom” para peças bem conservadas,

²⁰⁰Cf. PADILHA, Renata. **Op. cit.**, p.103.

“Razoável” para peças que estão manchadas, com marcas de oxidação e/ ou estão trincadas, e
“Ruim” para peças quebradas.

Depois da documentação dos objetos organizamo-los em caixas e em cada uma das caixas elaboramos etiquetas com orientações para seu manuseio e transporte, conforme vemos em APÊNDICE D. Após as considerações finais, apresentaremos o material elaborado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo desta dissertação apresentamos um histórico do Museu e Arquivo, com intuito de compreendermos o que são estas instituições e como são dirigidas. Ao longo destas análises, destacaram-se problemas de ordem administrativa, ocasionados pela falta de profissionais com as devidas capacitações para encarregar-se das atividades. Muitos foram e são os esforços de seus diretores visando melhorias para as instituições, mas é necessário que o Poder Público compreenda que o MHM e AHGM têm demandas específicas que não são atendidas com ações demasiadamente teóricas. A criação do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural de Carangola foi um marco para as políticas de preservação, mas o próprio Conselho é instável, reflexo das políticas culturais não adotadas. Ademais, por vezes as deliberações do Conselho também não abrangem a dimensão prática.

No segundo capítulo analisamos como se deram os processos de criação do MHM e AHGM, deparamo-nos com diversos recortes de jornais que trazem perspectivas elitistas, limitantes e limitadas acerca de Museu e Arquivo, o que nos ofereceu a possibilidade de tecer essa contra narrativa. Ao longo destas considerações discorreremos sobre as potencialidades e perspectivas para as instituições. Considerando que Carangola é uma cidade interiorana, a criação de um museu e um arquivo no contexto em que o AHGM e o MHM foram institucionalizados teve grande relevância. O Arquivo e o Museu foram as primeiras instituições carangolenses a abordar a pertinência de políticas de preservação de bens culturais. Somente em 1997, trinta e oito anos após a criação do MHM e AHGM, criou-se o Conselho Deliberativo do Patrimônio Histórico e Cultural de Carangola. Mesmo em face deste pioneirismo do MHM e AHGM, seus acervos não são tombados

A hipótese acerca de seu não tombamento relacionado com as discontinuidades políticas provocadas por novos pleitos e pelos impactos da inconstância administrativa interna das instituições, se mostrou plausível. No entanto, não apenas por este motivo. A documentação dos acervos é essencial para que o tombamento seja feito, mas no MHM e AHGM, em constante recomeço. Percebemos ainda que o MHM e o AHGM são preteridos em relação a outros bens, várias diligências em prol do tombamento de edifícios históricos da cidade foram propostos e efetivados, nas atas do CONSDENPAHCC vimos diversas menções em relação à necessidade de também tomar o Museu e Arquivo, mas nunca passaram de elucubrações.

No terceiro capítulo, iniciamos o processo de inventário do acervo do MHM, onde produzimos e atualizamos os registros de cinco coleções que compõem as seguintes categorias: Arte Sacra, Arqueologia, Mobiliário, Imagem e Som, Utensílios Domésticos, Ferramentas, Vestuário, Pinacoteca, Diversas, História Natural e Fotografias.

Ao longo das pesquisas para a realização deste inventário, percebemos que, como afirma Pimentel, o acervo é diversificado. Em uma passagem de sua dissertação, Pimentel cita o exemplo de “um senhor de origem simples, apareceu no Museu com alguns exemplares de tijolos de barro – tijolos rapadura para doar.²⁰¹” Contudo, analisando a relação de peças do MHM, não encontramos o registro do artefato em questão. É importante ressaltarmos que não estamos apontando que esta narrativa não é verídica e neste ensejo, chamamos a atenção para a ineficácia dos procedimentos de registros. Tanto a ficha referente a esta doação pode ter sido perdida, como o objeto pode, por exemplo, ter sido descartado. Não é possível afirmar ou refutar por conta da escassa documentação dos acervos.

Ainda que o Inventário não seja uma forma de proteção dos bens em si, é um documento que atesta sua existência. Para compreendermos a relação que se constrói em relação ao patrimônio, aos bens musealizados e arquivados, é imprescindível analisarmos os rastros deixados por sua existência.

Durante a elaboração foram encontradas incoerências em relação ao número de objetos e as fichas de catalogação do MHM. Existem 11 fichas sobre Ferros de Passar e no MHM encontramos 15 ferros. Nas fichas, três peças apresentam quantificações em frente à sua denominação, somando os números às fichas, constatamos que havia 17 ferros quando seu levantamento fora realizado. Não sabemos quais ferros foram perdidos ou ganhos porque em suas descrições, as informações que temos são em relação ao seu tamanho, designando em três entre os 17 ferros como “grandes” e dois ferros elétricos como “pequenos”. Em apenas duas fichas são trazidas informações quanto à dimensão dos objetos. No entanto, as dimensões são as mesmas para ambos e não encontramos objetos cujas medidas sejam idênticas. Ademais, peso e diâmetro foram confundidos, isto dificulta a busca pelas peças em questão.

Quantos às Máquinas, encontramos 32 fichas, sendo 16 delas Máquinas de Contabilidade; 7 sobre Máquinas de Costura e 4 sobre as Máquinas de Escrever, as outras máquinas não foram especificadas. Em nosso trabalho, documentamos 6 Máquinas de Contabilidade, 6 Máquinas de

²⁰¹Cf. PIMENTEL, Eduardo. **Op. cit.** p.25.

Costura, 10 máquinas de escrever. As informações sobre as máquinas que encontramos nas fichas, oferecem descrições de sua cor e marca. Mas existem várias peças nas fichas com as mesmas cores e várias da mesma marca, não conseguimos distinguir de quais peças as fichas se tratam.

Em relação às Porcelanas, foram achadas 57 fichas e no MHM encontramos 105 objetos. As maiores informações trazidas nestas fichas são em relação ao seu número de identificação e ao local em que se encontravam no Museu. Como as peças estão dispersas e a configuração e disposição do MHM não são as mesmas, não é possível identificá-las apenas com a localização das estantes em que estavam. Através destas fichas antigas, conseguimos identificar apenas duas xícaras e 9 entre as 27 canecas encontradas no MHM.

Deste modo, ao longo das análises das informações sobre o acervo do MHM, a documentação já existente sobre as peças se mostrou pouco eficaz para sua identificação. Visando contribuir com a constituição da documentação dos musealizados pelo MHM, no próximo item trazemos o Inventário que elaboramos. Este, por sua vez, organiza-se por ordem alfabética das coleções. Nosso trabalho resultou no Inventário de cinco coleções denominadas Ferros de Passar; Máquinas de contabilidade; Máquinas de costura; Máquinas de escrever e, Porcelanas, que apresentaremos na sequência.

É válido mencionarmos ainda que o inventário iniciado nesta dissertação é um projeto que está tendo continuidade para além das coleções supracitadas. Ademais, em razão deste trabalho fui convidada a fazer parte do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural de Carangola, onde espero contribuir com ações que visem estreitar as relações entre a comunidade e o Museu, colaborar com a documentação e difusão dos acervos.

**INVENTÁRIO DAS COLEÇÕES DE FERROS DE PASSAR, MÁQUINAS DE
CONTABILIDADE, MÁQUINAS DE COSTURA, MÁQUINAS DE ESCREVER
E PORCELANAS DO MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL**

CARANGOLA - 2020

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO

Luciana Narciso

ORIENTAÇÃO

Gustavo de Souza Oliveira

REDAÇÃO

Luciana Narciso

FOTOGRAFIA

Luciana Narciso e Mathews Edwirds

DESIGN E CAPA

Rafael Siqueira e Mathews Edwirds

COLABORADORES

Ana Narciso

Ana Luiza Narciso

Luiz Felipe Lima

Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio Histórico

APRESENTAÇÃO

O *Inventário de Ferros de Passar, Máquinas de Contabilidade, Máquinas de Costura, Máquinas de Escrever e Porcelanas do Museu Histórico Municipal*, é parte da pesquisa *A Política e a Construção de um Discurso Museológico e Arquivístico em Carangola – MG (1952 – 2020)*, desenvolvida no Programa de pós-graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da Universidade Federal de Viçosa.

Ao longo da pesquisa enfatizou-se a necessidade da atualização da documentação sobre seus acervos, sobretudo, por conta das enchentes que afetaram Carangola no início de 2020. Frente aos danos causados, participamos de ações que buscaram recuperar os acervos danificados. As primeiras atividades voltaram-se para a recuperação da hemeroteca do Arquivo Histórico Geográfico Municipal e posteriormente, demos início ao inventário de bens do Museu Histórico Municipal, que resulta no trabalho aqui apresentado.

Um inventário consiste em uma ferramenta para o controle administrativo do acervo, é chamado de

inventário o levantamento individual e completo dos bens. A produção deste material seguiu a Resolução Normativa Nº 02, de 29 de agosto de 2014, que traz consigo diretrizes para a elaboração das informações e descrição sobre os acervos museológicos, arquivísticos e bibliográficos. Em nossa proposta, abordamos normas obrigatórias e apenas a informação facultativa acerca de outros números de identificação das peças. Trazer essa informação pode contribuir com futuros levantamentos sobre o histórico do acervo.

Os campos para identificação dos objetos que aplicamos foram: Número de Registro, Outros Números, Situação, Denominação, Autor, Resumo Descritivo, Dimensões, Material/técnica, Estado de Conservação e Condições de Reprodução.

No que concerne à estrutura do inventário, utilizamos o sistema de codificação alfanumérico para elaborarmos o número de registro: primeiro a sigla do Museu (MHM), em seguida as siglas das coleções onde FERDEPAS correspondem aos Ferros de Passar, MAQCONT representa as Máquinas de Contabilidade; para as Máquinas de Costura utilizamos MAQCOST; MAQESC refere-se à Máquinas de Escrever; e, PRCL corresponde às Porcelanas.

No campo “situação” utilizamos o número 1 para as peças localizadas e 2 para as peças cujas estruturas encontradas sugerem a existência de partes que não foram localizadas. A “denominação” corresponde ao nome do objeto. Em relação ao domínio “autor”, abordamos os fabricantes das peças – quando não encontrados preenchemos como “Desconhecido”. Em “resumo descritivo” trazemos informações que auxiliem a identificação das peças em detalhes que nem sempre foram captados nas imagens.

No que tange às dimensões, nos objetos tridimensionais abordamos sua altura, largura e profundidade. Quanto aos objetos circulares, apontamos seu diâmetro, espessura e peso.

No campo “material/técnica”, apresentamos os materiais que identificamos na estrutura dos objetos. Em “estado de conservação” utilizamos “Bom” para peças bem conservadas, “Razoável” para peças que estão manchadas, com marcas de oxidação e/ou estão trincadas, e “Ruim” para peças quebradas.

A Documentação de acervos museológicos é essencial para o desenvolvimento das atividades dos museus. Através dela, obtemos informações sobre os objetos por meio de textos e imagens, sejam estas informações antigas ou recentes. A Documentação é uma ferramenta capaz de transformar os acervos em fontes de pesquisa.¹

No Brasil, a Documentação dos acervos está prevista pela Constituição Federal de 1988, em seu Art. 216, onde aborda-se que o Poder Público e a comunidade protegerão e promoverão o patrimônio cultural brasileiro através de inventários, registros, tutela, tombamentos, entre outras formas de proteção.²

Como fonte desta produção, utilizamos as fichas de catalogação existentes no Museu. Foram analisadas 574 fichas, entre estas, 57 trazem informações sobre as coleções selecionadas. Nas fichas, os Ferros de Passar são apresentados na categoria “Utilidades Domésticas/ Diversas”, as Máquinas encontram-se em “Máquinas

¹ CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação Museológica. In: **CADERNO de diretrizes museológicas**. 1. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006. 2ª. Edição.

² BRASIL, **Constituição (1988)** Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.

Gerais”, e, as Porcelanas foram catalogadas em “Porcelanas”. No entanto, as informações trazidas pelas fichas são incompletas, se resumindo diversas vezes na Denominação do objeto e o Número de Registro.

A documentação encontrada se mostrou pouco eficaz para a identificação das peças. Neste sentido, propomos um inventário que trouxesse maiores informações, descrições e fotografias dos objetos, com intuito de tornar sua identificação mais clara. Foram inventariados 15 Ferros de Passar, 6 Máquinas de Contabilidade, 6 Máquinas de Costura, 10 máquinas de escrever e 105 Porcelanas.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| O QUE É MUSEU?..... | 01 |
| MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL..... | 04 |
| INVENTÁRIO DE FERROS DE PASSAR..... | 06 |
| INVENTÁRIO DE MÁQUINAS DE CONTABILIDADE..... | 15 |
| INVENTÁRIO DE MÁQUINAS DE COSTURA..... | 18 |
| INVENTÁRIO DE MÁQUINAS DE ESCREVER..... | 21 |
| INVENTÁRIO DE PORCELANAS..... | 30 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 104 |
| LEGISLAÇÃO..... | 104 |
| FONTES..... | 105 |

O QUE É MUSEU?

A palavra museu surgiu a partir do termo grego *mouseion*, que significa Templo das Musas. De acordo com a mitologia grega, as Musas eram filhas de Mnemosine (deusa da memória) e Zeus. As Musas possuíam o domínio da memória, uma fértil imaginação e através de suas danças, canções e narrativas, abrandavam as angústias e pesares dos homens.³ O *mouseion* da Grécia Antiga era uma combinação de Templo com instituição de pesquisa, por ser um local reservado às ciências e às artes em suas diversas formas de manifestação.

A concepção de museu sofreu inúmeras transformações ao longo dos séculos e, conseqüentemente, adquiriu diferentes sentidos. Para Marlene Suano⁴, o termo museu associado ao Templo das Musas diz mais a respeito do deleite dos deuses em detrimento do dos homens. Diferente, por exemplo, do *mouseion* da Alexandria, no Egito do século II a.C., onde esses espaços eram utilizados para discussões relacionadas ao saber enciclopédico, abordando, deste modo, assuntos relacionados à filosofia, religião, astronomia, zoologia, entre outras áreas de conhecimento.

Durante a Idade Média, pouco falava-se sobre museus. O termo reapareceu em meados do século XV, contexto em que o colecionismo difundiu-se na Europa. De acordo com Leticia Julião, “nesse período, o homem vivia uma verdadeira revolução do olhar, resultado do espírito científico e humanista do Renascimento e da expansão marítima, que revelou à Europa um novo mundo.⁵” As coleções focadas em objetos peculiares deram origem aos Gabinetes de Curiosidade, aprimoraram-se ao longo do tempo voltando-se para a pesquisa, deixando de suprir apenas uma demanda curiosa. Estes Gabinetes não eram abertas ao público, estando somente à disposição de seus proprietários ou de quem estes autorizassem, tornando-se abertas ao público somente no século XVIII. Assim, as coleções constituídas entre os séculos XV e XVIII deram origem aos museus.⁶

³ SUANO, Marlene. **O que é Museu**. Coleção Primeiros Passos. Brasiliense. 1986.

⁴ **Idem**

⁵ JULIÃO, Leticia. Apontamentos sobre a história do museu. In: **CADERNO de diretrizes museológicas**. 1. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006. 2º. Edição.

⁶ **Ibid.**p.18

No Brasil, os primeiros museus surgiram no século XIX, a partir dos esforços de D. João VI, que criou em 1818 o Museu Real, “cujo acervo inicial se compunha de uma pequena coleção de história natural doada pelo monarca.”⁷

Atualmente, segundo o Conselho Internacional de Museus (ICOM), os museus são instituições sem fins lucrativos, permanente, à disposição da sociedade de seu desenvolvimento “aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.”⁸

Através da Lei Federal nº 11.906 de 20 de janeiro de 2009 fora institucionalizado o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), que compreende enquanto instituições museológicas os centros com fins culturais voltados para práticas sociais, que contribuem com o desenvolvimento da sociedade e dispõem de acervos e exposições que sejam abertas ao público, que tem objetivo colaborar com as “possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade cultural brasileira, o estímulo à produção do conhecimento e à produção de novas oportunidades de lazer”⁹.

De acordo com o IBRAM, as principais características dos museus são sua vocação para a comunicação, o desenvolvimento de projetos, programas e ações que tenham o patrimônio cultural enquanto instrumento educacional de inclusão social e o engajamento com a gestão democrática e participativa.

Quanto aos princípios dos museus, o Art. 2º da Lei Federal nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009¹⁰, aborda que consistem na valorização da integridade humana, a difusão da cidadania, no desempenho da função social, no reconhecimento e preservação do patrimônio cultural e ambiental, na universalidade do acesso, respeito e a valorização da pluralidade cultural e ainda, na troca de experiência entre instituições¹⁰.

O Museu Histórico Municipal fora institucionalizado em 1959. De acordo com seu Regimento Interno aprovado pela Resolução nº02/83, seus fins consistem em

⁷ Cf. JULIÃO, Leticia. **Op.Cit** p.3, .p.19.

⁸ INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. Portugal. **Museu [Definição]**. [20--]. s.d. <Disponível em: <https://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu/> >. Acesso em: 1 jun. 2020.

⁹ BRASIL. **Lei nº 11.906 de 20 de janeiro de 2009**, Cria o Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, cria 425 (quatrocentos e vinte e cinco) cargos efetivos do Plano Especial de Cargos da Cultura, cria Cargos em Comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS e Funções Gratificadas, no âmbito do Poder Executivo Federal, e dá outras providências. <Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Lei/L11906.htm > Acesso em: 1 de junho de 2020.

¹⁰ BRASIL. **Lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009**, Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências.<Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm> Acesso em: 1 de junho de 2020.

catalogar, recolher e conservar objetos de uso doméstico ou coletivo cuja preservação seja relevante para que as gerações futuras conheçam a história de Carangola. Este Museu possui registro no IBRAM, cujo código de inscrição é 965.27.2965 e seu número de identificação junto ao Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais (SNII) é ES-9388. A seguir, abordamos um breve histórico desta instituição.

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL

Os esforços no sentido de resgatar e expor objetos relacionados ao passado carangolense tiveram início durante a VIII Exposição Agropecuária no ano de 1952. Nesta ocasião, o então sargento instrutor do Tiro de Guerra de Carangola, José de Almeida Lima, organizou uma pequena mostra reunindo itens como objetos de porcelana da antiga Cia. Industrial Carangolense, troncos utilizados para castigar escravos, cartas patentes de oficial da Guarda Nacional e caixas de músicas dos primeiros carangolenses¹¹. Fora inaugurado um *Stand* de Antiguidades para exposição de “autênticas raridades em filatelia, numismática, *bric-a-bracs*, junto a peças de marfim, leques do Império, livros antigos, oferecendo um campo enorme para os entendidos em pintura e gravura antigas.¹²”

Ainda que quantitativamente exígua devido ao pequeno espaço cedido para realizar a exposição de antiguidades – uma vez que o pavilhão Antônio Marques era usado para exposições diversas –, esse esforço foi suficiente para despertar a curiosidade dos expectadores, segundo o jornal *Gazeta de Carangola*¹³. No final da década de 50, o Museu Histórico Municipal foi institucionalizado pelo artigo 4º da Lei municipal nº205 de 1959 que previa a sua criação enquanto seção independente, mas anexa ao Arquivo Histórico Geográfico Municipal.

No decorrer de 61 anos de história, o Museu já esteve em diversas partes da cidade. Nos anos 60, seu primeiro endereço fora abaixo da arquibancada do atual Estádio Municipal Roseny Soares¹⁴. No entanto, o Museu fora fechado no fim desta década, tendo sido realocado no fundo da Biblioteca Municipal nos anos 70, ao fim da década o Museu novamente fora desativado. Tendo a proximidade da comemoração do centenário da emancipação política de Carangola, os projetos para reinaugar o Museu foram retomados. Em 1982 o Museu fora instalado em uma sede provisória no prédio da antiga companhia de energia que atendia o município, a Cia. Brasileira de *Transways*.

¹¹ REGISTROU um notável acontecimento a 8º Exposição Agro-pecuária e Industrial. **Gazeta de Carangola**. Carangola, p. 1-6. 2 ago. 1952.

¹² DIA 20 de julho – Às 14 horas, Início da 8ª Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Carangola. **Folha da Mata**. Carangola, p. 1-8. 17 jul. 1952.

¹³ IDEIA para um Museu em Carangola. **Gazeta de Carangola**. Carangola, p. 1-8. 21 fev. 1976.

¹⁴ Na época o estádio chamava-se Estádio Municipal 7 de janeiro

Ao longo dos anos 80 o Museu fora aberto e fechado uma série de vezes e no início dos anos 90 fora transferido para o prédio ao lado da antiga sede provisória, nesta década o Museu encerrou e retomou suas atividades mais uma vez. Nos anos 2000 o Museu fora novamente realocado, a partir de 2007 seu endereço foi o prédio da antiga fábrica de laticínios Barbosa & Marques. Todavia, suas atividades foram interrompidas em 2016, ano em que fora interditado pelo Ministério Público em razão de irregularidades em suas instalações. Em 2020, em decorrência das enchentes que afetaram a cidade, seu acervo também foi atingido. Por conta disto, o Museu fora transferido para uma nova sede provisória, um galpão localizado à Rua Coronel Olímpio Machado. Atualmente, o Museu não possui uma sede própria e seu futuro endereço está em discussão.

Em razão de suas inúmeras (re)alocações, o acervo do Museu esteve sujeito a perdas e ganhos que apenas são mensuráveis a partir de inventários e catalogações. No entanto, a Documentação do acervo não fora atualizada no decorrer destas mudanças, os registros que possuímos são fichas catalográficas que estão incompletas e sequer informam o ano em que foram feitas. Neste trabalho demos início ao processo de inventário do acervo do Museu Histórico Municipal, tendo como base os poucos registros feitos anteriormente. Buscamos atualizar as informações existentes e elaboramos os registros das peças que não foram catalogadas ou inventariadas.

INVENTÁRIO DE FERROS DE PASSAR DO MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL

CARANGOLA – 2020

FERROS DE PASSAR

Número de registro: MHM.FERDEPAS.0001

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Ferro de passar

Autor: Faet

Resumo descritivo:

Ferro elétrico, possui uma alça madeira na cor marrom, cuja extremidade esquerda encontra-se danificada. Ainda na alça, existem três segmentos na cor preta em baixo-relevo que contornam seu centro. A alça deste item possui uma estrutura metálica que a fixa ao objeto através dois protuberantes parafusos arredondados. Este objeto na cor cinza, possui ranhuras, manchas e marcas de oxidação em toda a sua estrutura. Na foto, à esquerda do objeto há um plugue com dois pinos.

Dimensões:

Altura: 14,5 cm

Largura: 25,8 cm

Profundidade: 10,9 cm

Material/técnica: Ferro e madeira

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.FERDEPAS.0002

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Ferro de passar

Autor: Faet

Resumo descritivo:

Ferro elétrico de cor cinza, possui uma alça preta com profundidade nas laterais de sua extremidade esquerda, além de dois segmentos horizontais em baixo-relevo. Este objeto possui uma estrutura metálica de benjamim (à esquerda da imagem), e um suporte de metal para colocá-lo em pé (localizado entre a base da peça e o benjamim). A alça está fixada a este item através de dois protuberantes parafusos arredondados.

Dimensões:

Altura: 14 cm

Largura: 20,9 cm

Profundidade: 10 cm

Material/técnica: Ferro e madeira

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



FERROS DE PASSAR



Número de registro: MHM.FERDEPAS.0003

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Ferro de passar

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Ferro elétrico na cor preta, possui uma alça marrom de madeira e um suporte circular anexo a ela. A alça está fixada à base da peça por dois protuberantes parafusos arredondados. À esquerda deste item existe uma estrutura metálica de benjamin. Existem desgastes na pintura da base desta peça

Dimensões:

Altura: 13 cm

Largura: 16,7 cm

Profundidade: 9cm

Material/técnica: Ferro e madeira

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.FERDEPAS.0004

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Ferro de passar

Autor: New York

Resumo descritivo:

Ferro de passar roupas cuja pintura na cor preta encontra-se danificada, deixando aparente a cor cinza de sua estrutura metálica. Este item possui dois pinos de plugues danificados e uma alça de madeira lisa, na cor marrom, fixada à base do objeto por dois parafusos. Neste objeto existem sujeiras e marcas de oxidação.

Dimensões:

Altura: 12 cm

Largura: 15,7cm

Profundidade: 9,1 cm

Material/técnica: Ferro e Madeira

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições

FERROS DE PASSAR



Número de registro: MHM.FERDEPAS.0005

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Ferro de passar

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Ferro elétrico de estrutura metálica cinza, possui uma alça de madeira na cor preta que apresenta profundidades entre o centro e as extremidades, a alça possui um suporte metálico e está fixada à base da peça através de dois protuberantes parafusos arredondados. Em toda a estrutura deste item existem marcas de oxidação. À sua direita existem dois plugues, ambos encontram-se quebrados, estando um deles solto.

Dimensões:

Altura: 16 cm

Largura: 22,7 cm

Profundidade: 9,9 cm

Material/técnica: Ferro e madeira

Estado de Conservação: Ruim

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.FERDEPAS.0006

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Ferro de passar

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Ferro elétrico, possui uma alça na cor marrom com tom avermelhado, que apresenta um detalhe de côncavo próximo à extremidade esquerda e uma sutil inclinação para cima. A alça está fixada a este item por dois protuberantes parafusos arredondados. À esquerda desta peça existe uma estrutura metálica de benjamin. Em toda a peça existem ranhuras e marcas de oxidação.

Dimensões:

Altura: 13,5 cm

Largura: 17,8 cm

Profundidade: 10,6 cm

Material/técnica: Ferro e madeira

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

FERROS DE PASSAR



Número de registro: MHM.FERDEPAS.0007.1

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Ferro de passar roupas

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Ferro elétrico cuja alça possui a base na cor preta com um suporte para manuseio com quatro pequenas cavidades, e uma superfície bege. A alça desta peça está fixada à base por dois protuberantes parafusos arredondados. Este item encontra-se com manchas, sujeiras e marcas de oxidação. Na lateral esquerda existe um benjamin metálico com uma extensão conectada.

Dimensões:

Altura: 12,5 cm

Largura: 18,5 cm

Profundidade: 10,8 cm

Material/técnica: Ferro e plástico

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições

Número de registro: MHM.FERDEPAS.0007.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Extensão

Autor: Eternit

Resumo descritivo:

Extensão revestida por tecido preto, cujos fios internos são na cor marsala. A extensão apresenta um benjamim redondo, na cor marrom e uma tomada retangular feita de porcelana, na cor branca com arestas arredondadas (a tomada está conectada à peça 0007.1).

Dimensões:

Altura: 3 cm

Largura: 63 cm

Profundidade: 2 cm

Material/técnica: Tecido, plástico e cobre

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições

FERROS DE PASSAR



Número de registro: MHM.FERDEPAS.0008

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Ferro de passar

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Ferro elétrico, possui uma alça de madeira na cor marrom que apresenta profundidades entre o centro e as extremidades. A alça está fixada à base do ferro por dois parafusos protuberantes. Em toda a peça existem manchas, sujeiras e marcas de oxidação. Na lateral esquerda deste item há uma estrutura com dois plugues oxidados.

Dimensões:

Altura: 14,5 cm

Largura: 17,8 cm

Profundidade: 10,3 cm

Material/técnica: Ferro e madeira

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.FERDEPAS.0009

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Ferro de passar

Autor: Tupy

Resumo descritivo:

Ferro elétrico, possui uma alça de madeira vermelha, suportada por uma estrutura de metal, onde encontra-se gravadas a marca "Tupy", a voltagem de 220 a 240v sua potência de 450w. A alça se prende à base do ferro por dois parafusos protuberantes. Na extremidade esquerda da alça existe uma sutil curvatura para cima, onde apresenta uma mancha de cor preta. Na lateral direita deste objeto, existe um benjamin com estrutura metálica, cujos plugues estão oxidados. A peça possui ranhuras, marcas de oxidação na base, nos suportes da alça e em poucos pontos de sua superfície.

Dimensões:

Altura: 13 cm

Largura: 18,1 cm

Profundidade: 10,7 cm

Material/técnica: Ferro e madeira

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

FERROS DE PASSAR



Número de registro: MHM.FERDEPAS.0010

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Ferro de passar

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Ferro à brasa na cor cinza, possui uma chaminé alongada com abertura circular e uma alça de madeira com dois círculos contornados em suas extremidades e centro. A alça deste objeto está fixada entre a chaminé e um suporte de ferro na lateral esquerda. No fundo deste item há um tecido na cor verde.

Dimensões:

Altura: 18,1 cm

Largura: 18 cm

Profundidade: 10,1 cm

Material/técnica: Ferro e madeira

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.FERDEPAS.0011

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Ferro de passar

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Ferro à brasa, traz a inscrição "Dama" gravada em alto-relevo à sua direita, possui base de ferro e alça de madeira. Nas laterais da base deste item existem três aberturas em formato de meia-lua com profundidade. A tampa e a base deste objeto estão unidas por um cravo de ferro. Na base da tampa, existem três aberturas de cada lado. O suporte da alça é de ferro e possui pequenas saliências.

Dimensões:

Altura: 17,5 cm

Largura: 19,6 cm

Profundidade: 9,2 cm

Material/técnica: Ferro e madeira

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

FERROS DE PASSAR



Número de registro: MHM.FERDEPAS.0012

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Ferro de passar

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Ferro à brasa de cor preta, traz a inscrição "Fama" gravada em alto-relevo à sua direita, possui duas aberturas de meia-lua nas laterais e nas faces de sua ponta. Esta peça possui uma alça de madeira, onde existem pequenas aberturas laterais no local de encaixe com um suporte metálico, que por sua vez, possui detalhes de folhagem e no centro há uma elipse, ambos em alto-relevo. Nas arestas da tampa existem pequenas aberturas arredondadas que contornam toda a estrutura, com exceção da lateral direita, local que fixa a tampa à base deste objeto.

Dimensões:

Altura: 20,5 cm

Largura: 20,3 cm

Profundidade: 9,2 cm

Material/técnica: Ferro e madeira

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.FERDEPAS.0013

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Ferro de passar

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Ferro à brasa com chaminé arredondada, possui uma estrutura metálica de formato côncavo anexa à alça, onde traz um emblema com uma flor no centro, envolvida pela inscrição "Marca Registrada". A alça deste item é de madeira na cor preta e está fixada entre a chaminé e um suporte de ferro localizado à direita da tampa. A tampa e a base deste objeto se unem através de um cravo de ferro. Na parte superior esquerda da superfície da tampa, está gravado o número "4" em alto-relevo.

Dimensões:

Altura: 19,5 cm

Largura: 19 cm

Profundidade: 10,5 cm

Material/técnica: Ferro e madeira

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

FERROS DE PASSAR



Número de registro: MHM.FERDEPAS.0014

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Ferro de passar

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Ferro à brasa na cor preta, com chaminé arredondada. Sua alça é fixada entre a chaminé e um suporte metálico à direita da tampa, cuja superfície possui marcas de barro. A alça deste item está danificada no lado esquerdo, anexa a sua alça existe um suporte metálico côncavo com uma inscrição em alto-relevo ilegível.

Dimensões:

Altura: 18,7 cm

Largura: 19 cm

Profundidade: 9,8 cm

Material/técnica: Ferro e madeira

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.FERDEPAS.0015

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Ferro de passar

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Ferro à brasa, possui uma chaminé com abertura retangular, cuja superfície traz uma estampa em alto-relevo de "Marca Registrada". A peça possui uma estrutura metálica anexada abaixo da alça que traz a inscrição de Marca Registrada dentro de dois círculos, com uma flor de 5 pontas no centro. Sua alça é feita de madeira, possui três círculos que contornam seu centro em baixo-relevo e está fixada na peça entre a chaminé e uma estrutura metálica da tampa. Na base deste item existem marcas de oxidação e a lateral direita de sua alça está danificada.

Dimensões:

Altura: 23,5 cm

Largura: 29 cm

Profundidade: 12,5 cm

Material/técnica: Ferro e madeira

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições

INVENTÁRIO DE MÁQUINAS DE CONTABILIDADE DO MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL

CARANGOLA – 2020

MÁQUINAS DE CONTABILIDADE

Número de registro: MHM.MAQCONT.0001

Outros números: 189 MG

Situação: 1

Denominação: Caixa Registradora

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Objeto cuja coloração apresenta tons marrons, possui em sua base uma gaveta de madeira com seis divisórias, sendo cinco para moedas e uma para cédulas. No visor localizado no topo da máquina, lê-se “dinheiro”, indicado por uma seta, amos com letras na cor branca. Logo abaixo deste visor, a máquina traz a letra “b” e um espaço para discriminar a quantidade de cruzeiros, indicando 448 do lado esquerdo e 500 do direito. Possui nove botões arredondados onde lê-se “A”, “B”, “D”, “E”, “H”, “Sem Cupom” (botão afundado), “Rec. por Conta”, “Fiado” e “Despesas”. Na peça, em uma faixa metálica existem três engrenagens marcando “111” em “Recebimento por Conta”, “299” em “Fiado” e “555” em “Despesas”. À direita da caixa existe uma manivela de madeira. Neste item existem marcas de oxidação, sujeira e o fundo está solto.

Dimensões:

Altura: 57 cm

Largura: 60,6 cm

Profundidade: 42 cm

Material/técnica: Ferro e madeira

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.MAQCONT.0002

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Caixa Registradora

Autor: National

Resumo descritivo:

Objeto de coloração marrom, com um pequeno tampo de mármore branco. Traz em seu visor uma sequência de três zeros. Nesta peça, existem as seguintes sequências de botões (da esquerda para direita, verticalmente): “A”, “B”, “D”, “E”, “H”, “K”, “L”, “M” e “N”; “I”, “II”, “III”, “Troco” (botão alaranjado), “Dinheiro” (botão branco), “Recebido por conta” (botão amarelo) “Fiado” (botão vermelho), “Despesas” (botão verde), “Devol.” (botão amarelo). Em seguida, há botões vermelhos que seguem do número 1 ao 9 (estando o número 6 pressionado). Ao lado, há botões que seguem de cem em cem, do 100 ao 900 (neste segmento, o número 300 encontra-se pressionado), e de dez em dez, do 10 ao 90. A superfície de todos os botões é revestida de acrílico. A peça está sem gaveta, apresenta manchas, sujeiras e marcas de oxidação.

Dimensões:

Altura: 57 cm

Largura: 48 cm

Profundidade: 38 cm

Material/técnica: Ferro, acrílico e mármore

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições



MÁQUINAS DE CONTABILIDADE



Número de registro: MHM.MAQCONT.0003

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Máquina de contabilidade

Autor: Facit

Resumo descritivo:

Máquina na cor marrom, possui botões pretos e marrons. Os botões marrons trazem setas para a direita e para a esquerda. No centro da peça, existem duas fileiras com teclas na cor preta, constando, na sequência superior: “2”, “4”, “5”, “7” e “9”; e, na inferior: “1”, “3”, “0”, “6” e “8”. Na lateral direita deste item existe uma manivela com invólucro preto, enquanto em sua lateral esquerda, há um pequeno suporte metálico.

Dimensões:

Altura: 14,8 cm

Largura: 23 cm

Profundidade: 21 cm

Material/técnica: Ferro e plástico

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.MAQCONT.0004

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Máquina de contabilidade

Autor: Olivetti

Resumo descritivo:

Máquina ContabilexLTDA, na cor cinza, possui botões azuis, brancos, cinzas e pretos, de formatos circulares, quadriculados e retangulares. Os botões redondos estão enumerados de 1 a 9 dispostos da seguinte maneira: de cima para baixo, da direita para a esquerda, a primeira sequência corresponde a “9”, “8”, “7”; a segunda sequência traz “6”, “5”, “4”; e, a terceira, “3”, “2” e “1”. Os botões quadrados apresentam uma, duas e três vírgulas, setas para a direita, esquerda e para cima, as letras “N”, “R”. Os botões retangulares apresentam os sinais “+”, “-”, “*”, uma seta para a direita e uma barra de espaço. Neste item existe um pequeno visor de acrílico, localizado à sua esquerda, em um suporte para encaixe e manuseio de papel. Na pintura deste objeto existem ranhuras e desgastes, sujeiras e pequenas marcas de oxidação.

Dimensões:

Altura: 32 cm

Largura: 59 cm

Profundidade: 56 cm

Material/técnica: Ferro, plástico e acrílico.

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

MÁQUINAS DE CONTABILIDADE



Número de registro: MHM.MAQCONT.0005

Outros números: Não consta.

Situação: 1

Denominação: Máquina de contabilidade

Autor: Burroughs

Resumo descritivo:

Máquina na cor bege, possui botões quadrados nas cores marrom, branca e azul. Possui um repositório de tinta e três chaves ao lado esquerdo, amarradas por barbante e cliques de papel. No letreiro, lê-se o número 1705. Há dez fileiras de botões em sequência, do número 1 ao 9 (de baixo para cima), intercalados (da esquerda para a direita) em: duas fileiras com botões marrons, seguidos por três fileiras de botões brancos, em seguida, três de botões marrons e por fim, dois segmentos de botões brancos. Ao lado direito, lê-se nos botões (de cima para baixo): "TOT REC" (botão preto), "TOT PAG" (botão marrom), "#1", "REC" (botão azul) "PAG" e "E". Os números "6", "7", "8" e "9" da quarta fileira, e o número "1" da décima fileira estão pressionados. No topo da máquina existe um pequeno rolo de papel, que representa as notas emitidas por ela. Este item encontra-se sujo e com marcas de oxidação.

Dimensões:

Altura: 25 cm

Largura: 34 cm

Profundidade: 33 cm

Material/técnica: Ferro, acrílico, tecido e papel

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.MAQCONT.0006

Outros números: Não consta.

Situação: 1

Denominação: Máquina de contabilidade

Autor: Olivetti

Resumo descritivo:

Máquina azul, possui botões quadrados e acinzentados com números de 1 à 9, agrupados de três em três, cujos números da base correspondem à: "1", "2", "3"; em seguida, "4", "5" e "6"; e, na primeira fileira "7", "8" e "9". Também existem na máquina botões pretos, com os algarismos " , " (botão retangular), " , " e " , , ". Próximo aos botões, do lado esquerdo, existe uma abertura com um botão e a letra "C" no topo. Na máquina há um círculo com uma seta para a esquerda, um asterisco no topo e um sinal de subtração à esquerda. Ao lado, há uma trava metálica. À direita deste item existe uma pequena manivela com invólucro preto. Na traseira da peça há um pequeno rolo de papel branco simulando as notas emitidas pela máquina.

Dimensões:

Altura: 13,5 cm

Largura: 22,5 cm

Profundidade: 28 cm

Material/técnica: Ferro e papel

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

INVENTÁRIO DE MÁQUINAS DE COSTURA DO MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL

CARANGOLA - 2020

MÁQUINAS DE COSTURA



Número de registro: MHM.MAQCOST.0001

Outros números: 205-36 23851

Situação: 1

Denominação: Máquina de Costura

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Objeto de cor preta, possui estrutura de ferro e tampo de madeira, onde encontra-se a máquina propriamente dita e um suporte para linhas que está quebrado. A máquina possui um pedal retangular com vários losangos, e nas laterais de seus pés existem dois grandes círculos. Do lado direito do tampo desta peça existem duas perfurações. Em toda estrutura metálica deste objeto existem marcas de oxidação.

Dimensões:

Altura: 1,33 m

Largura: 1 m

Profundidade: 50 cm

Material/técnica: Ferro e madeira

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.MAQCOST.0002

Outros números: Não consta.

Situação: 1

Denominação: Máquina de Costura

Autor: Dietrich Vesta

Resumo descritivo:

Máquina manual, de cor preta, possui um suporte de madeira, onde existem pequenos quadrados em alto-relevo, além de uma estrutura metálica que traz a inscrição "Fabricação Original Dietrich=Vesta." Na máquina existe um suporte para linhas e está escrito "Vestinha" em letras brancas, cuja pintura está gasta. Todas as estampas florais que existem na peça estão desgastadas e em toda a sua estrutura metálica existem marcas de oxidação. Este item possui um suporte para linhas e uma manivela branca de porcelana que encontra-se quebrada. No local onde ficam as engrenagens da máquina, há uma profundidade na madeira perfazendo uma meia-lua.

Dimensões:

Altura: 24,5 cm

Largura: 43 cm

Profundidade: 20 cm

Material/técnica: Ferro e madeira.

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições

MÁQUINAS DE COSTURA

Número de registro: MHM.MAQCOST.0003

Outros números: 105 MG e 93

Situação: 1

Denominação: Máquina de Costura

Autor: Clemens Müller Dresden Trademark

Resumo descritivo:

Máquina manual, de cor preta, com uma pequena manivela de madeira à sua direita, possui ondeamentos nas extremidades de sua base, além de detalhes florais em alto-relevo, traz ainda o logotipo de sua marca em alto-relevo, gravado em seu lado direito. Nesta peça existem marcas de oxidação e manchas amareladas.

Dimensões:

Altura: 23,5 cm

Largura: 37 cm

Profundidade: 20 cm

Material/técnica: Ferro

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.MAQCOST.0004

Outros números: 187 MG

Situação: 1

Denominação: Máquina de Costura

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Máquina manual, de cor preta, fixada em um suporte de madeira que encontra-se quebrado. Na máquina existem dois suportes para linhas e uma pequena manivela sem invólucro. Nesta peça existem ranhuras e marcas de oxidação. Em sua lateral direita, existe um grande círculo prateado com marcas de oxidação que envolvem as engrenagens da peça. Neste local, há uma profundidade de formato côncavo.

Dimensões:

Altura: 22,5 cm

Largura: 42 cm

Profundidade: 21,5 cm

Material/técnica: Ferro e madeira

Estado de Conservação: Ruim

Condições de reprodução: Sem restrições



MÁQUINAS DE COSTURA

Número de registro: MHM.MAQCOST.0005

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Máquina de Costura

Autor: Clemens Müller Dresden Trademark

Resumo descritivo:

Máquina manual, de cor preta, possui um suporte de madeira com pequenos quadrados pontilhados em alto-relevo, e encontra-se quebrado. A máquina está fixada a esta estrutura apenas por um parafuso em sua base de ferro, cujas bordas são onduladas. O objeto possui uma manivela na cor branca, localizada na lateral direita em uma estrutura circular. Em toda a peça existem sujeiras e marcas de oxidação.

Dimensões:

Altura: 22,5 cm

Largura: 46 cm

Profundidade: 22,5 cm

Material/técnica: Ferro e madeira

Estado de Conservação: Ruim

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.MAQCOST.0006

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Roca de tear

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Objeto de madeira com base de formato triangular, possui três pés arredondados, cada um destes com detalhes em baixo-relevo gravados no começo de sua estrutura. Esta peça possui uma grande roda com quatro raios de madeira, uma correia preta (que está solta). Os pés apresentam desgastes e pequenos furos na madeira.

Dimensões:

Altura: 85 cm

Largura: 10 cm

Profundidade: 48 cm

Material/técnica: Madeira

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



INVENTÁRIO DE MÁQUINAS DE ESCREVER DO MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL

CARANGOLA – 2020

MÁQUINAS DE ESCREVER



Número de registro: MHM.MAQESC.0001.1

Outros números: Não consta.

Situação: 1

Denominação: Máquina de escrever

Autor: Mignon

Resumo descritivo:

Máquina de cor preta, apresenta desgastes na pintura da estrutura metálica onde sua marca está inscrita. A máquina traz em um teclado com visor amarelado, o alfabeto em letras maiúsculas, instruções de uso em pequenas letras vermelhas, além dos símbolos "=", "&", "-", "?", "x", "/", "%", "\$", "~", "!" e dos números "1", "2", "3", "4", "5", "6", "7", "8", "9", estando os símbolos e números em círculos brancos, e as letras em círculos pretos. Há uma agulha com um pequeno cilindro com símbolos em alto-relevo. No suporte para encaixe e manuseio desta peça existe uma pequena régua. Todas as partes metálicas desta peça apresentam marcas de oxidação.

Dimensões:

Altura: 18 cm

Largura: 37 cm

Profundidade: 22,5 cm

Material/técnica: Ferro, papel e acrílico

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições

Número de registro: MHM.MAQESC.0001.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Teclado

Autor: Mignon

Resumo descritivo:

Placa com estrutura metálica, possui em sua superfície um teclado com letras maiúsculas em círculos pretos sobre um fundo branco (à esquerda), e letras minúsculas brancas sobre fundo preto (à direita). Este item encontra-se amarelado, com as bordas oxidadas e o centro de seu visor está quebrado.

Dimensões:

Altura: 9,5 cm

Largura: 13,3 cm

Profundidade: 8,3 cm

Material/técnica: Ferro, papel e acrílico

Estado de Conservação: Ruim

Condições de reprodução: Sem restrições

MÁQUINAS DE ESCREVER

Número de registro: MHM.MAQESC.0001.3

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Teclado

Autor: Mignon

Resumo descritivo:

Placa com estrutura metálica, possui em seu centro um teclado com letras minúsculas sobre círculos brancos e fundo preto (à esquerda), e letras minúsculas na cor preta sobre fundo branco (à direita). Este item encontra-se amarelado, o centro de seu invólucro está quebrado e as bordas de sua estrutura metálica encontram-se oxidadas.

Dimensões:

Altura: 9,5 cm

Largura: 13,3 cm

Profundidade: 8,3 cm

Material/técnica: Ferro, papel e acrílico

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições

Número de registro: MHM.MAQESC.0001.4

Número antigo: 115.3

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Teclado

Autor: Mignon

Resumo descritivo:

Placa com estrutura metálica, possui em seu centro um teclado com letras maiúsculas sobre círculo branco e fundo preto (à esquerda), letras minúsculas na cor preta sobre fundo branco (à direita). O visor deste item encontra-se amarelado e as bordas de sua estrutura apresentam marcas de oxidação.

Dimensões:

Altura: 9,5 cm

Largura: 13,3 cm

Profundidade: 8,3 cm

Material/técnica: Ferro, papel e acrílico

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

MÁQUINAS DE ESCREVER



Número de registro: MHM.MAQESC.0002

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Máquina de escrever

Autor: Royal

Resumo descritivo:

Máquina Quiet de Luxe, de cor preta, possui botões redondos de cor preta, cujo alfabeto, números e sinais de pontuação, estão gravados em letras brancas. Em seu teclado existem dois botões retangulares escrito “shift freedom” e um extenso botão de espaçamento. A base dos botões são de ferro e suas superfícies possuem revestimento de acrílico. Ademais, a letra “k” está pressionada. Este objeto possui uma fita de tinta bicolor (com as cores preta e vermelha), um local para encaixe, suporte e manuseio de papel, uma pequena régua. A máquina apresenta marcas de oxidação no contorno prateado de seu tampo e encontra-se suja.

Dimensões:

Altura: 14,6 cm

Largura: 33 cm

Profundidade: 28 cm

Material/técnica: Ferro, acrílico e tecido

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.MAQESC.0003

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Máquina de escrever

Autor: Olivetti

Resumo descritivo:

Máquina Linea 88 de cor marfim, possui teclas marrons e letras brancas. Nas extremidades do mecanismo que movimenta o papel existe um revestimento na cor marrom. Este objeto possui uma fita de tinta bicolor (com as cores preta e vermelha) e um local para encaixe, suporte e manuseio de papel.

Dimensões:

Altura: 19 cm

Largura: 55 cm

Profundidade: 42,5 cm

Material/técnica: Ferro e plástico

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

MÁQUINAS DE ESCREVER



Número de registro: MHM.MAQESC.0004

Outros números: Não consta.

Situação: 1

Denominação: Máquina de escrever

Autor: Olivetti

Resumo descritivo:

Máquina “Linha Profissional” de cor cinza, possui botões arredondados na cor cinza que trazem o alfabeto, números, sinais de pontuação, espaçamento e caracteres com funções adicionais, em fonte preta. Esta máquina possui uma fita de tinta bicolor (preta e vermelha), duas régua no local para encaixe, suporte e manuseio do papel. A pintura deste item está danificada em suas extremidades existem manchas amareladas

Dimensões:

Altura: 19 cm

Largura: 56 cm

Profundidade: 43 cm

Material/técnica: Ferro, plástico e tecido

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.MAQESC.0005.1

Outros números: Não consta.

Situação: 1

Denominação: Máquina de escrever

Autor: Remington

Resumo descritivo:

Máquina “15”, nas cores bege e preta, possui botões quadrados com o alfabeto, sinais de pontuação e símbolos, todos estes na cor preta com fonte branca. Traz no centro de sua base um longo botão de espaçamento. Na peça há uma fita de tinta preta, uma régua e um local para encaixe, suporte e manuseio do papel.

Dimensões:

Altura: 15 cm

Largura: 34 cm

Profundidade: 32,5 cm

Material/técnica: Ferro, plástico e tecido

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

MÁQUINAS DE ESCREVER

Número de registro: MHM.MAQESC.0005.2

Outros números: Não consta.

Situação: 1

Denominação: Tampa

Autor: Remington

Resumo descritivo:

Tampa na cor preta e superfície áspera, possui dois botões quadrados de cor branca e uma alça projetada para o interior da peça.

Dimensões:

Altura: 9 cm

Largura: 32 cm

Profundidade: 32,5 cm

Material/técnica: Ferro e plástico

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.MAQESC.0006.1

Número antigo: 121

Outros números: Não consta.

Situação: 1

Denominação: Máquina de escrever

Autor: Olivetti

Resumo descritivo:

Máquina “Lettera 82” na cor verde, apresenta botões com letras pretas impressas sobre teclas cinzas. Seus botões são quadrulares com vértices arredondados, existem ainda dois botões sem inscrição do lado esquerdo (que estão pressionados). Na base deste item, há uma barra de espaço. Esta máquina possui uma fita de tinta bicolor (preta e vermelha), uma régua e local para encaixe, suporte e manuseio de papel.

Dimensões:

Altura: 10,5 cm

Largura: 34 cm

Profundidade: 28,5 cm

Material/técnica: Ferro, plástico e tecido

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

MÁQUINAS DE ESCREVER

Número de registro: MHM.MAQESC.0006.2

Outros números: Não consta.

Situação: 1

Denominação: Tampa

Autor: Olivetti

Resumo descritivo:

Tampa na cor verde, possui a superfície áspera, possui dois botões redondos e uma alça para transporte e manuseio, ambos de cor preta.

Dimensões:

Altura: 6,5 cm

Largura: 31 cm

Profundidade: 35,5 cm

Material/técnica: Plástico

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.MAQESC.0007

Outros números: Não consta.

Situação: 1

Denominação: Máquina de escrever

Autor: Remington

Resumo descritivo:

Máquina de cor cinza, possui teclas quadradas nas cores azul e verde, cujas letras, símbolos, números e sinais de pontuação são gravados em cor branca. No teclado da peça existe ainda uma longa barra pra espaçamento, localizada em sua base. O local para o suporte de papel encontra-se danificado e travado para a direita e a fita de tinta bicolor (cor preta e vermelha) encontra-se emaranhada. Em sua estrutura existem ranhuras, marcas oxidação e manchas de tinta branca na parte traseira.

Dimensões:

Altura: 24,5 cm

Largura: 63 cm

Profundidade: 35 cm

Material/técnica: Ferro, plástico e tecido

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições

MÁQUINAS DE ESCREVER

Número de registro: MHM.MAQESC.0008

Número antigo: 124

Outros números: Não consta.

Situação: 1

Denominação: Máquina de escrever

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Objeto na cor preta, possui botões redondos com teclas pretas e revestimento de acrílico, que trazem o alfabeto, sinais de pontuação, um botão de espaçamento e demais símbolos. No topo do teclado existem cinco botões redondos e prateados. Esta máquina possui uma fita de tinta bicolor (preta e vermelha), uma régua, local para encaixe, suporte e manuseio de papel. A peça encontra-se enferrujada, com manchas amareladas e poeira. A fita de tinta está suja e suas cores são quase imperceptíveis.

Dimensões:

Altura: 28 cm

Largura: 46 cm

Profundidade: 40 cm

Material/técnica: Ferro, acrílico e tecido

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.MAQESC.0009

Outros números: Não consta.

Situação: 1

Denominação: Máquina de escrever

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Máquina eletromecânica, na cor preta. Possui uma extensão localizada em sua lateral direita e a inscrição "Teletype" em alto-relevo fixada em uma etiqueta ao lado esquerdo de sua face. Este item possui três fileiras de botões arredondados, que encontram-se quebrados, deixando a cor branca de seu interior à mostra. Na face desta peça existem duas pequenas perfurações, uma circular, que deixa suas engrenagens à mostra e uma elíptica; e, uma grande abertura cujo visor não fora localizado. A máquina está suja e apresenta marcas de oxidação,

Dimensões:

Altura: 31 cm

Largura: 38 cm

Profundidade: 41 cm

Material/técnica: Ferro

Estado de Conservação: Ruim

Condições de reprodução: Sem restrições



MÁQUINAS DE ESCREVER



Número de registro: MHM.MAQESC.0010

Outros números: Não consta.

Situação: 1

Denominação: Máquina de escrever

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Objeto de cor cinza, possui suporte quadrado nas laterais e um retangular ao fundo. Esta peça possui botões quadrados em uma tonalidade de cinza claro e botões retangulares em cinza escuro. O suporte para papel encontra-se travado para o lado direito, pouco abaixo existe uma placa de identificação “Barbosa e Marques”. A parte traseira desta máquina está fixada por dois parafusos na parte superior, o restante da estrutura está solta. Este item encontra-se sujo, com marcas de oxidação, ranhuras na pintura e botões faltando.

Dimensões:

Altura: 99 cm

Largura: 94 cm

Profundidade: 66 cm

Material/técnica: Ferro e plástico

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições

INVENTÁRIO DE PORCELANAS DO MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL

CARANGOLA – 2020

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0001.1

Outros números: Não possui

Situação: 1

Denominação: Bule

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Miniatura de Bule, cuja cor branca é predominante em sua pintura, sendo sua alça e bico dourados. Ao redor deste item existem seis elipses, pequenos pontos e detalhes anelados, todos estes na cor dourada. A base e a borda do Bule possuem ondeamento, ambos contornados por uma fita dourada. A peça apresenta pequenas ranhuras nas partes douradas.

Dimensões:

Altura: 5 cm

Largura: 6 cm

Profundidade: 9 cm

Material/ técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de Reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.PRCL.0001.2

Outros números: Não possui

Situação: 1

Denominação: Tampa do bule

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Miniatura de formato cônico, cuja cor branca é predominante. Possui detalhes em profundidade, ondeamentos e pequenos círculos que contornam toda a sua estrutura. Em seu topo há um suporte para manuseio arredondado, todos estes na cor dourada.

Dimensões:

Altura: 4 cm

Largura: 2 cm

Profundidade: 2 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0002.1

Outros números: 30

Situação: 1

Denominação: Miniatura de Panela

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Miniatura de panela dourada com duas alças laterais, pequenos detalhes verticais em baixo-relevo em sua base. A peça apresenta ranhuras em toda sua estrutura.

Dimensões:

Altura: 2,5 cm

Largura: 6 cm

Profundidade: 4 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.PRCL.0002.2

Outros números: Não possui

Situação: 1

Denominação: Tampa da panela

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Miniatura de tampa na cor dourada, possui um pequeno puxador redondo em seu centro, apresenta desgastes em sua pintura que deixam sua estrutura branca à mostra, além de pequenas ranhuras.

Dimensões:

Diâmetro: 3,5 cm

Espessura: 1 mm

Peso: 8 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.

PORCELANAS



Número de registro: MHM.PRCL.0003.1

Outros números: Não possui

Situação: 1

Denominação: Bule

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Bule na cor branca, possui um pequeno bico quadrado e uma alça alongada com a base projetada para baixo. A peça possui trincas em toda sua estrutura, além de sujeira e ranhuras.

Dimensões:

Altura: 13,5 cm

Largura: 19 cm

Profundidade: 13 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições

Número de registro: MHM.PRCL.0003.2

Outros números: Não possui

Situação: 1

Denominação: Tampa do bule

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Peça na cor branca, possui tronco de cone e um puxador redondo em seu centro, cuja estrutura é projetada para o interior da peça.

Dimensões:

Diâmetro: 8,2 cm

Espessura: 0,5 cm

Peso: 290 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

PORCELANAS



Número de registro: MHM.PRCL.0004.1

Outros números: Não possui

Situação: 1

Denominação: Bule

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Peça lisa, na cor branca, cujo bico, alça e base possuem detalhes em alto-relevo. A extremidade do bico é sutilmente projetada para baixo e a estrutura de sua alça se assemelha a uma concha. Na base da peça há um ondamento com detalhes em alto-relevo que contorna toda sua estrutura.

Dimensões:

Altura: 11,4 cm

Largura: 25 cm

Profundidade: 18 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

Número de registro: MHM.PRCL.0004.2

Outros números: Não possui

Situação: 1

Denominação: Tampa do bule

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Objeto de formato cônico, na cor branca, apresenta detalhes com profundidade ao longo de sua base e topo, possui um suporte para manuseio arredondado localizado em seu topo. A base desta peça faz encaixe com o bule.

Dimensões:

Diâmetro: 7 cm

Espessura: 3 mm

Peso: 155 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

PORCELANAS



Número de registro: MHM.PRCL.0005.1

Outros números: 2/4/41

Situação: 1

Denominação: Bule

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Peça lisa, na cor branca, cujo bico alongado possui sutil inclinação para baixo. A base da alça deste objeto fora restaurada, no local existe uma pequena fissura. Ademais, a alça apresenta o detalhe de pequena protuberância pontiaguda na parte superior. Este item apresenta manchas amareladas e pequenas ranhuras.

Dimensões:

Altura: 10,1 cm

Largura: 25 cm

Profundidade: 16 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições

Número de registro: MHM.PRCL.0005.2

Outros números: Não possui

Situação: 1

Denominação: Tampa do bule

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Objeto redondo, liso, na cor branca, possui um suporte para manuseio localizado em seu centro. Na peça existem pequenas manchas e sujeiras.

Dimensões:

Diâmetro: 5,7 cm

Espessura: 0,5 cm

Peso: 63 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

PORCELANAS



Número de registro: MHM.PRCL.0006.1

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Porta condimentos

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Recipiente branco semelhante a um saco de estopa, traz em sua estrutura detalhes quadriculares em alto-relevo. A borda deste item apresenta ondeamento, como se estivesse sido amarrada pelo cordão em alto-relevo que a contorna. Acima do cordão existe uma fissura superficial. No centro deste objeto, há um retângulo que traz a inscrição "Pimenta" com letras na cor verde.

Dimensões:

Altura: 10,3 cm

Largura: 9,2 cm

Profundidade: 10 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

Número de registro: MHM.PRCL.0006.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Tampa do porta condimentos

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Tampa com detalhes que formam pequenos quadrados em dois tons de azul, sendo um mais claro que o outro. No centro da peça existe um puxador com uma pequena abertura. Este puxador já fora restaurado com cola "durepoxi", o que dá à tampa duas tonalidades diferentes e um acabamento rudimentar.

Dimensões:

Altura: 3,5 cm

Largura: 7 cm

Profundidade: 5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições

PORCELANAS



Número de registro: MHM.PRCL.0007.1

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Porta condimentos

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Recipiente branco, semelhante a um saco de estopa, cuja estrutura apresenta detalhes quadriculados em alto-relevo. A borda deste item é ondulada, como se estivesse sido amarrada pelo cordão em alto-relevo que a contorna. No centro deste objeto há um retângulo que traz a inscrição "Cravo", em letras na cor verde. Ademais, abaixo desta palavra existe uma pequena fissura superficial.

Dimensões:

Altura: 10,3 cm

Largura: 9,2 cm

Profundidade: 10 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

Número de registro: MHM.PRCL.0007.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Tampa do porta condimentos

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Tampa com detalhes quadriculados em dois tons de azul, sendo um mais claro que o outro. No centro da peça existe um puxador arredondado com uma pequena abertura.

Dimensões:

Altura: 3,5cm

Largura: 7cm

Profundidade: 5cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

PORCELANAS



Número de registro: MHM.PRCL.0008.1

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Porta condimentos

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Recipiente que se assemelha a um saco de estopa na cor branca, cuja estrutura apresenta detalhes quadriculados em alto-relevo. A borda deste item é ondulada, como se estivesse sido amarrada pelo cordão em alto-relevo que a contorna. No centro deste objeto há um retângulo que traz a inscrição "Orégano", em letras na cor verde. Ao redor da peça existem pequenas ranhuras

Dimensões:

Altura: 10,3 cm

Largura: 9,2 cm

Profundidade: 10 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

Número de registro: MHM.PRCL.0008.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Tampa do porta condimentos

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Tampa com detalhes quadriculados em dois tons de azul, sendo um mais claro que o outro. No centro da peça existe um puxador arredondado com uma pequena abertura.

Dimensões:

Altura: 3,5 cm

Largura: 7 cm

Profundidade: 5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0009.1

Outros números: 14

Situação: 1

Denominação: Bispote

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Recipiente branco arredondado, cuja borda traz antes de sua extremidade, uma leve profundidade esmaecida na cor verde. Nesta área existem fissuras, pequenos quebrados e ranhuras. Esta peça possui duas grandes flores azuis e ramos verdes surgindo do canto inferior direito em direção ao seu centro e uma alça pontiaguda com esmaecimento verde.

Dimensões:

Altura: 14,5 cm

Largura: 26 cm

Profundidade: 30 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.PRCL.0009.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Tampa do bispote

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Tampa branca, com estrutura de corpo de cone, possui um arranjo com duas flores azuis e galhos verdes. No centro desta peça existe um puxador branco que possui tonalidade verde esmaecida ao longo de toda sua estrutura.

Dimensões:

Altura: 14,5 cm

Largura: 26 cm

Profundidade: 30 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0010.1

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Xícara

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Objeto cuja cor branca é predominante em sua pintura, sendo sua alça dourada. Peça apresenta detalhes dourados em seu exterior, enquanto em seu interior existem resquícios de um revestimento dourado. A base deste item possui um ondeamento, contornado por uma faixa dourada.

Dimensões:

Altura: 2 cm

Largura: 4,5 cm

Profundidade: 3,5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.PRCL.0010.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Pires

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Objeto redondo, cuja cor branca é predominante. Apresenta ondeamento nas extremidades de sua borda contornada por uma faixa dourada, e próximo ao centro, detalhes dourados que se assemelham a parênteses que trazem círculos em seu interior. O centro desta peça é delimitado por uma faixa dourada.

Dimensões:

Altura: 2 cm

Largura: 4,5 cm

Profundidade: 3,5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0011.1

Outros números: 33

Situação: 1

Denominação: Xícara

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Esta miniatura de xícara possui a superfície lisa, o interior na cor branca e o exterior dourado, onde apresenta inúmeras ranhuras. Sua alça tem a estrutura retangular, cuja base é levemente projetada para baixo.

Dimensões:

Altura: 2,5 cm

Largura: 3,5 cm

Profundidade: 2,5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.PRCL.0011.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Pires

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Miniatura de pires com interior dourado e exterior branco, sua borda é contornada por um ondeamento e traz ainda traçados verticais em alto-relevo.

Dimensões:

Diâmetro: 3,5 cm

Espessura: 2 mm

Peso: 5 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

PORCELANAS



Número de registro: MHM.PRCL.0012.1

Outros números: 16

Situação: 1

Denominação: Xícara

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Peça em miniatura de superfície lisa, possui exterior dourado e interior branco. Sua alça tem a estrutura retangular, cuja base é levemente projetada para baixo. Este item apresenta pequenas ranhuras em toda sua estrutura.

Dimensões:

Altura: 2,5 cm

Largura: 3,5 cm

Profundidade: 2,5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

Número de registro: MHM.PRCL.0012.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Pires

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

A peça apresenta em seu exterior a cor branca e o interior na cor dourada, onde apresenta significativas ranhuras que deixam à mostra sua estrutura branca. Nas bordas deste pires, existem pequenas ondulações.

Dimensões:

Diâmetro: 3,5 cm

Espessura: 2 mm

Peso: 5 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0013.1

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Terrina

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Recipiente branco, arredondado com seis arranjos que distribuem-se em três na parte frontal: no canto esquerdo, no centro e no canto direito. Atrás, os mesmos arranjos compostos por flores rosas, amarelas e azuis com galhos verdes, são dispostos da mesma forma. A peça possui duas alças laterais com sutil curvatura para fora. As extremidades deste objeto são contornadas por uma fita dourada.

Dimensões:

Altura: 9 cm

Largura: 26,3 cm

Profundidade: 24 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.PRCL.0013.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Tampa da terrina

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Tampa da terrina na cor branca, possui dois arranjos compostos por flores rosas, amarelas e azuis com galhos verdes. No centro deste objeto existe um puxador elíptico com uma pequena protuberância em seu topo. Este item é contornado por uma faixa dourada em todas as suas extremidades.

Dimensões:

Diâmetro: 17 cm

Espessura: 3 mm

Peso: 507 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

PORCELANAS



Número de registro: MHM.PRCL.0014.1

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Bule

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Recipiente na cor branca, com formato arredondado, traz em seu centro um arranjo composto por três flores vermelhas com tons de rosa e branco, quatro flores amarelas e duas flores azuis. Todas as flores estão acompanhadas por galhos e folhagens verdes. Na borda deste objeto existe uma faixa dourada que contorna toda a sua superfície. O bule possui bico alongado para cima com a ponta plana e uma alça com topo plano e uma pequena protuberância na parte superior.

Dimensões:

Altura: 13 cm

Largura: 18 cm

Profundidade: 16 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

Número de registro: MHM.PRCL.0014.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Tampa do bule

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Tampa redonda, na cor branca, é contornada por uma faixa dourada e traz em seu centro um suporte para manuseio que possui detalhe dourado em sua superfície.

Dimensões:

Diâmetro: 4 cm

Espessura: 3 mm

Peso: 62 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

PORCELANAS



Número de registro: MHM.PRCL.0015.1

Outros números: 121 e 2/4/40

Situação: 1

Denominação: Bule

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Peça lisa, na cor branca, apresenta uma extensa rachadura próxima ao bico que vai desde o topo até sua base, manchas marrons e ranhuras. O bico alongado deste objeto possui uma sutil inclinação para baixo. A alça encontra-se quebrada, existindo apenas vestígios de sua estrutura.

Dimensões:

Altura: 13 cm

Largura: 21 cm

Profundidade: 18 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Ruim

Condições de reprodução: Sem restrições

Número de registro: MHM.PRCL.0015.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Tampa do bule

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Objeto redondo, na cor branca e pintura lisa, traz em seu centro um puxador branco. Neste item existem manchas e ranhuras.

Dimensões:

Diâmetro: 6,8 cm

Espessura: 3 mm

Peso: 81 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0016.1

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Bule

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Miniatura de bule com exterior dourado e interior branco. Possui bico alongado e uma alça com superfície plana e a base projetada para baixo. Na base da peça existem pequenos traçados verticais em alto-relevo. Ao longo da estrutura deste item existem ranhuras.

Dimensões:

Altura: 4,5 cm

Largura: 7 cm

Profundidade: 4,5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.PRCL.0016.2

Outros números: Não consta

Situação: 2

Denominação: Tampa do bule

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo: -

Dimensões:

Altura: -

Largura: -

Profundidade: -

Material/técnica: -

Estado de Conservação: -

Condições de reprodução: -

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0017.1

Outros números: 155, 3 e 287

Situação: 1

Denominação: Xícara

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Xícara com interior branco e exterior na cor rosa que traz seis detalhes ovais, dourados e em alto-relevo distribuídos ao redor da peça, os quais apresentam ranhuras. Acima destes detalhes, existem três gotículas alongadas, também douradas e em alto-relevo. A borda e a base da xícara são constituídas por pequenos ondeamentos, que apresentam vestígios de uma faixa de revestimento dourado. A alça deste item é fina, pontiaguda e existem duas pequenas saliências. Ao longo da alça existe resquício de uma faixa dourada.

Dimensões:

Altura: 5,4 cm

Largura: 5,5 cm

Profundidade: 4,5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0017.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Pires

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Pires rosa, com três detalhes dourados em baixo no interior, bordas douradas com ranhuras. A peça apresenta 14 pequenas gotículas em formato de folhas ao redor de toda sua estrutura.

Dimensões:

Diâmetro: 10,3 cm

Espessura: 2 mm

Peso: 60 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0018.1

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Xícara

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Recipiente de cor branca, apresenta a figura de um sol amarelo no centro de um círculo azul. Ao redor deste círculo existem formas triangulares, alaranjados, douradas e azuis, representando raios de sol. Abaixo desta figura está escrito “Corália” em letras douradas. Na alça deste objeto existe uma pequena faixa dourada.

Dimensões:

Altura: 5,5 cm

Largura: 7 cm

Profundidade: 5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0018.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Pires

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Objeto liso, de cor branca, contornado por uma faixa dourada, traz em sua borda a inscrição “Salvador – Bahia” em letras douradas.

Dimensões:

Diâmetro: 10,5 cm

Espessura: 3 mm

Peso: 95g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0019.1

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Xícara

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Xícara de cor branca, traz em suas bordas interna e externa o contorno de uma faixa dourada. Na base deste item também há o contorno de uma fita dourada. Na parte frontal deste objeto existe um pequeno galho marrom com folhas verdes e flores com as cores rosa, vermelho, azul e verde.

Dimensões:

Altura: 4 cm

Largura: 7,5 cm

Profundidade: 6 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0019.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Pires

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Pires branco contornado por uma espessa faixa dourada, cujos limites são demarcados com outra pequena faixa dourada com tonalidade mais clara. Entre as bordas e o centro da peça, existe um galho marrom com folhas verdes, com flores verdes, rosas, azuis e vermelhas. O centro da peça é delimitado por um círculo dourado.

Dimensões:

Diâmetro: 10 cm

Espessura: 3 mm

Peso: 93 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0020.1

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Xícara

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Xícara bege, cujo interior apresenta uma pequena faixa dourada na borda. A parte externa deste objeto traz detalhes vermelhos e dourados por toda sua extensão. Nas bordas há pequenas ondas douradas, abaixo, uma fita dourada e em seguida uma faixa vermelha com detalhes florais dourados. Logo após, há uma estampa semelhante a uma renda com corações e pequenos sinais vermelhos. Sua alça é dourada.

Dimensões:

Altura: 5 cm

Largura: 7,5 cm

Profundidade: 5,5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0020.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Pires

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Objeto com detalhes vermelhos e dourados por toda sua extensão. Em suas bordas existem desenhos arredondados com um pequeno círculo dourado no centro, seguidos por uma fita dourada e uma faixa vermelha com detalhes florais dourados. Logo após, há uma estampa semelhante a uma renda com corações e pequenos sinais vermelhos. O centro deste objeto é delimitado por um círculo dourado.

Dimensões:

Diâmetro: 10,5 cm

Espessura: 2 mm

Peso: 67 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0021.1

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Xícara

Autor: Porcelana São Caetano do Sul

Resumo descritivo:

Objeto com pintura interna na cor dourada, onde apresenta demasiadas ranhuras. O exterior da peça é na cor branca, cuja superfície é contornada por uma fita dourada. Possui um brasão da cidade de São Paulo, cujo centro do escudo vermelho contornado por uma fina faixa preta possui um braço destro, com armadura, empunhando uma bandeira com uma cruz pátea, na cor branca, tendo ainda, lanças nas pontas de seu bastão. Acima do escudo há uma coroa mural, à esquerda desta coroa está escrito 1554 e à direita 1954, ambas as inscrições são na cor dourada. Ao redor do escudo há dois ramos cafeeiros verdes com grãos vermelhos. Abaixo do brasão em uma faixa de contorno dourado está escrito “Non dycor dvco”, as letras estão parcialmente apagadas. A alça desta peça é dourada.

Dimensões:

Altura: 9,3 cm

Largura: 7 cm

Profundidade: 4,5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Razoável



Número de registro: MHM.PRCL.0021.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Pires

Autor: Porcelana São Caetano do Sul

Resumo descritivo:

Pires na cor branca, contornado uma larga borda dourada, seguida por uma fina faixa vermelha que delimita o centro branco do objeto.

Dimensões:

Diâmetro: 10,3 cm

Espessura: 3 mm

Peso: 89 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0022.1

Outros números: 128; 010/98

Situação: 1

Denominação: Xícara

Autor: Porcelana Schmidt

Resumo descritivo:

Xícara na cor branca, com um ramo de café com folhagens verdes e frutos vermelhos. Há abaixo deste ramo a inscrição “Instituto Brasileiro do Café”, com letras pretas. A borda deste objeto é contornada por uma estreita faixa verde, seguida por uma dourada. Próximo a alça existe uma pequena protuberância marrom, que se assemelha a um grão de café, cujas laterais trazem folhas de café.

Dimensões:

Altura 5,3 cm

Largura: 7 cm

Profundidade: 5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0022.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Pires

Autor: Porcelana Schmidt

Resumo descritivo:

Pires na cor branca, contornado por uma faixa verde seguida por uma dourada. Abaixo destes traços lê-se “Café do Brasil” em quatro idiomas, sendo eles: inglês “Coffee from Brazil”, francês Café du Brésil, italiano “Caffè del Brasile” e em alemão, “Brasilianischer kaffee. O centro desta peça é delimitado por círculo de contorno dourado.

Dimensões:

Diâmetro: 11,2 cm

Espessura: 3 mm

Peso: 84 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.

PORCELANAS

Número de registo: MHM.PRCL.0023.1

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Xícara

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Xícara com duas cenas de um casal, que se repetem duas vezes ao redor da peça. Da direita para a esquerda, na primeira representação, o homem que veste um casaco vermelho por cima de uma camisa branca, calça marrom, meias brancas que vão até o joelho e um sapato marrom, envolve em um abraço e ergue a mulher que usa um vestido rosa esvoaçante, com um avental azul, e segura um chapéu amarelo na mão direita. Na próxima cena o casal encontra-se em cima de uma escada, estando o homem entregando algum objeto para a mulher. Ambas as cenas se passam em frente a uma árvore com folhagens verdes, envolta por pequenos cumes azuis. Na borda interna e externa desta xícara existe um contorno dourado, também presente em sua base sendo, no entanto, mais espessa que a da superfície. A alça desta xícara é dourada.

Dimensões:

Altura 6 cm

Largura: 9 cm

Profundidade: 5,5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom



Número de registo: MHM.PRCL.0023.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Pires

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Pires de espessa borda dourada com detalhes florais. Após a faixa dourada há um contorno azul-claro que se encontra com uma estreita faixa rosa esmaecida. No centro deste item há um casal, cujo homem que veste um casaco vermelho, camisa branca, calças marrons, meias brancas e sapatos marrons, em cima de uma escada, está representado entregando um objeto para uma moça que usa um vestido rosa, avental azul e chapéu amarelo.

Dimensões:

Diâmetro: 11,6 cm

Espessura: 1,5 mm

Peso: 75 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0024.1

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Xícara

Autor: Royal Albert Bone China, England Lady Hamilton

Resumo descritivo:

Xícara na cor branca, com uma pequena faixa dourada que contorna toda a sua borda sutilmente ondulada. Tanto em seu interior, como no exterior existem uma faixa bege com flores e pequenas setas vermelhas. Em seguida, no centro de uma faixa avermelhada, há um arranjo com flores amarelas, rosas, azuis e vermelhas com ramos verdes. A base e alça deste item são contornadas por uma fina fita dourada.

Dimensões:

Altura: 7 cm

Largura: 9,3 cm

Profundidade: 7,5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0024.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Pires

Autor: Royal Albert Bone China, England Lady Hamilton

Resumo descritivo:

Pires com bordas onduladas, cuja extremidade é contornada por uma faixa dourada. Ainda na borda, há um segmento bege com pequenas flores e setas vermelhas. Abaixo, há uma estampa em tom avermelhado com detalhes dourados, cujo centro possui arranjos com flores amarelas, azuis, vermelhas e rosas.

Dimensões:

Peso: 98 g

Diâmetro: 13 cm

Espessura: 2 mm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0025.1

Outros números: 1

Situação: 1

Denominação: Peça de toucador

Autor: Soho Pottery

Resumo descritivo:

Recipiente bege com formato elíptico, sua coloração é em degradê com tons de verde, cuja base tem uma tonalidade mais escura que se suaviza até a borda do objeto. Esta peça possui pequenas ranhuras.

Dimensões:

Altura: 6 cm

Largura: 20,7 cm

Profundidade: 7,7 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0025.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Tampa da peça de toucador

Autor: Soho Pottery

Resumo descritivo:

Tampa de formato elíptico, cuja borda possui detalhes em alto-relevo que se assemelham a pétalas de flores alongadas e estreitas. Esta tampa possui um puxador que se assemelha a um galho torcido na cor verde, bordas verdes escuras que esmaecem à medida que se aproximam do centro. Nas laterais deste objeto existem arranjos florais na cor marsala, com ramos verdes e algumas pequenas flores azuis. As bordas deste item são marcadas por ranhuras e desgastes que contornam toda sua estrutura. A peça encontra-se suja, sobretudo, nas bordas.

Dimensões:

Altura: 5 cm

Largura: 23 cm

Profundidade: 10 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0026.1

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Peça de toucador

Autor: Soho Pottery

Resumo descritivo:

Recipiente com base arredondada e alicerce hexagonal, possui em cada uma de suas faces uma rosa na cor marsala com pétalas verdes. Este recipiente de base verde, suaviza sua tonalidade ao longo de sua estrutura. Nas arestas deste item existem ranhuras e desgastes na pintura, fazendo com que o interior branco fique aparente. Na peça existem ranhuras e fissuras.

Dimensões:

Diâmetro: 12 cm

Espessura: 2 mm

Peso: 187 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0026.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Tampa da peça de toucador

Autor: Soho Pottery

Resumo descritivo:

Tampa na cor verde, redonda, cujo puxador localizado no centro da peça se assemelha ao “π” (pi). Na peça existem duas grandes rosas na cor marsala com folhagens verdes. Ao redor deste objeto há um vestígio de contorno dourado. Nesta tampa existem marcas de reparos que danificaram sua coloração, transformando o degradê em uma mistura de tonalidades verdes. Ademais, a peça encontra-se suja e com manchas amareladas.

Dimensões:

Diâmetro: 14 cm

Espessura: 1,5 mm

Peso: 177 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições.

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0026.3

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Suporte de peça de toucador

Autor: Soho Pottery

Resumo descritivo:

Recipiente redondo, na cor verde, possui três rosas na cor marsala estampadas em seu interior. A borda deste item apresenta um contorno dourado e pequenos riscos verticais em alto-relevo. Há desgastes em sua pintura que deixam aparentes a cor branca da porcelana, além de ranhuras.

Dimensões:

Diâmetro: 19 cm

Espessura: 0,5 cm

Peso: 343 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0027.1

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Gomil

Autor: Soho Pottery

Resumo descritivo:

Recipiente de base circular e alicerce hexagonal, cuja coloração apresenta tons verdes. Traz em suas faces rosas na cor marsala com folhagens verdes. Nas arestas existem detalhes em alto-relevo, que estendem-se ao longo de toda a estrutura. A base deste item possui coloração verde intensa, em seu bico há um contorno dourado ao longo de seu ondeamento. Há ainda detalhes florais em alto-relevo. A alça desta peça é arqueada, possui tons verdes em seu exterior e seu interior é de cor branca.

Dimensões:

Altura: 29 cm

Largura: 27 cm

Profundidade: 18 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0027.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Bacia

Autor: Soho Pottery

Resumo descritivo:

Recipiente de base circular e alicerce hexagonal, com tonalidades verdes. Possui em suas facetas interiores três rosas e seis em seu exterior, todas na cor marsala com folhas verdes. Há neste objeto uma faixa dourada que contorna a extremidade de toda a sua borda. Esta peça apresenta ranhuras e pequenas marcas de sujeira.

Dimensões:

Diâmetro: 42 cm

Espessura: 1 cm

Peso: 3,514 kg

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0028.1

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Bispote

Autor: Soho Pottery

Resumo descritivo:

Recipiente de base circular e alicerce hexagonal, possui uma grande rosa na cor marsala com folhas verdes na parte frontal e uma alça à direita. Esta alça possui coloração em tons verdes, cuja coloração se acentua em suas extremidades e torna-se um degradê ao longo da estrutura. Existem ranhuras e manchas amareladas neste item.

Dimensões:

Altura: 13 cm

Largura: 27 cm

Profundidade: 26 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0028.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Tamba de bispote

Autor: Soho Pottery

Resumo descritivo:

Tamba redonda, cuja borda é contornada por uma faixa dourada. Ao redor da peça existem sete flores-de-lis em alto-relevo, além da pintura de três rosas na cor marsala com folhagens verdes. Este item possui coloração verde em degradê, a cor se suaviza ao longo de sua estrutura.

Dimensões:

Diâmetro: 25cm

Peso: 935g

Espessura: 4mm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0029.1

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Açucareiro

Autor: Real São Paulo

Resumo descritivo:

Recipiente arredondado, na cor branca, possui 6 ramalhos de rosa com folhagens verdes distribuídos ao seu redor. Nesta peça existem duas alças laterais espiraladas, com pequenas elevações na parte superior de ambos os lados. Base e a borda com sutis ondulações são contornadas por uma faixa dourada.

Dimensões:

Altura: 8 cm

Largura: 15 cm

Profundidade: 11 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0029.2

Outros números: -

Situação: 2

Denominação:

Autor: -

Resumo descritivo: -

Dimensões: -

Material/técnica: -

Estado de Conservação: -

Condições de reprodução: -

Número de registro: MHM.PRCL.0030.1

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Recipiente para manteiga

Autor: Real São Paulo

Resumo descritivo:

Recipiente redondo, apresenta uma elevação interna em seu centro. Ao redor deste item existem seis galhos verdes acinzentados, com rosas vermelhas nas pontas. Este item é internamente contornado por uma fita dourada.

Dimensões:

Diâmetro: 15,5 cm

Espessura: 3 mm

Peso: 201 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0030.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Tapa de recipiente para manteiga

Autor: Real São Paulo

Resumo descritivo:

Peça arredondada, branca, com abertura na parte superior. Possui quatro detalhes com profundidade, que se estendem do topo à sua base. Na superfície deste item, existem quatro pequenos galhos com folhagens verdes, sutilmente acinzentadas. No centro desta peça há um círculo dourado que demarca o local de um puxador envolvido por uma fina faixa dourada no meio e em seu topo.

Dimensões:

Diâmetro: 10,4 cm

Espessura: 4 mm

Peso: 184 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.PRCL.0031.1

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Bule

Autor: Real São Paulo

Resumo descritivo:

Peça na cor branca, possui dez galhos com folhagens verdes acinzentadas com rosas vermelhas nas extremidades. Este item possui uma alça espiralada, com saliência pontiaguda na parte superior. Ao longo da alça há um segmento dourado. O bico alongado deste item é sutilmente inclinada para baixo e é contornado por uma fina faixa dourada, que também demarca sua base.

Dimensões:

Profundidade: 14 cm

Altura: 11,8 cm

Largura: 22 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0031.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Tampa do bule

Autor: Real São Paulo

Resumo descritivo:

Peça na cor branca, com estrutura cônica, possui três galhos com folhagens cinzas e tons acinzentados, cujas extremidades trazem rosas vermelhas. No centro deste item há um suporte para manuseio, delimitado por um círculo dourado. Na metade e no topo deste suporte também existem contornos dourados.

Dimensões:

Altura: 5 cm

Largura: 6,1 cm

Profundidade: 6,1 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

Número de registro: MHM.PRCL.0031.3

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Prato

Autor: Real São Paulo

Resumo descritivo:

Prato na cor branca, traz consigo uma faixa dourada com a pintura gasta e que contorna internamente toda a peça, além de cinco galhos com folhas verdes e tons acinzentados com rosas nas extremidades. Na peça existem manchas amareladas.

Dimensões:

Diâmetro: 18,5 cm

Espessura: 2 mm

Peso: 249g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0032

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Leiteira

Autor: Real São Paulo

Resumo descritivo:

Item de cor branca, possui seis galhos com rosas vermelhas em suas extremidades, distribuídos ao redor da peça. Em sua alça espiralada, há uma saliência pontiaguda. Tanto a borda quanto a base deste objeto são contornadas por uma faixa dourada.

Dimensões:

Altura: 9,5 cm

Largura: 14,5 cm

Profundidade: 11 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.PRCL.0033.1

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Xícara

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Xícara com duas cenas de um casal, que se repetem duas vezes ao redor da peça. Da direita para a esquerda, na primeira representação, o homem que veste um casaco vermelho por cima de uma camisa branca, calça marrom, meias brancas que vão até o joelho e um sapato marrom, envolve em um abraço e ergue a mulher que usa um vestido rosa esvoaçante, com um avental azul e segura um chapéu amarelo na mão direita. Na próxima cena o casal encontra-se em cima de uma escada, estando o homem entregando algum objeto para a mulher. Ambas as cenas se passam em frente a uma árvore com folhagens verdes, envolta por pequenos cumes azuis. Na borda interna e externa desta xícara existe um contorno dourado, também presente em sua base – sendo, no entanto, mais espessa que a da superfície. A alça desta xícara é dourada.

Dimensões:

Altura 6 cm

Largura: 9 cm

Profundidade: 5,5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0033.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Pires

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Pires de espessa borda dourada com detalhes florais. Após a faixa dourada há um contorno azul-claro que se encontra com uma estreita faixa rosa esmaecida. No centro deste item há um casal, cujo homem que veste um casaco vermelho, camisa branca, calças marrom, meias brancas e sapato marrom, em cima de uma escada, está representado entregando um objeto para a uma moça que usa um vestido rosa, avental azul e chapéu amarelo.

Dimensões:

Diâmetro: 11,6 cm

Espessura: 1,5 mm

Peso: 75 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0034.1

Outros números: 3520

Situação: 1

Denominação: Bandeja

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Objeto com laterais internas na cor dourada, onde apresenta desgastes. Seu centro e exterior são de cor branca. Possui ondulações pontiagudas ao longo da peça. Existem duas alças laterais, cujo centro possui pequenas aberturas retangulares de arestas arredondadas.

Dimensões:

Altura: 2 cm

Largura: 16 cm

Profundidade: 8,9 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0034.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Xícara

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Recipiente de coloração em degradê rosa, cuja borda interna apresenta folhagens na cor dourada sobre um segmento rosa com ondamentos. Em seu exterior há um casal estampado. O homem com vestes marrons e a mulher com de blusa azul e saia rosa. Este casal está em frente a uma paisagem com folhas verdes e fundo rosa, esta pintura é contornada por folhagens douradas.

Dimensões:

Altura: 5,1 cm

Largura: 6 cm

Profundidade: 5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.

Número de registro: MHM.PRCL.0034.3

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Cálice

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Recipiente de coloração em degradê rosa, cuja superfície interna e externa são contornadas por um fino segmento dourado, também existente na base, seguida por outra faixa dourada fina. Na face deste objeto há uma estampa floral na cor dourada.

Dimensões:

Altura: 2,5 cm

Largura: 2,2 cm

Profundidade: 2,5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0034.4

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Cálice

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Recipiente de coloração em degradê rosa, cuja superfície interna e externa são contornadas por um fino segmento dourado, também existente na base, seguida por outra faixa dourada fina. Na face deste objeto há uma estampa floral na cor dourada.

Dimensões:

Altura: 2,5 cm

Largura: 2,2 cm

Profundidade: 2,5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.

Número de registro: MHM.PRCL.0035

Outros números: 125/ 62; 009/98

Situação: 1

Denominação: Leiteira

Autor: Porcelana Rio Branco

Resumo descritivo:

Recipiente na cor branca, possui uma faixa amarela delimitada por uma estreita fita preta que contorna a peça, exceto no centro, onde há a inscrição “CNME”, em letras pretas sem preenchimento. Este item possui um pequeno bico projetado em sua superfície, uma alça cuja parte superior é projetada pra frente, que se estreita à medida que desce até a base da peça. Existem manchas amareladas neste objeto.

Dimensões:

Altura: 11 cm

Largura: 10,5 cm

Profundidade: 7,5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0036

Outros números: 008/98

Situação: 1

Denominação: Xícara

Autor: Porcelana Rio Branco

Resumo descritivo:

Recipiente arredondado, na cor branca, possui uma faixa amarela delimitada por uma estreita fita preta que contorna a peça, exceto no centro, onde há a inscrição “CNME”, em letras pretas sem preenchimento. Este item possui uma pequena alça arredondada e sua base apresenta desgastes.

Dimensões:

Altura: 5,8 cm

Largura: 11 cm

Profundidade: 8,5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0037

Outros números: 008/98

Situação: 1

Denominação: Xícara

Autor: Porcelana Rio Branco

Resumo descritivo:

Recipiente arredondado, na cor branca, possui uma fita amarela delimitada por uma estreita faixa preta que contorna a peça, exceto no centro, onde há a inscrição “Campanha Nacional de Material de Ensino” em um desenho que se assemelha a uma faixa. Este item possui uma pequena alça arredondada e sua em sua estrutura existem manchas amareladas.

Dimensões:

Altura: 5,8 cm

Largura: 11 cm

Profundidade: 8,5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0038

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Molheira

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Recipiente de cor branca com detalhes policromáticos, possui detalhes circulares em alto-relevo na cor dourada e acima destes, estampas similares a arranjos florais que contornam toda a peça. A borda e a base deste item possuem ondeamentos, sendo o bico sutilmente projetado para frente e tendo ainda sua em sua parte interna uma faixa dourada. A alça alongada desta peça possui completa coloração dourada, apresentando um pequeno reparo com cola “durepoxi” na parte superior.

Dimensões:

Altura: 4 cm

Largura: 6,5

Profundidade: 5,5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0039

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Xícara e pires

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Miniatura de xícara com pires na cor dourada. Ambos possuem detalhes na cor bege e o contorno de uma estreita faixa dourada ao longo de toda a peça. O interior da xícara e o exterior do pires são brancos. A xícara possui uma alça com uma pequena abertura.

Dimensões:

Altura: 1,5 cm

Largura: 2,5

Profundidade: 2 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0040

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Leiteira

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Recipiente arredondado, na cor branca, apresenta segmentos amarelos contornados por uma estreita faixa dourada, intercalados por quatro espaços em branco, com uma flor de cinco pétalas. Este item possui quatro rosas vermelhas, contornadas por pequenas gotículas verdes que representam suas folhagens e um bico sutilmente projetado para cima, onde existem fissuras e uma alça arredondada. Na borda deste item existem ainda pequenas fendas e sua base é contornada por uma estreita faixa dourada.

Dimensões:

Altura: 8,5

Largura: 10,5

Profundidade: 9 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0041

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Leiteira

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Recipiente na cor branca, possui uma faixa cinza que contorna toda a peça, exceto no centro, onde encontra-se um arranjo com rosas na cor rosa e galhos verdes. No bico levemente projetado para cima, há um traçado cinza. A alça deste objeto é arredondada e projetada para cima.

Dimensões:

Altura: 8,5

Largura: 16,5

Profundidade: 12 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0042

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Açucareiro

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Recipiente na cor branca, possui em sua base e borda ondeamentos com pequenos pontos em alto-relevo. Ao redor deste objeto existem arcos em alto-relevo, nas laterais superiores existem flores roxas com ramos verdes e no centro, há um arranjo com flores vermelhas, brancas e roxas, com folhagens verdes. A alça deste objeto possui formato que se assemelha a folhas pontiagudas, cujas bases trazem detalhes que se assemelham a galhos retorcidos.

Dimensões:

Altura: 8 cm

Largura: 14 cm

Profundidade: 15 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0043

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Molheira

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Recipiente na cor branca, possui a ilustração de um galho marrom de folhagens verdes com flores de cor azul, roxas e marsala na parte frontal e traseira de sua estrutura. As superfícies externas e internas desta peça são contornadas por uma faixa dourada.

Dimensões:

Altura: 7 cm

Largura: 12 cm

Profundidade: 10 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0044

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Molheira

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Recipiente na cor bege, possui flores rosas e roxas com folhagens verdes. A superfície desta peça possui ondamentos contornados por uma fita dourada e traz em seu bico uma rosa na cor roxa com folhas verdes. A peça possui detalhes com profundidade em toda sua estrutura e em sua base existem ondulações com detalhes em alto-relevo. A alça desta peça é arredondada e projetada para cima, no entanto, encontra-se com rachaduras e já fora restaurada. Existe em toda a peça fissuras e ranhuras.

Dimensões:

Altura: 11 cm

Largura: 22 cm

Profundidade: 15 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Ruim

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0045

Outros números: 134, 41-126

Situação: 1

Denominação: Xícara

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Objeto na cor branca, cuja estrutura apresenta ondulações. Existe na base externa deste item detalhes em alto-relevo inclinados para a esquerda, com pequenos traços horizontais em suas bordas, na cor dourada. Acima, existem rosas vermelhas e uma amarela. A alça deste item é fina e possui cor branca.

Dimensões:

Altura: 5,5 cm

Largura: 9 cm

Profundidade: 7 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0046

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Porcelanas São Joaquim

Resumo descritivo:

Caneca de cor marrom, possui a cabeça de cavalo esculpida em alto-relevo. Ao longo da peça, existem detalhes que se assemelham a um curral ou baia, representados com uma estrutura de madeira. A alça da caneca se assemelha a um tronco de árvore.

Dimensões:

Altura: 16,5 cm

Largura: 14 cm

Profundidade: 12 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.PRCL.0047

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Porcelanas São Joaquim

Resumo descritivo:

Caneca cuja coloração apresenta tons marrons, traz em seu centro a inscrição “1º Festa do Chopp Rotary International Cunha SP- Fevereiro – 73” com letras pretas. À frente, o logotipo do evento, e por detrás o brasão da cidade, onde estão representados um soldado e um trabalhador rural com a calça azul e blusa vermelha. A estrutura desta peça se assemelha a um balaio, seus detalhes são em alto-relevo e sua alça apresenta quatro sutis elevações.

Dimensões:

Altura: 17,3 cm

Largura: 14 cm

Profundidade: 12 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0048

Outros números: 029/98

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Porcelana São Paulo São Caetano

Resumo descritivo:

Caneca de cor branca, com detalhes dourados na borda e na parte externa da alça, apresenta a inscrição “1º Festival do Chopp Promoção Lions Internacional, Manhuaçu 15-4-73”. Ao centro, destaca-se o brasão do Lions International, desenhado na cor azul, com uma letra “L” maiúscula na cor branca, contornado por detalhes dourados e figuras de leões à esquerda e à direita. Ao redor da peça, são representados promoções publicitárias de alguns estabelecimentos. Neste objeto existem manchas e ranhuras.

Dimensões:

Altura: 12,5 cm

Largura: 14 cm

Profundidade: 11 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.PRCL.0049

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Caneca de predominante coloração marrom, apresenta mosaicos marrons-escuros em alto-relevo em sua alça, base e borda, onde há também o contorno de uma faixa preta. No centro deste objeto está a inscrição “1º Festival de Chopp. Promovido pela Loja Maçônica Passos do Mestre, nº 173, em Carangola – MG, pró construção de sua sede própria” em letras pretas e o um pequeno símbolo da Loja Passos do Mestre (à esquerda).

Dimensões:

Altura: 16 cm

Largura: 13 cm

Profundidade: 10,5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0050

Outros números: 026/98

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Cerâmica São Joaquim

Resumo descritivo:

Caneca de cor marrom com detalhes dourados; possui em sua estrutura detalhes em alto-relevo que se assemelham a pequenos tijolos. Em seu centro lê-se “2º Fapil Leme – 1970”. No centro desta inscrição há um brasão de cor azulada é representado com um coqueiro em destaque; acima, uma figura antropomorfizada do sol, com um rosto de olhos fechados. Ao lado esquerdo e direito do brasão, respectivamente, são representados ramos de milho e café.

Dimensões:

Altura: 15,4 cm

Largura: 13 cm

Profundidade: 12 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.PRCL.0051

Outros números: 031/98

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Cerâmica São Joaquim

Resumo descritivo:

Caneca na cor marrom clara, com detalhes em marrom escuro na base e alça. Em sua borda existe o contorno de duas faixas douradas, a primeira mais espessa que a segunda. Ao centro, lê-se “GP- Grande Hotel Pavani. Serra Negra-SP”, em letras vermelhas, acompanhado do logotipo do estabelecimento. Do outro lado da caneca, lê-se: “Centro Especializado em Reuniões”.

Dimensões:

Altura: 16 cm

Largura: 16 cm

Profundidade: 10 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0052

Outros números: 55; 050/98

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Cerâmica São Joaquim

Resumo descritivo:

Caneca de cor marrom, cujo centro e alça são delimitados por uma fita de cor azulada, traz em toda a sua estrutura detalhes em alto-relevo. Destacando-se, ainda em sua alça, três detalhes pontiagudos projetados para o exterior da peça, e em sua borda, o contorno de duas fitas douradas – sendo a primeira mais espessa que a segunda –. No objeto existem um casal, onde o homem está representado vestindo camisa vermelha e calça preta, e a mulher com vestido verde, avental amarelo e detalhes vermelhos na parte superior dos trajes, ambos com sapatos pretos.

Dimensões:

Altura: 18 cm

Largura: 14 cm

Profundidade: 11 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.PRCL.0053

Outros números: 78; 022/98

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Cerâmica São Joaquim

Resumo descritivo:

Caneca branca com detalhes dourados em faixas, na base, borda e alça. Na parte posterior da caneca, lê-se “Vamos beber” em letras douradas; acima, há um homem em alto-relevo, com duas canecas na mão, gorro vermelho, blusa com contorno vermelho, short azul, meia vermelha, suspensórios e sapato pretos. Atrás, lê-se “2º Festa da Cerveja Lions Clube, Guaratinguetá 10-8-68”.

Dimensões:

Altura: 16,5 cm

Largura: 14 cm

Profundidade: 9,5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0054

Outros números: 1; 040/98

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Cerâmica São Joaquim

Resumo descritivo:

Caneca na cor branca, com faixas douradas na borda, alça e base. Na caneca lê-se “1ª festa de confraternização de funcionários do banco Bradesco de 1968”. Impresso na caneca, lê-se, nas metades de um globo prateado dividido ao meio, “Turma Noturna” (ao lado da imagem de um sol) e “Turma Diurna (ao lado da imagem de uma lua)”. Onde lê-se “Turma Noturna”, os detalhes do globo são preenchidos de preto; onde lê-se “Turma Diurna”, há apenas o contorno.

Dimensões:

Altura: 14,4 cm

Largura: 13 cm

Profundidade: 10 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.PRCL.0055

Outros números: 027/98

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Cerâmica Pedreirense

Resumo descritivo:

Caneca cinza com detalhes nas cores dourado e marrom. Em sua borda existe uma faixa dourada cuja pintura encontra-se gasta. Possui detalhes em alto-relevo que remetem à folhagens na alça, base e borda. Ao centro há uma ilustração de um homem e uma mulher com vestimentas típicas germânicas; abaixo, lê-se em letras pretas: “Não tome atitudes, tome Chopp”.

Dimensões:

Altura: 15,5 cm

Largura: 14 cm

Profundidade: 11 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0056

Outros números: 332

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Cerâmica Santa Izabel

Resumo descritivo:

Caneca de cor verde com detalhes prateados. No centro, em alto-relevo, é representado um casal. À direita uma mulher em pé e à esquerda um homem sentado. Na borda, na base e na alça existem detalhes de folhagens em alto-relevo. Na caneca lê-se “1º Festival do Chopp, 1978”. A pintura desta peça está gasta e ela encontra-se suja.

Dimensões:

Altura: 16 cm

Largura: 12 cm

Profundidade: 8 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.PRCL.0057

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Cerâmica Santa Izabel

Resumo descritivo:

Caneca comemorativa de cor marrom, apresenta detalhes florais em alto-relevo em sua alça, base e borda. Na alça existem relevos três pontiagudos e sua base apresenta detalhes policromáticos. Em seu centro, lê-se: “Medi-Son – Primeira revista médica falada” escrito em letras alaranjadas. Atrás lê-se “Churrasco de confraternização 16 de maio de 1982, traga sua caneca”. A peça encontra-se suja e com pequenas ranhuras.

Dimensões:

Altura: 17 cm

Largura: 13 cm

Profundidade: 10 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0058

Outros números: 08; 043/98

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Corcovado

Resumo descritivo:

Caneca de coloração branca com tom acinzentado, traz consigo os dizeres em alto-relevo: “Churrascaria Gaúcha”, em letras vermelhas; “A Pioneira - Rio de Janeiro, Brasil” em letras azuis. Em seu centro, existe um desenho de um boi apoiado sobre as duas patas traseiras, servindo churrasco.

Dimensões:

Altura: 16,2 cm

Largura: 14,5 cm

Profundidade: 8,5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.PRCL.0059

Outros números: 025/98

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Caneca de cor branca, cuja borda é contornada por uma faixa na cor dourada. Ao centro, em alto-relevo, há a ilustração de um homem vestindo uma camisa vermelha, calça verde, meia azul, sapato marrom e chapéu verde com uma pena amarela, envolvido por uma espécie de nuvem sem preenchimento, na cor dourada. Do outro lado da caneca, lê-se “Lembrança do Rio de Janeiro IV Centenário 1565-1965”.

Dimensões:

Altura: 14,1 cm

Largura: 14 cm

Profundidade: 8,9 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0060

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Porcelana Monte Sião

Resumo descritivo:

Caneca de marrom com detalhes verdes, traz em seu centro, em alto-relevo, a representação de um homem (à direita da caneca) em uma janela segurando uma caneca, próximo a um gato (à esquerda). Na alça, há detalhes em alto-relevo semelhantes a tijolos, em cores azuladas e esverdeadas. Do outro lado da caneca, lê-se “Festa da Cerveja Lions Clube Guaratinguetá-SP”.

Dimensões:

Altura: 15,2 cm

Largura: 13 cm

Profundidade: 11 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.PRCL.0061

Outros números: 041/98

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Ceramarte

Resumo descritivo:

Caneca de cor marrom, traz em seu centro a inscrição “Inauguração Conjunto Aquático, Setembro - 1970, Cerveja - 1970” escrito em baixo-relevo preto e amarelo. Ao centro da peça, existem figuras de piscinas. Do outro lado, lê-se “Associação Cultural de Londrina (2º Festa da Cerveja)” Esta peça possui ranhuras e marcas de sujeira.

Dimensões:

Altura: 16,1 cm

Largura: 13,5 cm

Profundidade: 8 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0062

Outros números: 051/98

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Porcelana SP Pedreira

Resumo descritivo:

Caneca de cor bege com detalhes marrons, possui estrutura semelhante a um barril de madeira. Em seu centro, lê-se em letras pretas: “Tiro de Guerra 1945-1985 Carangola - MG 40 anos de Glórias”; no meio, está estampado o brasão do Exército Brasileiro. Do outro lado, lê-se, em uma nota: “31 out. 1945”.

Dimensões:

Altura: 13,1 cm

Largura: 15,2 cm

Profundidade: 10 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.PRCL.0063

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Xícara

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Xícara bege com estampas internas e externas na cor azul. Em sua borda interna há um contorno de pequenas gotículas alongadas que se assemelham a folhas, seguidos por arranjos com flores e cachos de frutas. Em seu exterior, há uma casa com várias janelas, três animais à frente e uma paisagem que se assemelha a uma fazenda. Em toda a estrutura desta peça existem fissuras e ranhuras.

Dimensões:

Altura: 6 cm

Largura: 11 cm

Profundidade: 9 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0064

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Caneca bege, apresenta detalhes em tons verdes com efeito brilhante dourado. Em alto-relevo, são representadas três pessoas, sendo duas sentadas e uma em pé. Uma das pessoas sentadas e a pessoa em pé usam chapéus. Na borda deste objeto existe uma fita dourada. Na alça e abaixo da borda, existem detalhe em alto-relevo que se assemelham a cordas. Sua alça apresenta três saliências pontiagudas em suas laterais.

Dimensões:

Altura: 15,5 cm

Largura: 14,2 cm

Profundidade: 12 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.PRCL.0065

Outros números: 053/98

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Porcelana SP Pedreira

Resumo descritivo:

Caneca de cor bege com detalhes marrons, possui estrutura cilíndrica e alongada, com detalhes em alto-relevo que se assemelham a cordas, enquanto sua alça é semelhante a um tronco de madeira. Em seu centro, lê-se em letras pretas: “Tiro de Guerra 1945-1985 Carangola - MG 40 anos de Glórias”; no meio, está estampado o brasão do Exército Brasileiro. Do outro lado, lê-se, em uma nota: “31 out. 1945”.

Dimensões:

Altura: 14,5 cm

Largura: 12,5 cm

Profundidade: 9,5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0066

Outros números: 030/98

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Cerâmica São Joaquim

Resumo descritivo:

Caneca branca, possui é contornada por formas circulares douradas em alto-relevo em sua borda e base, em sua borda existe ainda o contorno de duas fitas douradas, sendo a primeira mais espessa que a segunda. Na peça existem detalhes verticais em alto-relevo, com o formato de nós. Sua alça se assemelha a um tronco de madeira devido aos detalhes em alto e baixo-relevo. Ao centro da peça, está estampado o brasão do Lions Clube, com a inscrição “Festa da Cerveja Lions Clube Campos do Jordão, 14 – 2 – 76” em letras pretas. Este item está sujo e apresenta pequenas ranhuras.

Dimensões:

Altura: 16,7 cm

Largura: 13 cm

Profundidade: 9,9 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.PRCL.0067

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Caneca marrom com detalhes em alto-relevo na base que se assemelham a pedras. Seu centro é delimitado por um contorno semelhante a uma corda. Possui uma borda rosa sob duas faixas douradas, suas laterais são azul anil. Ao centro, estão estampados dois pinguins, com um hexagrama entre eles, com os dizeres: “2º Festival do Chopp Casa de Caridade de Itamonte, 26 – 11 – 72, ITAMONTE – MG.” Do outro lado, vê-se três pessoas, duas mulheres representadas com uma saia azul e um homem representado com a blusa rosa. A alça deste item encontra-se trincada e em sua estrutura existem fissuras.

Dimensões:

Altura: 15,3 cm

Largura: 15,5 cm

Profundidade: 12 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0068

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Caneca lisa, de cor cinza, cuja borda e base apresentam o contorno de faixas pretas. No centro deste item lê-se em letras pretas “1º Festival do Chopp de Carangola, Julho – 1971”. Existe ainda a ilustração de um livro com as letras “C”, “E”, “N” e “C”, ao lado de um logotipo que assemelha-se à sigla “GSL”. Do outro lado, lê-se: “Visite a XXIII Exposição Agropecuária de Carangola 25 – 7 a 1 – 8 – 71.” Esta peça está manchada e apresenta sujeiras.

Dimensões:

Altura: 12,7 cm

Largura: 14 cm

Profundidade: 9,8 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.PRCL.0069

Outros números: 1236; 033/98

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Cer. São José Ltda

Resumo descritivo:

Caneca nas cores cinza, branca e azul. Em toda a peça existem detalhes em alto-relevo. Sua alça apresenta coloração azul e uma estrutura arredondada contornada por vários círculos. Abaixo de sua borda existem detalhes com traçados aleatórios, todos estes na cor azul. No centro desta peça são representadas duas pessoas portando canecas e há um barril no centro da figura. Próximo aos pés destas pessoas a peça está danificada. Do outro lado da peça, lê-se “Festival do Chopp do Itaguaí Atlético Clube 1981”.

Dimensões:

Altura: 13,4 cm

Largura: 13,5 cm

Profundidade: 9,5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0070

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Caneca em forma de coroa, na cor marrom-claro, possui uma cruz em seu topo, fazendo com que a caneca se assemelhe a uma tiara papal. Há oito cruzeiros em alto-relevo ao redor da base deste item, além de vários losangos gravados em oito faixas verticais. Na peça existem pequenas ranhuras.

Dimensões:

Altura: 13,5 cm

Largura: 13,5 cm

Profundidade: 11,3 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.PRCL.0071

Outros números: 108; 037/98

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Porcelana SP

Resumo descritivo:

Caneca na cor marrom, possui detalhes em alto-relevo na cor marrom escuro. Possui a figura de uma flor no centro da base, uma alça marrom escura com detalhes semelhantes a madeiras e tem em sua borda o contorno de uma faixa prateada. Ao centro, lê-se “3 ° Concurso ‘O campeão de ferro’ 1980” em letras pretas, com uma ilustração representando “o campeão do ferro” em vermelho, onde vê-se um garoto martelando algo que parece ser um medidor de força. Do outro lado da caneca, lê-se “IBEROL LÍQUIDO- IBERIN FÓLICO- IBEROL DRÁGEAS”. Esta peça apresenta sujeiras e ranhuras.

Dimensões:

Altura: 16 cm

Largura: 13 cm

Profundidade: 9 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0072

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Mauá

Resumo descritivo:

Caneca de cor branca e formato arredondada, apresenta detalhes circulares e redondos em alto-relevo. Próxima a a alça deste item existe um grande e profundo trincado. A peça apresenta sujeiras e ranhuras.

Dimensões:

Altura:9 cm

Largura:12 cm

Profundidade:8 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.PRCL.0073

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Caneca

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Caneca de cor branca e formato hexagonal, traz em borda um contorno gasto de uma faixa dourada. Há uma ilustração de três cachorros músicos, um deles portando um violino, à direita, outro com um bumbo e as baquetas, ao centro, e o último portando um instrumento de sopro semelhante a um saxofone. Do outro lado, há a mesma ilustração. Esta peça encontra-se manchada e nela existem fissuras.

Dimensões:

Altura:8,4 cm

Largura:11 cm

Profundidade:7,3 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0074

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Leiteira

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Recipiente na cor branca, possui oito contornos dourados ao redor de toda a peça e traz em seu centro a palavra “Lembrança” em letras douradas. No fundo deste objeto existem quatro suportes circulares. Sua alça é arredondada e se estende da superfície até pouco antes da base. Nesta peça existem ranhuras e desgastes nas pinturas douradas.

Dimensões:

Altura: 9,5 cm

Largura: 11 cm

Profundidade: 8,4 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.PRCL.0075

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Leiteira

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Miniatura de leiteira na cor branca, possui detalhes em alto-relevo em toda sua estrutura. A base deste item apresenta ondeamento, acima existem detalhes arqueados em baixo-relevo, com preenchimento na cor dourada, em seu centro existem flores brancas em alto-relevo. Estes arcos são contornados por pequenos pontos dourados e entre um arco e outro, existem flores feitas com pequenos pontos dourados em alto-relevo. No centro deste objeto está escrita a palavra “Felicidade” em letras douradas. Acima, existem detalhes elípticos, cujos intervalos trazem pequenas flores de pontos dourados. A alça deste item é dourada com detalhes pontiagudos, tanto na parte superior quando na inferior.

Dimensões:

Altura: 8,5 cm

Largura: 10 cm

Profundidade: 8,5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0076

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Bandeja

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Bandeja de coloração marrom nas bordas e centro com tons amarelos e alaranjados. Possui um dragão branco, com olhos azuis e língua rosa em alto-relevo. Ao lado direito existe a estrutura alongada para cima de um círculo.

Dimensões:

Altura: 2 cm

Largura: 21,5 cm

Profundidade: 11,9 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.PRCL.0077

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Cinzeiro

Autor: Porcelana Schmidt

Resumo descritivo:

Objeto na cor branca de formato triangular, possui três cavidades alongadas para cigarros, neste local existem vestígios de um contorno prateado. Em seu centro existe um arranjo de flores rosas, amarela e azuis, com folhagens verdes. Nesta peça está escrito em letras douradas "Oferta de A Mimosas".

Dimensões:

Altura: 5 cm

Largura: 13,5 cm

Profundidade: 11 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0078

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Jarro

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Objeto na cor branca, cujos detalhes em alto-relevo apresentam uma figura de sexo não identificado, com o braço esquerdo erguido sobre a cabeça. Esta figura veste uma tanga e possui cabelos longos, seu corpo está virado para a esquerda. Abaixo desta imagem, há um outro corpo com o braço direito erguido em direção à primeira figura. Na base desta peça existem representações de pessoas com um objeto não identificado na boca, estendendo-o para a esquerda. Esta peça possui marcas amareladas, profundas rachaduras, sua base já fora restaurada, e sua alça está quebrada.

Dimensões:

Altura: 22,5cm

Largura: 14 cm

Profundidade: 14 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Ruim

Condições de reprodução: Sem restrições



Número de registro: MHM.PRCL.0079.1

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Açucareiro

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Recipiente redondo e alongado, de estrutura lisa, na cor branca. Apresenta fissuras, manchas e limo.

Dimensões:

Altura: 8 cm

Largura: 11,1 cm

Profundidade: 11,1 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0079.2

Outros números: -

Situação: 2

Denominação: Tampa do Açucareiro

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo: -

Dimensões: -

Material/técnica: -

Estado de Conservação: -

Condições de reprodução: -

Número de registro: MHM.PRCL.0079.3

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Prato do Açucareiro

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Prato redondo, na cor bege, possui estrutura lisa, um pequeno círculo em baixo-relevo no centro e externamente, possui um suporte com sutil elevação.

Dimensões:

Diâmetro: 13,5

Espessura: 4 mm

Peso: 198 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0080.1

Outros números: -

Situação: 2

Denominação: Xícara

Autor: -

Resumo descritivo: -

Dimensões: -

Material/técnica: -

Estado de Conservação: -

Condições de reprodução: -



Número de registro: MHM.PRCL.0080.2

Outros números: 134

Situação: 1

Denominação: Pires

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Objeto na cor branca, possui quatro detalhes dourados em baixo-relevo ao redor de suas margens. No centro desta peça a palavra “Amizade” está escrita com letras douradas. A borda interna deste item é contornada por uma faixa dourada.

Dimensões:

Diâmetro: 12,5 cm

Espessura: 2 mm

Peso: 71 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0081.1

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Terrina

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Recipiente de cor branca, com estrutura elíptica, possui a base redonda, e apresenta detalhes em alto-relevo em toda a sua estrutura. Ao redor deste item existem ranhuras e fissuras. Nesta peça existem duas alças laterais arredondadas, sutilmente projetadas para cima. Na alça esquerda existem rachaduras.

Dimensões:

Altura: 17 cm

Largura: 34 cm

Profundidade: 16 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0081.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Tampa da terrina

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Tampa na cor branca e de formato elíptico, possui folhagens em alto-relevo em seu centro, além de um suporte para manuseio que se assemelha a galhos retorcidos. Nas bordas deste item existem um contorno em detalhes com profundidade. À direita da tampa, existe uma abertura de tamanho mediano.

Dimensões:

Altura: 8,5 cm

Largura: 28 cm

Profundidade: 20 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0082.1

Outros números: 2/6/50, 115

Situação: 1

Denominação: Terrina

Autor: J e G meaking Harly England

Resumo descritivo:

Recipiente de estrutura elíptica, na cor bege, possui duas alças laterais sutilmente projetadas para fora. Sua base apresenta detalhes de ondeamento com resquícios de um contorno prateado. Ao redor da peça existem quatro galhos folhados com rosas em frente e atrás. Este item encontra-se trincado, com sujeiras e com manchas amareladas

Dimensões:

Altura: 10,5 cm

Largura: 34 cm

Profundidade: 21,5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0082.2

Outros números: -

Situação: 2

Denominação: Tampa de terrina

Autor: -

Resumo descritivo: -

Dimensões: -

Material/técnica: -

Estado de Conservação: -

Condições de reprodução: -

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0083

Outros números: 44

Situação: 1

Denominação: Baixela

Autor: J e G meaking Harly England

Resumo descritivo:

Recipiente profundo, de estrutura elíptica, traz detalhes de ondeamento em suas bordas, possui em seu interior oito arranjos com rosas na cor vermelha e folhagens verdes ao redor de toda a sua estrutura, além de ser contornada por uma fita dourado. A peça encontra-se manchada, com fissuras e ranhuras.

Dimensões:

Altura: 4,5 cm

Largura: 25 cm

Profundidade: 18,5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0084

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Baixela

Autor: J & G meaking Harly England

Resumo descritivo:

Recipiente profundo, com estrutura elíptica e borda com ondulações nas extremidades, possui em seu interior oito arranjos com rosas vermelhas e folhagens verdes, além de ser contornada por uma faixa dourada. A borda desta peça está manchada e quebrada em uma das ondulações. Toda a peça apresenta fissuras e ranhuras.

Dimensões:

Altura: 4,5 cm

Largura: 25 cm

Profundidade: 18,5 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições.



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0085

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Prato

Autor: J & G meaking Harly England

Resumo descritivo:

Recipiente raso, de formato circular, cuja extremidade apresenta ondeamentos contornados por uma faixa dourada e oito arranjos de rosas vermelhas com folhas verdes. Esta peça está quebrada em diversas partes de suas ondulações, além de apresentar fissuras e ranhuras. Existe na peça vestígios de papel que comprometem sua pintura.

Dimensões:

Diâmetro: 20 cm

Espessura: 3 mm

Peso: 296 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Ruim

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0086

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Prato

Autor: J & G meaking Harly England

Resumo descritivo:

Recipiente circular e raso, cuja extremidade apresenta ondulações com contorno interno de uma fita dourada e sete arranjos com quatro rosas e pequenas flores nas extremidades de folhas verdes. Esta peça apresenta manchas, sujeiras e fissuras.

Dimensões:

Diâmetro: 22,5 cm

Espessura: 3 mm

Peso: 348 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Ruim

Condições de reprodução: Sem restrições.



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0087

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Prato

Autor: Bute Alfred Meakin

Resumo descritivo:

Recipiente circular de cor branca, cuja extremidade apresenta ondeamentos com pequenos pontos em alto-relevo e possui quatro arranjos de rosas e folhagens na cor marsala distribuídos por todo o interior da peça. O centro deste objeto apresenta uma rachadura que se estende desde a borda. Este item encontra-se manchado, sujo e com severas rachaduras.

Dimensões:

Diâmetro: 22,5 cm

Espessura: 3 mm

Peso: 348 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Ruim

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0088

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Prato

Autor: Bute Alfred Meakin

Resumo descritivo:

Recipiente fundo, de cor branca, cuja extremidade apresenta ondulações com pequenos pontos em alto-relevo, possui três arranjos de rosas e folhagens na cor marsala distribuídos ao redor de toda a peça. Apresenta pequenas manchas e sujeiras.

Dimensões:

Diâmetro: 22 cm

Espessura: 3 mm

Peso: 399 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0089

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Prato

Autor: Bute Alfred Meakin

Resumo descritivo:

Peça redonda, de cor branca, cuja extremidade apresenta ondulações com pequenos pontos em alto-relevo, possui três arranjos de rosas e folhagens, ambas na cor marsala. Esta peça apresenta manchas marrons em toda sua estrutura.

Dimensões:

Diâmetro: 22 cm

Espessura: 3 mm

Peso: 399 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0090

Outros números: 9

Situação: 1

Denominação: Prato

Autor: J & G

Resumo descritivo:

Peça redonda, com profundidade, contornada por uma faixa dourada, possui ondeamentos em sua extremidade. Nas bordas deste item existem quatro arranjos de flores nas cores rosa, marsala e violeta com galhos e folhagens verdes. Este item apresenta ranhuras, fissuras, sujeiras e manchas amareladas.

Dimensões:

Diâmetro: 22,5 cm

Espessura: 3 mm

Peso: 349 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições.



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0091

Outros números: 1/4/10

Situação: 1

Denominação: Prato

Autor: Woods e Song Ltda

Resumo descritivo:

Recipiente branco e liso, possui uma espessa borda na cor azul, seguida de vestígios de um contorno dourado, seu centro apresenta profundidade. Na peça existem ranhuras e pequenas manchas.

Dimensões:

Diâmetro: 22,8 cm

Espessura: 3 mm

Peso: 392 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0092

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Prato

Autor: Oxford

Resumo descritivo:

Prato decorativo de cor branca, possui uma grande estampa azul em toda a sua superfície. No desenho há uma paisagem com sete pessoas em uma carruagem conduzida por quatro cavalos, em frente a casas e árvores. Apresenta bordas com extremidades onduladas e detalhes de pequenos pontos em alto-relevo que contornam toda a sua estrutura. Nesta peça existe um suporte metálico que danificou sua borda direita.

Dimensões:

Diâmetro: 23 cm

Espessura: 0,5 cm

Peso: 539 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Ruim

Condições de reprodução: Sem restrições.



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0093

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Prato

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Prato decorativo na cor branca, com estampas nas bordas e no centro, ambas na cor azul. Os desenhos ao redor são representações de uma cidade, que se repete quatro vezes. As ilustrações são intercaladas por arranjos florais. No centro do prato existe uma grande árvore na margem esquerda de um rio, com algumas pessoas próximas a ela. Do outro lado do rio, existem algumas casas, árvores e montanhas ao fundo. A peça possui um suporte metálico com quatro ganchos, que a danificou, deixando-a quebrada na borda inferior direita.

Dimensões:

Diâmetro: 25,8 cm

Espessura: 3 mm

Peso: 484 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Ruim

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0094

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Prato

Autor: Johnsons Bros England Old Britain Castels

Resumo descritivo:

Prato redondo na cor branca, cuja borda com extremidade ondulada e centro estão estampadas com ilustrações na cor vermelha. Nas bordas desta peça existem cinco arranjos florais, acima destes, há estampas que se assemelham à renda e contornam toda a peça. Em seu centro existe um rio com três barcos e ao fundo, uma cidade, árvores e o céu. A peça encontra-se quebrada, trincada e com manchas amareladas à direita e um pequeno sinal na cor preta em seu lado esquerdo.

Dimensões:

Diâmetro: 23 cm

Espessura: 0,5 mm

Peso: 336 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Ruim

Condições de reprodução: Sem restrições.



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0095

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Prato

Autor: Johnsons Bros England Old Britain Castels

Resumo descritivo:

Prato redondo na cor branca, cuja borda com ondeamento nas extremidades e seu centro com profundidade possuem estampas com ilustrações na cor vermelha. Neste item há um suporte metálico com quatro pequenos ganchos, em suas bordas existem cinco arranjos florais envolvidos por estampas semelhantes a rendas, que por sua vez, contornam toda a peça. Em seu centro existe um rio e três barcos, ao fundo uma cidade, árvores e o céu. Na peça existe uma profunda fissura, outrora já restaurada, que vai desde a borda esquerda ao topo da peça.

Dimensões:

Diâmetro: 23 cm

Espessura: 0,5 mm

Peso: 338 g

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Razoável

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0096

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Isolador Elétrico

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Objeto liso, de tonalidade marrom com estrutura arredondada, apresenta abertura em sua base e próximo ao topo, um contorno em profundidade. Em sua superfície existe uma abertura profunda e horizontal. Esta peça encontra-se suja, manchada e apresenta ranhuras ao longo de toda a sua estrutura.

Dimensões:

Altura: 9 cm

Largura: 10 cm

Profundidade: 10 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



PORCELANAS



Número de registro: MHM.PRCL.0097

Outros números: 18/1/321

Situação: 1

Denominação: Isolador Elétrico

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Objeto liso, na cor marrom claro, possui base cônica e dois espessos contornos circulares e um topo redondo. Esta peça encontra-se com pequenas sujeiras, ranhuras e desgastes em sua pintura.

Dimensões:

Altura: 21 cm

Largura: 22 cm

Profundidade: 22 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0098.1

Outros números: 18/1/322

Situação: 1

Denominação: Isolador Elétrico

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Objeto redondo, liso, na cor marrom escuro, cujo centro de sua estrutura se projeta para o interior. Em sua base existe uma abertura. Esta peça apresenta manchas de tinta branca, ranhuras e marcas de sujeira.

Dimensões:

Diâmetro: 25 cm

Espessura: 95 cm

Peso: 3,617 kg

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0098.2

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Tampa do isolador elétrico

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Peça lisa na cor marrom, cujo centro traz um protuberante suporte para manuseio em seu centro. Nesta peça existem ranhuras e sujeiras por toda a sua estrutura.

Dimensões:

Diâmetro: 24,5 cm

Espessura: 1,5 cm

Peso: 2, 538 kg

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0099

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Isolador elétrico

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Peça lisa, na cor marrom escuro, possui estrutura cônica com abertura no centro e dois espessos contornos circulares em seu alicerce. O círculo inferior é pequeno e projetado para baixo, enquanto o superior é plano. No topo deste item existe uma profunda cavidade que perpassa o centro da peça de um lado ao outro.

Dimensões:

Altura: 20 cm

Largura: 16 cm

Profundidade: 16 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.

PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0100

Outros números: 19/4/331

Situação: 1

Denominação: Isolador elétrico

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Peça lisa, na cor marrom escuro, possui estrutura cônica com abertura no centro. Traz em seu alicerce que encontra-se fragmentado em três partes, estando duas delas soltas. Na peça existem ranhuras, desgastes em sua pintura e sujeiras.

Dimensões:

Altura: 15 cm

Largura: 25 cm

Profundidade: 25 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Ruim

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0101

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Isolador elétrico

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Peça lisa, na cor marrom claro, possui base arredondada. É um objeto circular, cuja estrutura apresenta ranhuras e manchas de tinta. Seu topo é redondo com estrutura de tronco de cone. A peça possui ranhuras e desgastes na pintura.

Dimensões:

Diâmetro: 14,5 cm

Espessura: 4 cm

Peso: 1,024 kg

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



PORCELANAS

Número de registro: MHM.PRCL.0102

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Isolador elétrico

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Peça lisa, na cor branca, cuja base em de estrutura cônica encontra-se trincada e manchada. Possui dois espessos contornos circulares em seu alicerce, onde o inferior é projetado para baixo e apresenta manchas amareladas. A camada superior é sutilmente inclinada para baixo e ao seu redor existem ranhuras, manchas e sujeiras. O topo desta peça é redondo e há uma cavidade de um lado ao outro.

Dimensões:

Altura 22,6 cm

Largura: 24 cm

Profundidade: 24 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0103

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Isolador elétrico

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Peça lisa, na cor branca com base de estrutura cônica, que encontra-se trincada e manchada. Possui dois espessos contornos circulares em seu alicerce, cuja camada inferior é projetada pra baixo, onde apresenta manchas amareladas. A camada superior é sutilmente inclinada para baixo, seu entorno está quebrado em duas áreas e encontra-se manchado. O topo desta peça é redondo e há uma cavidade de um lado ao outro e manchas pretas em sua estrutura.

Dimensões:

Altura: 24 cm

Largura: 22 cm

Profundidade: 22 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Ruim

Condições de reprodução: Sem restrições.



PORCELANAS



Número de registro: MHM.PRCL.0104

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Isolador elétrico

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Objeto de base e superfície arredondadas, possui o centro cilíndrico, liso, na cor marrom escuro, apresenta em seu centro uma perfuração desde a base até a superfície. Neste item existem ranhuras e desgastes em sua pintura

Dimensões:

Altura: 6,4 cm

Largura: 7,2 cm

Profundidade: 7,2 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.



Número de registro: MHM.PRCL.0105

Outros números: Não consta

Situação: 1

Denominação: Isolador elétrico

Autor: Desconhecido

Resumo descritivo:

Objeto com estrutura arredondada, na cor marrom, está fixada em um suporte de ferro. Possui em seu topo uma cavidade que perpassa horizontalmente de um lado ao outro. Esta peça apresenta pequenas ranhuras e seu suporte metálico está parcialmente oxidado.

Dimensões:

Altura: 12 cm

Largura: 21,5 cm

Profundidade: 8 cm

Material/técnica: Porcelana

Estado de Conservação: Bom

Condições de reprodução: Sem restrições.

BIBLIOGRAFIA

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação Museológica. In: **CADERNO de diretrizes museológicas.1**. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006. 2º. Edição.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. Portugal. **Museu [Definição]**. [20--]. s.d.<Disponível em: <https://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu/> >. Acesso em: 1 jun. 2020.

JULIÃO, Leticia. Apontamentos sobre a história do museu. In: **CADERNO de diretrizes museológicas. 1**. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006. 2º. Edição.

SUANO, Marlene. **O que é Museu**. Coleção Primeiros Passos. Brasiliense. 1986.

LEGISLAÇÃO

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988.

_____. **Lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009**, Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. <Disponível em:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm> Acesso em: 1 de junho de 2020.

_____. **Lei nº 11.906 de 20 de janeiro de 2009**, Cria o Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, cria 425 (quatrocentos e vinte e cinco) cargos efetivos do Plano Especial de Cargos da Cultura, cria Cargos em Comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS e Funções Gratificadas, no âmbito do Poder Executivo Federal, e dá outras providências .<Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Lei/L11906.htm > Acesso em: 1 de junho de 2020.

FONTES

DIA 20 de julho – Às 14 horas, Início da 8ª Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Carangola. **Folha da Mata**. Carangola, p. 1-8. 17 jul. 1952 Fichas Catalográficas do Museu Histórico Municipal

Fichas catalográficas do Museu Histórico geográfico Municipal

IDEIA para um Museu em Carangola. **Gazeta de Carangola**. Carangola, p. 1-8. 21 fev. 1976.

REGISTROU um notável acontecimento a 8º Exposição Agro-pecuária e Industrial. **Gazeta de Carangola**. Carangola, p. 1-6. 2 ago. 1952

i Este inventário fora organizado a partir das peças depositadas de forma desordenada na atual sede provisória do Museu. Por conta da situação em que o Museu se encontra e em razão do curto prazo para a conclusão desta pesquisa, foram inventariadas cinco coleções que compõem as seguintes categorias: Arte Sacra, Arqueologia, Mobiliário, Imagem e Som, Utensílios Domésticos, Ferramentas, Vestuário, Pinacoteca, Diversas, História Natural e Fotografias.

REFERÊNCIAS

ABREU; Alzira Alves de et al. **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos 50**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

AMORIM, Érika Oliveira; NARCISO, Luciana do Carmo; PAULA, Thaise Oliveira. A Universidade, o Museu e a Escola: o Ensino de História e o viés extensionista. **História e Ensino**, Londrina, v. 25, n. 1, p. 373-389, jul. 2019

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Arquivos permanentes. Tratamento documental**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. Heloisa. **O papel instrumental dos arquivos e as qualidades profissionais do arquivista**. *Ágora: Revista do Curso de Arquivologia da UFSC, Florianópolis*, v. 22, n. 44, 2012

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRAYNER, Natália. **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais**. IPHAN 3ª Ed. Brasília - DF. 2012.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e História. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). **Cidade: História e Desafios**. 2002.

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação Museológica. In: **CADERNO de diretrizes museológicas**. 1. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006. 2º. Edição.

CARELLI, Rogério. **Efemérides Carangolense 1827 – 1959**. Viçosa, MG: Folha de Viçosa, 2002

CARR, Eduard H. **O que é História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Trad. de Luciano Vieira Machado. 3a. ed. São Paulo: Estação Liberdade/Editora da UNESP, 2006.

COOPER, Hilary. Aprendendo e ensinando sobre o passado a crianças de três a oito anos. **Educar**, Editora UFPR, Curitiba, Especial, p. 171-190, 2006.

DUCHEIN, Michel. Los obstáculos que se oponen al acceso, a la utilización y a la transferencia de la información conservada en los archivos: un estudio del **Ramp**. Paris: Unesco, 1983.

FERREZ, H. D. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: **FÓRUM NORDESTINO DE MUSEU**, 4., Recife. Trabalhos apresentados... Recife: IBPC/Fundação Joaquim Nabuco, 1991.

FONSECA, Maria Cecília. Para **além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural**. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 56-76.

FONSECA, Ricardo Marcelo. O POSITIVISMO, “HISTORIOGRAFIA POSITIVISTA” E HISTÓRIA DO DIREITO. *Argumenta Journal Law*, Jacarezinho - PR, n. 10, p. 143-166, fev. 2013. ISSN 2317-3882. Disponível em: <<http://seer.uenp.edu.br/index.php/argumenta/article/view/131>>. Acesso em: 20 mar. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.35356/argumenta.v10i10.131>.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Ltc, 1926.

GONÇALVES, José Reginaldo. **O Patrimônio como Categoria de Pensamento** 2003. In ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e Patrimônio**. Ensaaios Contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. Portugal. **Museu [Definição]**. [20--]. s.d.<Disponível em: <https://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu/>>. Acesso em: 1 jun. 2020.

ICOM (Conselho Internacional de Museus). Declaração de Santiago. Mesa Redonda de Santiago do Chile, 1972

_____, (Conselho Internacional de Museus). **Declaração de Caracas**. Caracas, 1992.

JULIÃO, Leticia. Apontamentos sobre a história do museu. In: **CADERNO de diretrizes museológicas**. 1. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006. 2ª. Edição.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

LE GOFF, Jacques (Dir.) **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. – 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LEMOS, Carlos. **O que é patrimônio histórico**. 2006 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LOPES, Maria Margaret. A favor da desescolarização dos museus. **Educação e Sociedade**, vol.40, dez.1991, p.443- 455.

LOWENTHAL, David. **Como Conhecemos o Passado**. Projeto História, São Paulo, no. 17, nov.1998.

MENESES, U. (1993). A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). **Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material**,1(1), 207-222. <https://doi.org/10.1590/S0101-47141993000100014>

MERCADANTE, Paulo. **Crônica de uma Comunidade Cafeeira: Carangola: O Vale e o Rio**. Belo Horizonte. Itatiaia, 1990

MUSEUS, Instituto Brasileiro de. **Para Fazer uma Exposição: o que é uma exposição**. Brasil: Online, 2019. Disponível em:https://mooc.escolavirtual.gov.br/pluginfile.php/6161003/mod_resource/content/5/IBRAM_Exposicao_M1.pdf. Acesso em: 6 jun. 2020.

_____, Instituto Brasileiro de. **Documentação de Acervo Museológico: entrada do objeto**. Brasil: 2019. Disponível em: https://mooc.escolavirtual.gov.br/pluginfile.php/6160498/mod_resource/content/6/IBRAM_DocumentacaoMuseologica_M1.pdf. Acesso em: 10 jun. 2020

NORA, Pierre; AUN KHOURY, Tradução: Yara. ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S.l.], v. 10, out. 2012. ISSN 2176-2767. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>>. Acesso em: 22 set. 2018

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação museológica e gestão de acervo**. FCC Edições, 2014.

PIMENTEL, Eduardo Francisco. Museu municipal: memória, história e identidade - O Museu Municipal de Carangola - MG. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2016. 257p

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

_____, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro vol.2 nº3, 1989.

POMIAN, Krzysztof. **Colecção**. Enciclopédia Einaudi. Porto: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI: do monumento aos valores.** 2009.

RAMOS, Francisco. **A danação do objeto: o museu no ensino de história,** Chapecó: Editora Argos, 2004.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Tradução: Alain François. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROUSSO, Henry. **O arquivo ou o indício de uma falta** (trad. Dora Rocha). Revista Estudos Históricos,

RÜSEN, Jörn. **Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história.** Revista história da historiografia. Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), nº 02, p. 163-209, março 2009.

SANTOS, José Luiz. **O que é cultura?** São Paulo: Editora Brasiliense. 2006

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Museus brasileiros e política cultural.** *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2004, vol.19, n.55, pp.53-72. ISSN 0102-6909. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092004000200004>.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23ª.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SUANO, Marlene. **O que é Museu.** Coleção primeiros passos 182. Brasiliense. 1986, p.10 – 25.

TESSITORE, Viviane. **Como implantar centros de documentação.** São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2003, volume 9. (Projeto como fazer).

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. COMISSÃO DE PATRIMÔNIO CULTURAL. **Guia de museus brasileiros.** São Paulo: Edusp, 2000. 498 p. (Uspiana Brasil 500 Anos).

VIEIRA, Lucas Schuab. **A Imprensa como Fonte para a Pesquisa em História: Teoria e Método.** Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/vieira-lucas-2013-imprensafonte-pesquisa.pdf> Acesso em: 17 de agosto de 2019

FONTES

A HISTÓRIA se perdendo. **Folha da Mata**. Carangola. 26 maio 1991.

ALMEIDA, Paulo (Ed.). O Museu em que deu? **Gazeta de Carangola**. Carangola. 24 abr. 1976.

ALVES, Ivan (Ed.). Museu reabre em precárias condições. **Gazeta de Carangola**. Carangola. 1 a 15 maio 1987.

ARQUIVO da Municipalidade, um modelo! **Folha da Mata**. Carangola, p. 2. 20 out. 1960

ARQUIVO Histórico necessita Séde Própria. **Folha da Mata**. Carangola. 22 dez. 1960.

ARQUIVO Histórico receberá documentação Fórum. **Jornal da Cidade**. Carangola. 15 a 30 jun. 1993.

ARQUIVO Histórico. **Folha da Mata**. Carangola. 10 nov. 1960.

BAPTISTA, Rosemary Faria. Por Um Museu Regional. **Gazeta de Carangola**. Carangola, p. 1-1. 04 nov. 1983.

CARELLI, Rogério. Ideia para um museu em Carangola. **Gazeta de Carangola**. Carangola. 21 a 28 fev. 1976

CARELLI, Rogério. Ideia para um Museu em Carangola. **Gazeta de Carangola**. Carangola, p.2-4. 21 a 28 jan. 1976

CARELLI, Rogério. Projeto do Museu Carangolense. **Gazeta de Carangola**. Carangola. 25 e 27 de março, 1976.p.1

Carta de Rogerio Carelli enviada para o prefeito Municipal de Carangola em 1983. p.3. Documento pertencente ao Arquivo Histórico-Geográfico de Carangola.

CONHEÇA e prestigie o museu de sua cidade. **Jornal da Cidade**. Carangola. 1 a 30 jun. 1994

CONSELHO DELIBERATIVO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE CARANGOLA, Carangola. Ata da reunião realizada no dia 29 de nov de 2007. Livro 1.p.53

CONSELHO DELIBERATIVO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE CARANGOLA, Carangola. Ata da reunião realizada no dia 13 de maio de 2004. Livro 1.p.38.

CONSELHO DELIBERATIVO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE CARANGOLA, Carangola. Ata da reunião realizada no dia 25 de maio de 2005. Livro 1.p.42.

CONSELHO DELIBERATIVO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE CARANGOLA, Carangola. Ata da reunião realizada no dia 8 de junho de 2005. Livro 1.p.44

CONSELHO DELIBERATIVO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE CARANGOLA, Carangola. Ata da reunião realizada no dia 9 de outubro de 2008. Livro 1. Folha Anexa.

DISCURSO de Carrara em 17/06/94 na íntegra. **Jornal da Cidade**. Carangola, p. 1-9. 1 a 30 jun. 1994.

DISCURSO de Niza Albuquerque em 17/06/94, na íntegra. **Jornal da Cidade**. Carangola, p. 1-9. 1 a 30 jun. 1994.

GRUPO Escolar Do Objetos Para o Museu. **Folha da Mata**. Carangola, 6 ago. 1959. p.2

GUIMARÃES, Cruzlatino Tavares (Ed.). Registrou um notável acontecimento a 8º Exposição Agro-pecuária e Industrial. **Gazeta de Carangola**. Carangola, p. 12 ago. 1952

GABINETE DO PREFEITO, Carangola. Ata da reunião realizada no aos vinte dias de outubro de 1994.

HOSKEN, Jayro Motta. Museu Municipal: Uma Campanha Neritória. **Folha da Mata**. Carangola. 20 fev. 1959.p.1.

_____, Jayro Motta; CATA-PRETA, José H. (red.). HOSKEN, Dia 20 de julho às – 14h, Início da 8ª exposição regional agropecuária. **Folha da Mata**. Carangola, p. 1-1. 17 jul. 1952

_____, Jayro Motta. Acêrvo Histórico do Município. **Folha da Mata**. Carangola, p. 1-1. 23 fev. 1960.

MUSEU Continua Recebendo Doações e Promove Exposições. **Gazeta de Carangola**. Carangola, p. 4-4. 1 maio 1992

MUSEU em que deu? **Gazeta de Carangola**. Carangola, p. 1-5. 24 abr. 1976.

MUSEU Histórico e Geográfico de Carangola: Um museu que ensina vida. Um museu que ensina vida. **Gazeta de Carangola**. Carangola, p. 6-6. 15 a 31 maio 1992.

MUSEU Histórico: Orgulho de Carangola. **Folha da Mata**. Carangola, p. 3-3. jun. 1999

MUSEU Municipal sob nova direção. **Jornal da Cidade**. Carangola, p. 1-9. 16 abr. 1994

MUSEU necessita de seu Concurso. **Folha da Mata**. Carangola. 11 jun. 1959.

MUSEU reabre com acervo em precárias condições. **Gazeta de Carangola**. Carangola. 1a 15 maio 1987.

MUSEU será registrado este ano. **Gazeta de Carangola**. Carangola. 10 abr. 1982.p.4

MUSEU. **Folha da Mata**.Carangola.1 out. 1959.

OBRAS do Museu em fase final de acabamento. **Gazeta de Carangola**. Carangola, 15 nov. a 15 dez. 1991.

Regimento Interno do Museu Histórico-Geográfico-Científico.

SUGESTÕES para organizar um museu em Carangola- 1ª de uma serie”. **Gazeta de Carangola**, 17 de janeiro, 1981.

PARTICULAR também doa objetos. **Folha da Mata**. Carangola. ago. 1959.

LEGISLAÇÃO

BRASIL, Constituição (1988) **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 5 de outubro de 1988.

_____, Constituição (1937). Decreto nº 25, de 30 de novembro de 1937. **Organiza A Proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.** Rio de Janeiro, Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_no_25_de_30_de_novembro_de_1937.pdf. Acesso em: 29 fev. 2020

_____, Lei nº 5775, de 30 de setembro de 1971. **Autoriza o Poder Executivo a instituir, sob forma de fundação, o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA/MG) e da outras providências.** Belo Horizonte, MG, 30 set. 1971. Seção 5. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?>

_____, Lei 8.159, de 08 de janeiro de 1991. **Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências.** Diário Oficial da União, Brasília, 09 jan. 1991.

_____, **Lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009**, Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. <Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm> Acesso em: 1 de junho de 2020.

_____, **Lei nº 11.906 de 20 de janeiro de 2009**, Cria o Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, cria 425 (quatrocentos e vinte e cinco) cargos efetivos do Plano Especial de Cargos da Cultura, cria Cargos em Comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS e Funções Gratificadas, no âmbito do Poder Executivo Federal, e dá outras providências. <Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Lei/L11906.htm> Acesso em: 1 de junho de 2020.

_____, Ministério da Cultura. **Resolução Normativa nº 2, de 29 de agosto de 2014.** Estabelece os elementos de descrição das informações sobre o acervo museológico, bibliográfico e arquivístico que devem ser declarados no Inventário Nacional dos Bens Culturais Musealizados, em consonância com o Decreto nº 8.124, de 17 de outubro de 2013. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 1º set. 2014. Seção 1, p. 14.

CAMARA MUNICIPAL DE CARANGOLA (Município). Constituição (1959). **Lei Municipal nº 205**, de 14 de maio de 1959. Carangola.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CARANGOLA. Constituição (1983). Lei nº 2.003, de 11 de abril de 1983. Carangola.

TRIBUNAL de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. **Resolução 16** de 25 de agosto de 2016. Poder Judiciário da União. Disponível em: <
<https://www.tjdft.jus.br/publicacoes/publicacoes-oficiais/resolucoes-do-pleno/2016/resolucao-16-de-25-08-2016>> Acesso em: 16 dez. 2019

APÊNDICE

APÊNDICE A – Quadro com a relação dos jornais que abordavam temáticas referentes ao Arquivo e/ou ao Museu

| Nome do Jornal | Data de publicação | Notícia |
|---------------------------------------|---|--|
| Folha da Mata | 17 de julho de 1952 | “Dia 20 de julho às – 14h, Início da 8ª exposição regional agropecuária” |
| Gazeta de Carangola | 02 de agosto de 1952 | “Registrou um notável acontecimento a 8º Exposição Agro-pecuária e Industrial” |
| Folha da Mata | 26 de fevereiro de 1959 | “Museu Municipal: Uma campanha Neritória” |
| O Liberal | 16 de maio de 1959 | “Museu Municipal de Carangola” |
| Folha da Mata | 11 de junho de 1959 | “Museu necessita de seu Concurso” |
| Gazeta de Carangola | 27 de junho de 1959 | “Prefeitura M. Carangola” (Lei Municipal) |
| Gazeta de Carangola | 27 de junho de 1959 | “Câmara M. de Carangola” (Lei Municipal) |
| Folha da Mata | 06 de agosto de 1959 | “Grupo escolar doa objetos para o Museu” |
| Folha da Mata | 06 de agosto de 1959 | “Nova doação para o Museu Municipal”; “Particular doa objetos” |
| Folha da Mata | 12 de setembro de 1959 | “Museu Municipal: Ideia que vai se tornando realidade” |
| Folha da Mata | 01 de outubro de 1959 | “Museu” |
| Folha da Mata | 20 de outubro de 1960 | “Arquivo da Municipalidade, um modêlo!” |
| Folha da Mata | 27 de outubro de 1960 | “Arquivo Histórico” |
| Folha da Mata | 10 de novembro de 1960 | “Arquivo Histórico” |
| Gazeta de Carangola (edição especial) | 01 de janeiro de 1982 | “Museu Histórico” |
| Gazeta de Carangola | 10 de abril de 1982 | “Museu será registrado este ano” |
| Gazeta de Carangola | 04 de novembro de 1983 | “Por um Museu Regional” |
| Gazeta de Carangola | 01/15 de maio de 1987 | “Museu reabre com acervo em precárias condições” |
| Folha da Mata | 26 de maio de 1991 | “A História se perdendo” |
| Gazeta de Carangola | 15 de novembro a 15 de dezembro de 1991 | “Obras do Museu: Em fase final de acabamento” |
| Gazeta de Carangola | 1 a 30 de abril de 1992 | “Prefeito Inaugura Reforma do Arquivo Histórico e Museu Municipal” |

| Nome do Jornal | Data de publicação | Notícia |
|-----------------------|---------------------------|---|
| Gazeta de Carangola | 1 a 31 de maio de 1992 | “Museu Continua Recebendo Doações e Promove Exposições” |
| Gazeta de Carangola | 1 a 31 de maio de 1992 | “Arquivo e Museu: programação até o fim do ano” |
| Gazeta de Carangola | 15 a 31 de maio de 1992 | “Museu Histórico e Geográfico de Carangola: Um museu que ensina a vida” |
| Gazeta de Carangola | 30 de junho de 1992 | “Museu Promoverá Exposição de Artes Plásticas” |
| Gazeta de Carangola | 30 de junho de 1992 | “Arquivo Histórico faz levantamento de ruas e nomes de homenageados” |
| Gazeta de Carangola | 15 de novembro de 1992 | “Museu prepara plano de atividades para 1993” |
| Jornal da Cidade | 15/30 de junho de 1993 | “Arquivo Histórico receberá documentação Fórum” |
| Jornal da Cidade | 01/ 15 de abril de 1994 | “Conhecer a Cidade” |
| Jornal da Cidade | 16/30 de abril de 1994 | “Museu Municipal sob nova direção” |
| Jornal da Cidade | 01/30 de junho de 1994 | “Museu é reapresentado ao público” |
| Jornal da Cidade | 01/30 de junho de 1994 | “Fórum de integração cultural” |
| Jornal da Cidade | 01/15 de novembro de 1994 | “Carangola em um novo momento cultural” |
| Folha da Mata | Julho de 1999 | “Museu Histórico: orgulho de Carangola” |

APÊNDICE B- Tabela de Atas das Reuniões do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural de Carangola – 1997 a 2004

| Nº da Ata | Data da Reunião | Assunto |
|-----------|-----------------|--|
| Ata 1 | 07/04/1997 | Abertura do Livro e os conselheiros discutem a necessidade de elaborar relatórios dos imóveis e demais bens que podem ser considerados de valor histórico; os conselheiros discutem ainda a necessidade de elaborar o Regimento Interno do Conselho. |
| Ata 2 | 07/05/1997 | Discutem a elaboração do Regimento Interno do Conselho Deliberativo e decidem usar como referência o modelo do Conselho de Belo Horizonte. |
| Ata 4 | 14/08/1998 | Prosseguem com a discussão sobre a elaboração do Regimento Interno do Conselho e optam por usar outros regimentos como modelo; combinam de entrar em contato com o IEPHA solicitando esclarecimento sobre os regimentos e uma palestra para isto. |
| Ata 5 | 19/08/1998 | Falam sobre um curso em Uberlândia e o presidente do Conselho mostra a cópia do ofício encaminhado ao IEPHA; estudam o Regimento Interno |
| Ata 6 | 26/08/1998 | Estudos acerca do regimento. |
| Ata 7 | 08/10/1998 | Reunião para escolher fotografias antigas de Carangola para espaço cultural a ser construído no cemitério municipal. |
| Ata 8 | 08/03/1999 | Reunião para discutir a pintura do corrimão da rua Santa Luzia; também falam do Planejamento e Política de Proteção ao Patrimônio Cultural do município. |
| Ata 9 | 18/01/2000 | Falam sobre o tombamento de bens móveis; decidem fazer um orçamento de manutenção do Pontilhão |
| Ata 10 | 23/03/2000 | Dia 11 do mesmo mês, ocorreu uma sessão no salão da prefeitura para apresentar os 11 processos de tombamento; na reunião do dia 23 fica combinado que cada membro do conselho fará a apresentação individual de algum dos bens em questão. |
| Ata 11 | 24/03/2000 | Apresentação dos relatos dos conselheiros; decidem tomar os 11 bens |
| Ata 12 | 04/05/2000 | Discutem a viagem de um conselheiro à BH para entregar ao IEPHA a documentação dos 11 bens. |
| Ata 13 | 07/07/2000 | Discutem o conceito de tombamento. |
| Ata 14 | 10/10/2000 | Análise de orçamento para proteção do patrimônio cultural. |
| Ata 15 | 05/03/2002 | Discutem a necessidade de maior atuação do conselho devido ao longo período paralisado e apresentam novas propostas de tombamento. |

| | | |
|--------|------------|---|
| Ata 16 | 08/03/2002 | Modificam um item do regimento, falando que o membro que faltar a 2 reuniões sem justificar será extinto; notificam algumas instituições sobre o tombamento de suas edificações e falam sobre a pintura da rodoviária. |
| Ata 17 | 11/03/2002 | Reunião com o prefeito para falar sobre a necessidade do repasse de verbas destinadas ao patrimônio. |
| Ata 18 | 03/04/2002 | Nomeação de novos membros do conselho feito pelo prefeito; discutem a questão do repasse de verbas, novos tombamentos, cores para pintar a prefeitura, conselheiros novos, agora membros da comunidade. |
| Ata 19 | 10/04/2002 | Cerimônia de posse de novos membros do conselho; apresentação de processos de tombamento. |
| Ata 20 | 22/04/2002 | Impugnação do processo de tombamento do "casarão". |
| Ata 21 | 29/04/2002 | Leitura de uma correspondência da câmara solicitando as atas do conselho; falam das dificuldades em tomar bens particulares; conflitos devido à imprudência de um membro do conselho que interferiu de forma negativa em um tombamento. |
| Ata 22 | 08/05/2002 | Conflitos decorrentes da reunião passada, onde uma conselheira foi expulsa do conselho. |
| Ata 23 | 21/05/2002 | Os conflitos das reuniões anteriores continuam; agora é feita uma votação para decidir se a conselheira que pode ter prejudicado o tombamento deve ou não ser exonerada do cargo e discutem o tombamento do sítio arqueológico. |
| Ata 24 | 06/06/2002 | Discutem sobre o primeiro congresso de patrimônio de Carangola. |
| Ata 25 | 26/08/2002 | A "FAFILE" foi tombada e os administradores não tinham conhecimento, por isso fizeram algumas mudanças sem notificar ou consultar o conselho. Nessa reunião, discutem se devem ou não aplicar multas aos administradores da faculdade; dois votam a favor da multa, cinco contras. Na reunião, os conselheiros apresentam mais imóveis com a intenção de tombá-los. Os administradores da faculdade solicitam a remoção do tombamento da mesma, ao que é decidido tomar só a fachada. |
| Ata 26 | 11/10/2002 | Conselho comenta sobre visita a imóveis que foram apontados como possíveis tombamentos |
| Ata 27 | 25/11/2002 | Discutem sobre uma reforma que já vinha sendo feita por populares; o conselho intervem, e agora um engenheiro da prefeitura acompanha a obra. Criação da FUNPAT: Fundo Municipal de Recuperação do Patrimônio Artístico, Histórico e Arquitetônico. Proposta de tombamento do arquivo. |

| | | |
|--------|------------|---|
| Ata 28 | 06/12/2002 | Discutem sobre o FUNPAT (Lei Municipal nº 3.354/02 de 06 de novembro de 2002). Discutem sobre os camelôs nos entornos da rodoviária e concluem um processo de tombamento do sítio arqueológico. |
| Ata 29 | 29/12/2002 | Leitura de lei do FUNPAT e questionamento do prefeito em relação à criação da conta para o patrimônio. |
| Ata 30 | 12/02/2003 | Discutem uma solicitação de que parte da antiga estação ferroviária ofereça uma exposição de fotografias durante os dias de carnaval. |
| Ata 31 | 16/04/2003 | Discussão sobre os camelôs e sobre a conselheira exonerada; discussão sobre o dinheiro ainda não repassado ao FUNPAT. |
| Ata 32 | 16/10/2003 | Discutem a importância da comunidade fazer parte do conselho. |
| Ata 33 | 13/05/2004 | Falam da importância da atuação de um profissional da área do patrimônio; falam da possibilidade de transformar a antiga estação em museu ferroviário, loja de artesanatos, arquivo público e biblioteca. |

APÊNDICE C- Tabela de Atas das Reuniões do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural de Carangola a partir de 2005

| Nº da Ata | Data da Reunião | Assunto |
|--------------------|-----------------|---|
| Ata de Posse (S/N) | 09/03/2005 | Posse de novos membros do conselho. |
| Ata 1 | 10/03/2005 | Os conselheiros discutem e concordam em fazer da antiga Estação sede de um atelier. |
| Ata 2 | 16/03/2005 | Discutem a possibilidade de transferir o Museu, o Arquivo e a Biblioteca para o prédio da Barbosa e Marques. |
| Ata 3 | 28/03/2005 | Discutem a emenda em relação ao FUNPAT. |
| Ata 4 | 13/04/2005 | Reunião feita na antiga Estação Ferroviária para mostrar como os artesãos se apropriaram do lugar e como estão cuidando do mesmo. |
| Ata 5 | 25/05/2005 | Os conselheiros recebem um plano de inventário dos patrimônios que foram encaminhados ao IEPHA; discutem políticas que estavam sendo tratadas pelo Turismo e pelo Patrimônio; discutem a reforma do prédio da Prefeitura Municipal. Um conselheiro sugere o cadastramento dos bens do Museu Histórico. |
| Ata 6 | 08/06/2005 | Um dos Conselheiros solicita aos membros a retirada de alguns instrumentos que pertenciam aos índios do Sítio Arqueológico para fotografar. Os instrumentos encontram-se no museu. Os conselheiros concordam e um deles sugere que o Arquivo, o Museu e a Biblioteca façam parte do “Corredor Cultural” junto à cooperativa de artesãos. Falam ainda da possibilidade de tombar o acervo do arquivo municipal, pois não deram a ele ainda a devida importância. |
| Ata 7 | 15/06/2005 | Um dos conselheiros apresentou um documento onde estavam classificadas e enumeradas as peças do Museu para facilitar sua catalogação. Um sargento se oferece para doar peças sobre o exército brasileiro que se encontram no Tiro de Guerra para expor no museu. Os conselheiros discutem ainda a informatização do museu, arquivo e biblioteca municipal e discutem também a possibilidade de organizarem curadorias e exposições temáticas. |

| | | |
|---|------------|--|
| Ata 8 | 28/06/2005 | Discutem o nome que as placas que o museu e o arquivo receberão. Discutem a mudança do Arquivo Municipal alegando que o arquivo não deve estar anexado a nenhum órgão da prefeitura. Aqui discutem a separação do Arquivo e a ampliação do Museu. |
| Ata 9 | 13/07/2005 | Discutem a atualização do brasão municipal. |
| Ata 10 | 03/08/2005 | Prosseguem com a discussão sobre o brasão. |
| Ata 11 | 11/08/2005 | Continuam a discussão anterior. |
| Ata 12 | 30/08/2005 | Continuam a discussão sobre o brasão da cidade. |
| Ata 13 | 11/10/2005 | Reunião sobre o relatório da visita dos conselheiros ao IEPHA, dando ênfase aos valores adquiridos com os pontos marcados (ICMS) e abordam a necessidade de uma câmera fotográfica. |
| Ata 14 | 19/10/2005 | Discutem a reforma da Praça Coronel Maximiano e a restauração dos bens tombados. |
| Ata 15 | 30/11/2005 | Discutem a Reforma da Rodoviária (abordam também a questão da retirada dos camelôs e bares); falam da restauração do Pontilhão e da necessidade de estagiários (pensam em chamar alunos da FAFILE) e discutem o projeto “Volta do Trem”. |
| Ata 16 | 07/11/2005 | Discutem a necessidade do Regimento Interno do Conselho Deliberativo |
| 15/12/2005 – Inscrição do Jongo do Sudeste como Patrimônio Cultural do Brasil | | |
| Ata 17 | 01/02/2006 | Discutem as ações para esse ano, dentre elas: eventos culturais e identificação de bens tombados com placas, além da implementação do programa de Educação Patrimonial (convênio com a secretária de Educação) elabora do folhetos, cartilhas para divulgar o Patrimônio da cidade |
| Ata 18 | 15/03/2006 | Discutem abertura de conta do FUNPAT |
| Ata 19 | 26/04/2006 | Discutem a organização do Museu Municipal para que ele seja reaberto, existe escassez de mão de obra para realizar a limpeza e pequenos reparos. Falam ainda dá conta do FUNPAT que foi aberta |
| Ata 20 | 06/09/2009 | Apresentam um levantamento sobre todos os bens tombados; falam sobre o comodato do Barbosa e Marques efetivado pela prefeitura. A ideia é levar o Museu e o Arquivo para esse local. Os conselheiros ainda discutem sobre o curso de Capacitação de Políticas Culturais |

| | | |
|--------|------------|--|
| Ata 21 | 29/11/2006 | Discutem a pontuação do ICMS e ainda sobre o funcionamento do Arquivo e do Museu. O historiador responsável pelo arquivo foi afastado. Falam da proposta da criação de uma associação chamada “Amigos do Museu, do Arquivo Histórico, da Biblioteca” e sua possível organização no Barbosa e Marques |
| Ata 22 | 05/12/2006 | Discutem planos para promover o turismo em 2007 |
| Ata 23 | 20/12/2006 | Apresentam propostas de bens a serem tombados |
| Ata 24 | 14/02/2007 | Discutem questões relacionadas ao Barbosa e Marques só poderá ser usado para fins culturais. Falam novamente da criação da associação “Amigos do Museu” (tem estatuto, ver*). Os conselheiros falam ainda dá necessidade de profissionais capacitados para gerir o museu e o arquivo, no ensejo falam também da importância de divulgar o acervo do arquivo – uma vez que até pesquisadores de Portugal foram procurá-lo. |
| Ata 25 | 24/02/2007 | Dentre os assuntos, falam da necessidade de um profissional capacitado para cuidar do arquivo e um dos conselheiros sugere que o funcionário fique lá durante o horário das aulas lo menos um dia na semana para que os alunos possam consultá-lo; falam que um dos projetos de Educação Patrimonial propostos acabou por falta de funcionários da Secretaria de Cultura; um dos convidados propõe um projeto de Educação Patrimonial indígena nas escolas do município. |
| Ata 26 | 12/03/2007 | Discutem alguns processos de tombamento como os da imagem de São Geraldo |
| Ata 27 | 16/05/2007 | Discutem o tombamento da snob e seus problemas porque a proprietária queria que fazer algumas obras que modificariam o edifício |
| Ata 28 | 16/03/2007 | Conclusão do processo de tombamento da imagem de São Geraldo; falam da restauração do chafariz |
| Ata 29 | 19/03/2007 | Discutem o tombamento da snob e provisoriamente falam que vão tomar a fachada e a volumetria |
| Ata 30 | 20/05/2007 | Discutem sobre obras na Estação Rodoviária |
| Ata 31 | 05/06/2007 | Falam sobre o curso de Capacitação em Planejamento e sobre um congresso ICMS cultural |
| Ata 32 | 29/07/2007 | Reunião sobre o curso de capacitação em planejamento e gestão de políticas públicas de cultura, cujo objetivo é formar agentes culturais, tem módulos específicos sobre gestão de arquivo, gestão de museus e gestão de bibliotecas. |
| Ata 33 | 16/08/2006 | Falam sobre o sucesso do curso de capacitação e sobre o andamento das negociações do prédio Barbosa e Marques – vai bem e logo estará apto a receber o museu e o arquivo, deixando de pagar aluguel. |

| | | |
|--------|------------|---|
| Ata 34 | 04/04/2007 | Discutem reformas de alguns patrimônios como o chafariz, falam do tombamento provisório do prédio situado à rua Pedro de Oliveira. |
| Ata 35 | 11/04/2007 | Reunião realizada na capela de São Manoel, São Manoel do Boi para conscientizar a comunidade sobre tombamentos e sua devida importância. |
| Ata 36 | 24/04/2007 | Reunião para discutir o desabamento da sede da prefeitura (prédio este que já havia desabado uma vez em 1906 enquanto era prédio do Grupo Escolar). |
| Ata 37 | 03/05/2007 | Os conselheiros definiram a reconstrução da prefeitura. |
| Ata 38 | 29/05/2007 | Discutem a reconstrução da prefeitura. |
| Ata 39 | 06/06/2007 | Discussão sobre o projeto de reconstrução da prefeitura municipal. |
| Ata 40 | 11/07/2007 | Discutem a visita do arquiteto do IEPHA sobre a reconstrução da prefeitura; falam da solicitação da Ir. Maria Leonice para que o conselho visite a escola Servita Regina Pacis e veja a situação do bem, pois um muro caiu e querem reconstruir. Os conselheiros falam ainda de um Sítio descoberto em Alvorada tem mais ou menos 1600 anos e a equipe de Arqueologia da UFJF vai visitar para colher material. |
| Ata 41 | 23/07/2007 | Retomam a discussão sobre a reconstrução da prefeitura. |
| Ata 42 | 08/08/2007 | Discutem o tombamento definitivo da SNOB e a impugnação do tombamento da escola Benedito Valadares e a construção do muro da Regina Pacis. |
| Ata 43 | 30/08/2007 | Conselheiros pedem maior divulgação do conselho para que a população tenha noção da importância da não-descaracterização do bem e falam do uso do FUNPAT. |
| Ata 44 | 19/09/2007 | Discutem atividades referentes aos bens públicos da cidade e a autorização da reforma do prédio da associação dos artesãos. |
| Ata 45 | 03/10/2007 | Os conselheiros analisam a situação telhado do prédio da estação ferroviária. |
| Ata 46 | 17/10/2007 | Discutem questões referentes ao tombamento do prédio da SNOB. |
| Ata 47 | 13/11/2007 | Discutem a reforma da FAFILE. |
| Ata 48 | 05/12/2007 | Em decorrência da reforma da FAFILE, houve desativação do arquivo (temporário) e fala que posteriormente um professor da UFJF vai ao Barbosa e Marques ver o melhor lugar para o arquivo e falou ainda da feira do carangolense em BH que além de 5000 reais para os artesãos, arrecadou 1 computador e uma impressora para o arquivo. |

| | | |
|---------------------|------------|---|
| Ata 49 | 10/01/2008 | Discutem o registro e o tombamento do prédio da Sociedade 21 de Abril. |
| Ata 50 | 22/02/2008 | Votação do pré-tombamento da matriz de Santa Luzia, da igreja de nossa senhora do Rosário e igreja do Sagrado Coração. Informa sobre a doação do PC e da impressora para o arquivo e fala que foi levado ao pavilhão do Sindicato Rural. |
| Ata 51 | 08/02/2008 | Discutem os processos de tombamento das igrejas citadas anteriormente – decidem tombá-las provisoriamente; a Secretária de Educação e a Secretaria de Cultura estão pensando em propor um projeto de Educação Patrimonial cujo tema é “Reconstruindo a História”. |
| Ata 52 | 19/03/2008 | Os conselheiros falam sobre o Simpósio de Arqueologia na FAFILE; falam que a reforma do Barbosa e Marques é preocupante porque não está atendendo as expectativas. O Ministério Público solicita dados do município e do FUNPAT. |
| Ata 53 | 09/04/2008 | Os conselheiros finalizam o processo de tombamento da Matriz de Santa Luzia. Em relação às instalação do museu no prédio do Barbosa e Marques, estagiários da UFJF ajudarão. |
| Ata 54 | 09/04/2008 | Continuam a discussão sobre a finalização do tombamento da Matriz |
| Ata 55 - NÃO CONSTA | | |
| Ata 56 | 27/06/2008 | Discutem faltas de alguns conselheiros e discutem ainda sobre a plantação indevida de eucalipto em um sítio arqueológico |
| Ata 57 | 16/07/2008 | Discutem os ajustes da obra do Barbosa e Marques onde o Arquivo já encontra-se instalado |
| Ata 58 | 06/08/2008 | Reunião para informar que as obras do Barbosa e Marques estão na fase final, para instalar o museu e o arquivo serão contratados especialistas; os conselheiros falam ainda de colocar no prédio do antigo museu a Biblioteca Municipal |
| Ata 59 | 12/09/2008 | Falam que as goteiras do telhado da faculdade – antiga sede do arquivo comprometia seu acervo. |
| Ata 60 | 23/12/2008 | Reunião para discutir a reforma da Praça Coronel Maximiano |
| Ata 61 | 19/11/2008 | Os conselheiros entram em contato com a Sociedade 21 de abril; falam da descaracterização do prédio da SNOB; falam da possível criação de uma associação que dará apoio à cultura Carangolense. |
| Ata 62 | 23/12/2008 | Os conselheiros abordam que a reforma do Barbosa e Marques deixou a desejar, e com a intensidade das chuvas o trabalho foi parcialmente destruído comprometendo seu pleno funcionamento |

| | | |
|---------------------|------------|---|
| Ata 63 | 15/01/2009 | Os conselheiros falam sobre o assalto ao prédio do museu, segundo os mesmos, os invasores não levaram nada e deixaram um bilhete afirmando isso; na reunião ainda é falado que a defesa Civil doou telhas para a reforma do telhado |
| Ata 64 | 18/02/2009 | Os Conselheiros discutem a nova composição da Secretaria de Cultura e a reforma da praça Coronel Maximiano |
| Ata 65 | 31/03/2009 | Renovam o Conselho e discutem novas incumbências, inclusive a continuidade do projeto de Educação Patrimonial |
| Ata 66 | 08/04/2009 | Discutem proposta de convênio com a FAFILE e a UFJF. Parceria com a UFV cria museu itinerante que vai visitar escolas |
| Ata 67 | 20/05/2009 | Apresentam novos membros |
| Ata 68 | 15/07/2009 | Apresentam propostas de tombamento da imagem de nossa senhora da capela de São Manoel do Boi, dos quadros da via Sacra, registram expressões imateriais: Caxambu e boi Pintadinho. |
| Ata 69 | 09/10/2009 | Apresentam propostas de tombamento, regulamentação da lei do FUNPAT. Informam que a reinauguração do museu no fim de novembro |
| Ata 70 | 04/11/2009 | Votação de alguns processos de tombamento |
| Ata 71 | 02/12/2009 | Votação e registros de tombamentos |
| Ata 72 | 04/01/2010 | Votação para tombamento definitivo do Roseny Soares |
| Ata 73 | 05/02/2010 | Reunião extraordinária para apreciação do conselho sobre colocação de tela no pontilhão. |
| Ata 74 | 31/03/2010 | Conselheiros convidados para visitar o museu |
| Ata 75 | 19/05/2010 | Apresentação sobre o museu |
| Ata 76 | 14/07/2010 | Inauguração da nova sede da prefeitura |
| Ata 77 | 02/08/2010 | Cerimônia de posse de novos membros do Conselho |
| Ata 78 | 10/09/2010 | Planejamento para uso das verbas do FUNPAT |
| Ata 79 | 21/09/2010 | Falam da urgência de apresentar dossiês |
| Ata 80 - NÃO CONSTA | | |
| Ata 81 | 09/10/2010 | Falam da reforma da igreja Matriz |
| Ata 82 | 27/12/2010 | Discutem e planejam como usar ICMS cultural. Falam da possibilidade de reuniões no coreto para fomentar cidadania. Falam de eventos para levar gente aí museu que eles praticamente “caçam” visitantes. Projeto de educação patrimonial “Herança de um povo.” |

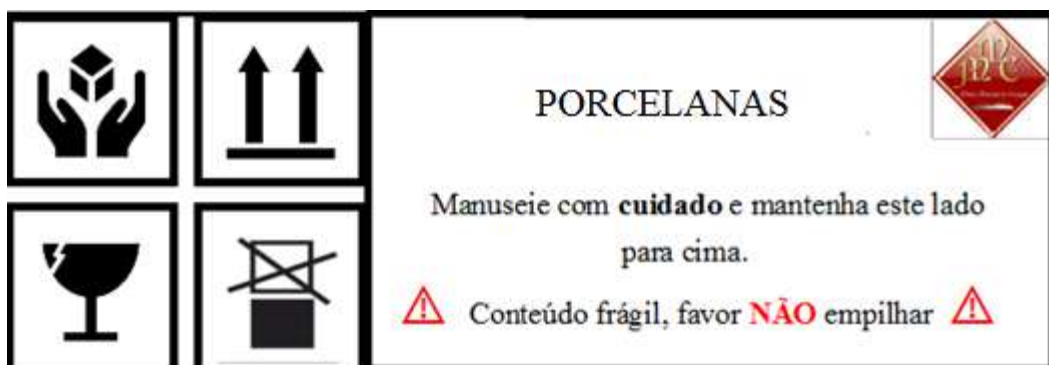
| | | |
|---------------------|------------|---|
| Ata 83 | 17/02/2011 | Os Conselheiros falam da instalação do corrimão na rampa de acesso na Igreja São Manoel do Boi |
| Ata 84 | 11/04/2011 | Os conselheiros discutem o projeto de reforma do Pontilhão |
| Ata 85 | 24/05/2011 | Posse dos novos membros; falam de editais para a reforma da Estação Ferroviária e do Pontilhão |
| Ata 86 | 20/06/2011 | Os conselheiros discutem sobre o Conselho Deliberativo Mirim |
| Ata 87 - NÃO CONSTA | | |
| Ata 88 | 07/07/2011 | Reunião na sede do museu para falar sobre a pontuação de ICMS cultural |
| Ata 89 | 22/09/2011 | Os conselheiros falam de tombamentos; falam da assinatura do termo de ajustamento de conduta sobre o museu itinerário nas escolas: palestras sobre a importância do trabalho realizado no museu elucidando a relevância dos conselheiros mirins nas escolas. O projeto está previsto para 2012. |
| Ata 90 | 26/11/2011 | Os Conselheiros discutem a restauração do Pontilhão e sobre o museu itinerante |
| Ata 91 | 06/06/2012 | Novamente falam do museu itinerante |
| Ata 92 | 30/10/2012 | Posse de novos membros; falam de reformas da Igreja Matriz e falam ainda sobre a restauração do Pontilhão |
| Ata 93 | 02/07/2015 | Apresentação de novos membros |
| Ata 94 | 22/07/2015 | Os conselheiros falam da necessidade de contratar uma empresa para prestar consultoria |
| Ata 95 | 07/07/2015 | Os conselheiros discutem a questão de contratar uma empresa para prestar consultoria (conforme dito na reunião anterior) |
| Ata 96 | 31/08/2015 | Os conselheiros falam em incluir escolas municipais no circuito mineiro de Patrimônio e falam ainda sobre cada fase de escolaridade |
| Ata 97 | 02/09/2015 | Os conselheiros discutem o ofício enviado pela Escola Melo Viana |
| Ata 98 | 24/10/2015 | Discutem o curto circuito na parte de baixo da Rodoviária |
| Ata 99 | 02/10/2015 | Discutem sobre a reforma da parte elétrica da Rodoviária |
| Ata 100 | 20/10/2015 | Discutem a manutenção do Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico. |

| | | |
|---------|------------|--|
| Ata 101 | 03/11/2015 | Falam em reelaborar o Regimento Interno do Conselho. |
| Ata 102 | 10/11/2015 | Os conselheiros discutem a possibilidade de tornar o Regimento Interno do Conselho um decreto municipal |
| Ata 103 | 18/11/2015 | Discutem a reforma da rodoviária, uma vez que fora usado de forma errônea o FUNPAT para tal. |
| Ata 104 | 24/11/2015 | Discutem o “Projeto Reluz”. |
| Ata 105 | 26/04/2016 | Discutem reforma da Rodoviária. |
| Ata 106 | 16/05/2016 | Os conselheiros falam sobre o desligamento/afastamento de membros |
| Ata 107 | 05/07/2016 | Falam da necessidade de fazerem adaptações no museu |
| Ata 108 | 15/07/2016 | Discutem projeto “Estação Cultural”. |
| Ata 109 | 11/08/2016 | Discutem bens a serem inventariados |
| Ata 110 | 05/08/2016 | Discutem ofícios enviados pela UEMG e Servita sobre possíveis mudanças em seus prédios |
| Ata 111 | 01/09/2016 | Discutem uma edificação no pátio da matriz de Santa Luzia |
| Ata 112 | 20/09/2016 | Discutem as medidas tomadas pelo conselho na reunião anterior, falam de materiais para preservar o patrimônio imaterial (Boi Pintadinho) |
| Ata 113 | 30/09/2016 | Discutem a aprovação da inscrição do Boi Pintadinho no registro de bens imateriais |
| Ata 114 | 04/10/2016 | O requerimento de verba para a manutenção do Boi-Pintadinho foi aprovado. |
| Ata 115 | 20/10/2016 | Discutem o registro do festejo da exposição agropecuária. |
| Ata 116 | 16/11/2016 | Discutem o inventário da Proteção ao Patrimônio Cultural. |
| Ata 117 | 13/06/2017 | Posse e apresentação dos novos membros do conselho. |
| Ata 118 | 24/08/2017 | Discutem a proposta de revitalização da praça Coronel Maximiano e ainda as atividades da Jornada Mineira de Patrimônio Cultural |
| Ata 119 | 17/10/2017 | Prosseguem com a discussão da reunião anterior |
| Ata 120 | 22/10/2017 | Discutem o acompanhamento dos tombamentos dos bens inventariados |
| Ata 121 | 22/03/2018 | Apresentação de novo membro do Conselho e discutem obras para a reabertura do museu e da biblioteca |

| | | |
|---------|------------|---|
| Ata 122 | 12/07/2018 | Posse da nova diretora da Secretaria de Cultura e discussão sobre uma proposta de revitalização do museu |
| Ata 123 | 26/07/2018 | Discutem a reforma para acessibilidade ao Fórum de Carangola |
| Ata 124 | 03/08/2018 | Prosseguem com a discussão da reunião anterior |
| Ata 125 | 16/07/2018 | Retomam a discussão sobre o Fórum; falam da reforma do telhado da Rodoviária; discutem os investimentos passados pelo FUMPAC; e ainda mencionam que o museu está aguardando vistoria do corpo de bombeiros |
| Ata 126 | 28/08/2018 | Discutem novas propostas para implantação do elevador no Fórum e falam ainda sobre problemas de infiltração e vazamentos na rodoviária |
| Ata 127 | 09/10/2018 | Informam sobre o andamento da reforma do Pontilhão no Ministério Público e falam sobre ações do museu. Um dos conselheiros problematiza o fato de no museu não haver uma gestão de arquivo |
| Ata 128 | 27/11/2018 | Falam principalmente que os laudos da vistoria do museu serão entregues no dia 29/11/2018 |
| Ata 129 | 29/11/2018 | Os conselheiros falam de atividades realizadas pela secretaria de cultura e sobre os bens inventariados, ainda discutem o acompanhamento de processos de tombamento |
| Ata 130 | 24/02/2019 | Discussão sobre o carnaval; falam sobre a importância de um "carnaval independente". Ofício da escola Melo Viana querendo fazer uma janela. Falam da capacitação de conselheiros para educação patrimonial*. Um dos conselheiros alerta os demais sobre medidas a ser tomadas em relação ao arquivo que está deteriorando. Abordam a necessidade de reformar o prédio atual e a inviabilidade por conta do próximo vencimento do contrato de comodato. Existe uma possibilidade de colocar museu/arquivo no prédio da rodoviária, fazendo as devidas mudanças. *Com a função de catalogar, inventariar e fazer um circuito dos bens tombados em parceria com os cursos de História, Geografia e Turismo. |

| | | |
|---------|------------|--|
| Ata 131 | 30/04/2019 | Discutem sobre a reforma da escola Melo Viana, esta não seria possível porque descaracterizaria o bem. Discutem sobre a reativação da Associação dos Amigos do Museu. Questionam-se sobre a possível parceria com os cursos da UEMG. Sugerem bens para tombamento. Discutem a reformulação do regimento interno. Discutem a revitalização da rodoviária e do pontilhão. |
| Ata 132 | 04/06/2019 | Apresentação da nova secretária. Proposta de mudança de trânsito da BR passando por trás da rodoviária. A nova presidente questiona as prioridades do conselho e uma das conselheiras comenta que o museu é uma prioridade. Falam da possibilidade de levar o Museu para o prédio do Banco do Brasil. |
| Ata 133 | 01/08/2019 | Nesta reunião houve a apresentação de posse de novos membros; a proposta de revitalização das praças e discussões sobre a pintura do Estádio Roseny Soares; falam sobre o uso do prédio Barbosa & Marques uma vez que o prédio fora posto para venda. Os conselheiros discutem a possibilidade de a prefeitura comprar o prédio e apresentam outros possíveis lugares para acomodar o Museu, o Arquivo e a Biblioteca. |
| Ata 134 | 27/11/2019 | Os Conselheiros discutem a mesma pauta da reunião anterior. |
| Ata 135 | 27/01/2020 | Posse do novo presidente, discutem sobre a situação do museu, arquivo e biblioteca após a enchente. |
| Ata 136 | 30/01/2020 | Os conselheiros discutem a situação do Museu, Arquivo e Biblioteca após terem feito a visitação em sua nova sede provisória. Nesta reunião os conselheiros apresentam a possibilidade de estabelecer parcerias com a UEMG e a Prefeitura Municipal através do “empréstimo” de funcionários. |
| Ata 137 | 17/02/2020 | Os conselheiros discutem o processo de recuperação do Arquivo, do Museu e da Biblioteca a partir das considerações e orientações dadas pela equipe técnica do Arquivo Público Mineiro. |
| Ata 138 | 28/04/2020 | Discute-se a aplicação da verba referente ao edital Museu Seguro no prédio da estação ferroviária e as problemáticas em torno desta possível transferência. |

APÊNDICE D – Exemplificação das etiquetas elaboradas para auxiliar no transporte e manuseio dos objetos encaixotados – 2020.



Exemplificação dos caixotes etiquetados com orientações para o transporte e manuseio de caixas contendo Máquinas de Costura.

